

RL



revista literária

50



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

Reitor

Jaime Arturo Ramírez

Vice-reitora

Sandra Regina Goulart Almeida

FACULDADE DE LETRAS

Diretora

Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-diretor

Rui Rothe-Neves

CÂMARA DE PESQUISA

Coordenador

Luis Alberto Brandão

Secretária

Kelle Carvalho

RL . revista literária da ufmg . 50 anos

Belo Horizonte | FALE/UFMG | 2016

organizadores

FERNANDA GOULART

LUIS ALBERTO BRANDÃO





coordenação de edição

FERNANDA GOULART
LUIS ALBERTO BRANDÃO

curadoria textual

ALINE SOBREIRA
DOUGLAS OLIVEIRA
EMÍLIA MENDES
EWERTON MARTINS RIBEIRO
IAGO PASSOS
LUIS ALBERTO BRANDÃO
SÉRGIO ALCIDES

projeto gráfico

FERNANDA GOULART
FERNANDO BADHARÓ
VITOR FARIA NOVATO

capa e ilustrações

livremente apropriadas
das edições da RL

diagramação

FERNANDO BADHARÓ

revisão

ALINE SOBREIRA
[Pi Laboratório Editorial]

NOSSOS ESPECIAIS AGRADECIMENTOS

à imprescindível colaboração de Carlos Alberto Marques dos Reis e Ronald Claver, editores da RL, pelo acesso a valiosos materiais e informações da história da revista;

ao apoio incondicional da Faculdade de Letras da UFMG, sobretudo à sua diretora, Graciela Inés Ravetti de Gómez, e a seu vice-diretor, Rui Rothe-Neves;

a todos que, de diferentes formas, generosamente contribuíram para a viabilidade deste trabalho: Amir Brito Cadôr, Ana Luiza Chaves Cardoso, Bruna Kalil Othero Fernandes, Carla Neves Neto Tavares, Daniela Mattos Menezes, Ernandes Rodrigo Norberto, Ernani Natalício Ferreira da Silva, Jaqueline Silveira Lage, João Menegale Barbi, Kelle dos Santos Carvalho, Leandro Rodrigues Alves Diniz, Leopoldina Aparecida Lopes, Lilian Martins Ramos, Luiza Fontes Martins, Marina Alves Corrêa, Miriam Marlene de Rezende Bergo, Priscila da Mata, Ronaldo Guimarães Gouvêa, Sônia Maria de Melo Queiroz.

Sumário

- 14** **Palavras de desejo**
- 19** **Coelho de Alice em Wonderland**
Rita Espeschit
- 20** **Choque ao portador**
Dulio Gomes
- 27** **Trama**
Maria Esther Maciel
- 28** **Assassino**
Sérgio Sant'Anna
- 38** **O diário de Medeia**
Guiomar de Grammont
- 43** **Tarde**
Antônio Rodrigues de Souza
- 44** **Do outro lado**
Jaime Prado Gouvêa
- 52** **Poema**
Max Martins
- 53** **A delicadeza do amor**
Sandra Duarte Penna
- 56** **Sinais de fumaça (da poesia e seus mistérios)**
Antônio Carlos de Souza Pereira
- 57** **Acontecimento de família**
Humberto Werneck
- 61** **O gado**
Antônio Barreto
- 66** **Uma questão de posseiros**
Sandra Lyon



Sobre o pistoleiro e sua postura	68	Poema	131
Fernando Rios		Adão Ventura	
Pizzas	79	Impacto	132
Fabício Marques		Adalgisa Botelho de Mendonça	
Free-jazz	85	Poema	135
Sérgio Aurélio de Souza		Luiz Carlos Alves	
Irmãozinhos	86	Todas as bonecas	137
César Guimarães		José Maria Braga	
Melodrama	88	Dívida	142
Venus Brasileira Couy		Sônia Queiroz	
A boa pinta	89	A chave no escuro	144
João Bosco de Araújo Moreira		José Márcio Penido	
O mel do amor	92	Viajante-caminhante das quebradas de além-mar	148
Ronald Claver		Lucia Castello Branco	
A Senhorita Thompson	93	Notas para o roteiro de um romance	150
Denise Costa de Almeida		Danilo Gomes	
Sinfonia número quarenta	98	A manada	158
Plínio Carneiro		Luiz Fernando de Andrade Figueiredo	
Hamlet	104	Sai dia, entra dia	159
Sergio Alves Peixoto		Eunice Dutra Galery	
Quintais antigos	105	Coração 3	163
Marcelo Ribeiro Leite de Oliveira		Jovino Machado	
Do diário de um pequeno burguês	107	Por favor, levem-me	164
Luis Gonzaga Vieira		Henry Corrêa de Araújo	
O gato (ou da nossa natureza)	129	Meditação sobre o morto	169
Orlando Bianchini		Marco Aurélio Duarte Gonçalves	
Tribuzanas urbanas - III	130	Uma história incrível	171
Alan de Freitas Passos		Antenor Pimenta Madeira	

Miragens	176
Carlos Herculano Lopes	
Odiado é o dia do diabo	177
Stela Cardoso de Carvalho	
Algum	185
Carlos Augusto Novais	
A teia	186
Francisco de Moraes Mendes	
Soneto do relógio de pulso	191
Ernesto Penafort	
Presente	192
Luiz Dias Bahia	
Amolação	202
Flávio Gonçalves Mota	
As três Juremas em ritmo de desencanto	203
Ana Maria de Almeida	
L	208
Paulo de Andrade	
Cenas de um voo	210
Índice onomástico	231
Editores da RL	249
Números de inscritos nos concursos da RL	250



Palavras de desejo

Tudo começou com um desejo. Ou melhor, vários desejos. Desejávamos divulgar a digitalização e a disponibilização pública do acervo completo da RL – Revista Literária da UFMG. Desejávamos, também, lançar luz sobre uma data marcante: os 50 anos de criação da revista. Fundada em 1966, a RL existiu por cerca de 30 anos, teve ao todo 27 números, publicou diversos nomes importantes, atingiu grande alcance nacional e internacional. Queríamos explorar esse valioso acervo, revisitar a história de sua construção, difundir e renarrar essa história, projetando-a para outros lugares, tempos, mídias, significados e sensibilidades. Sonhávamos em desenvolver um projeto coletivo que conjugasse pesquisa e produção editorial, que reunisse professores, alunos de graduação e de pós-graduação. Um projeto que ampliasse os vínculos entre a Faculdade de Letras e a Escola de Belas Artes da UFMG, que ultrapassasse os limites das unidades acadêmicas e da própria Universidade. Em especial, queríamos aliar exercício crítico e paixão pela arte, atividade científica e criadora. Todos esses desejos encontraram seu ponto de confluência e de concretização no presente volume.

O primeiro desafio consistiu em selecionar textos que fossem representativos da notável qualidade do que se publicou na revista, em suas várias fases. Como homenagem aos 50 anos, selecionamos 50 textos. Essa escolha gerou um material de alta voltagem literária. O desafio passou a ser, então, executar um trabalho de curadoria textual: organizar a antologia como uma espécie de narrativa, colocar os textos em diálogo e em atrito, para que produzissem interferências recíprocas, traduzissem os movimentos históricos, estéticos e políticos observáveis no percurso da RL. Uma narrativa que refletisse a complexidade da segunda metade do século XX. Uma narrativa com sinalizações claras, mas aberta de tal modo a poder ser reinventada pelo leitor.

Simultaneamente à curadoria textual, e com o mesmo espírito de interlocução entre passado e presente, empreendemos o trabalho com a visualidade gráfica e a materialidade da RL. Cores, formatos, texturas, padrões e desvios, espaçamentos e manchas, fontes, ilustrações e, é claro, o símbolo da revista – a coruja – foram redescobertos, reexaminados, reconfigurados para dar corpo a esta edição, que carinhosamente passamos a chamar de RL 50.

Várias outras frentes de atuação foram se desenvolvendo. Dedicamos-nos à pesquisa de documentos originais, às entrevistas com editores, à preparação do índice onomástico de todos os colaboradores da revista, à oferta de disciplinas em nível de graduação, que permitiram ampliar o raio da participação de alunos no projeto. Investimos, também, na criação e constante atualização de uma página em uma rede social, que possibilitou divulgar materiais que não teríamos como incluir na edição impressa. Houve, ainda, a elaboração do posfácio, intitulado “Cenas de um voo”, em que traçamos um painel das principais informações sobre a RL, entremeadas a narrativas de alguns de seus momentos-chave. Todas essas frentes buscaram preservar e expandir a intensa energia vital – intelectual, criativa, existencial, afetiva – que a história da revista concentra.

Após dois anos de trabalho contínuo, a empreitada para dar corpo à presente edição se concluiu. Os desejos, porém, não cessaram de vibrar. Desejo de literatura. Desejo de arte. Desejo de pensamento livre. Desejo de todas as formas de conhecimento. Desejo de todas as formas de história. Desejo de que reflexão e criação não se separem. Desejo de viabilizar projetos coletivos que, como a RL, estimulem o exercício estético, crítico, especulativo, político. Na verdade, o trabalho que gerou esta RL 50 não terminou. Abrindo um horizonte para que desejos antigos e novos se manifestem e se realizem, o trabalho está apenas começando.

Vamos desejar juntos?





Coelho de Alice em Wonderland

1989

RITA ESPESCHIT

Chego atrasada ao século XX.

Tarde demais
para amar a máquina
para soar buzinas, fábricas
ou chaleiras, me lambuzar
de óleo e elétrons.

Fora de hora
na era dos pós
espeto a modernidade
na veia poética.

Choque ao portador

DUILIO GOMES 1979

E ele comendo insetos como quem mastiga pipocas, jogando-os pela boca, de olhos fechados. A atração do parque. Fascínio e lânguido asco no rosto da moça que apertava a mão do noivo. Percevejos, pulgas, gorgulhos, moscas e formigas. Ele engolia tudo, mastigando e engolindo, mastigando o horror que estalava no céu da boca como uma constelação de abdômenes, tórax e cabeças. Há quanto tempo você faz isso? ela lhe perguntaria alguns dias depois. Desde criança, ele respondeu, sem camisa e apanhando um mosquito no ar.

Nunca vi nada igual em minha vida, ela falou, olhando em sua volta. O quarto dele era a metade de uma barraca, dividida com o homem que engolia fogo. Um colchão com travesseiro e cobertor, um lampião, espelho rachado, folha de revista presa na lona – um cavalo branco. A barraca tinha um cheiro indefinido, mistura de coisa queimada com cheiro de mato.

Falei com o meu noivo que não ia sair hoje, que estava com dor de cabeça, vim te ver. Os olhos fixos no peito dele, um peito liso, sem cabelos. Ele sentou-se no colchão, vem cá. Não, não devo. Ele estirou-se no

colchão, olhos presos no cavalo fotografado da cabeça até o flanco. Ela ficou respirando emocionada e rodando a bolsa na mão. Imagino quantas moças você deve ter namorado por essas cidades todas por onde passou o parque. Ele sorriu, sem dizer nada. Te trouxe um besouro. Abriu a bolsa, tirou o besouro morto de patas dobradas e entregou-lhe. Virou o rosto quando ouviu estalar a dura carapaça entre os seus dentes.

Ele é assim como aquela planta que come insetos, aquela que nós vimos no cinema, contou ela para a amiga. Que coisa nojenta, falou a amiga. No princípio eu também achei. Levantou-se, foi até a janela. A noite lá fora não tinha insetos, não tinha nada além da sua condição de noite, mas no escuro pontilhado de lâmpadas fracas um cachorro latia. Era sempre assim, a noite esperando o dia no escuro e, nos meses de chuva, inchando-se com o orgulho dos sapos, vendo grilos pulando de invisíveis trapézios, fazendo circular o barro e a grama coagulados de morna umidade. Coisa mais triste as noites de uma cidade do interior, pensou. Afastou a cortina de chitão, encostou a cabeça na janela, foi invadida por uma tristeza como nunca sentira antes. A amiga queria saber mais, o nome dele, idade, se era bonito. Ela contou tudo, de costas, bem devagar. Depois chorou, pensando no noivo.

No parque lhe informaram que ele devia estar bebendo cerveja naquele bar da esquina. Foi encontrá-lo sentado em uma mesa do fundo, sozinho. Bebia cerveja e mastigava alguma coisa, uma mosca talvez. Ficou de pé ao lado dele, até que foi notada e convidada a sentar-se. Meu noivo não pode nos ver aqui,

falou, segurando-lhe a mão por baixo da mesa. Ele a olhou distante com os seus olhos pálidos de inseto nocivo. Ela largou a mão dele, você me dá medo. Medo? Começou a assoviar, olhando para nada. Que música é essa? “Folha morta”, de Ary Barroso. Deixou-a sozinha na mesa e foi jogar sinuca. Ela o acompanhou submissa, sentou-se em uma cadeira, ficou um tempo sem fim vendo-o mexer-se lentamente diante das bolas, espetando-as como um caçador após o tiro, mastigando alguma coisa que tirava do bolso da calça.

Sempre trago um monte deles no bolso, contou-lhe, quando saíram do bar. Ela caminhava de olhos baixos. Me deixa na esquina, ninguém pode nos ver. Perto do poste ele segurou-a e beijou o seu pescoço quente de ansiedade e depois a boca e de repente ela lembrou-se dos insetos e quis tirar a boca mas aquilo era mais forte que o seu asco e de olhos fechados deixou-se beijar, anjo e demônio com olhos de sombra, não posso, eu quero, sim, eu quero, eu quero, não devo mas me abraça, não devemos, formigas pulgas meu amor traças gorgulhos cigarras cupins – a boca azeda, a doce boca azeda daquele homem cujo silêncio o fazia ainda mais anônimo. O mistério, com a sua memória escura, a fascinava como um pêndulo de luz. De onde viera? De uma cidade qualquer de Minas, fincando nela os olhos agudos de quem sabe estar inflamando, desprezo e de repente tantos beijos. Ardia de vontade diante dele; deitada em sua cama imaginava como seria o seu peso e a cor dos seus olhos quando a fizesse deitar-se no colchão e dobrando-a, investisse contra o seu

corpo com a lâmina quente do seu desejo alimentado de insetos e muito aprazível seria o seu hálito; ela virou-se na cama e gemeu – no colchão da barraca, estalando como um selo antigo ou uma vespa em sua boca enquanto na outra parte da barraca o engolidor de chamas aqueceria aquele momento com um fogo brando de línguas compridas. Rolar na cama a noite inteira, lembrar-se do caso que lhe haviam contado – um velho catador de insetos que morava num barracão de um posto e que o menino encontrara morto num dia de chuva – rolar na cama, não posso continuar assim, os olhos pisados no dia seguinte.

Levou-lhe algumas formigas, apanhadas no quintal. Esperou que terminasse a sua apresentação, acotovelada no meio do povo. A maior atração do parque. Quando entrou na barraca, ele estava sentado no colchão, exausto. Comeu as formigas sem vontade, deixou duas de lado. Você está bem? ela perguntou, sentando-se ao lado dele. Devo ter comigo algum inseto estragado, vamos beber cerveja. Assoviando “Folha morta”, uma música triste. Ela bebia olhando para os olhos dele, ela que não era de beber nem refrigerante. Você está acabando comigo, pensou, segurando a mão grande de unhas curtas por sob a mesa. E se Fernando chega agora, não gosto nem de pensar. Aqueles dias todos dizendo para ele que não podia sair, que não podia ser abraçada, que sentia dor, que estava doente, que a perdoasse. De olhos quebrados ele assoviava, assoviava. Pensando em alguém? ela perguntou. Não. Alguma moça? Não, em mim mesmo. Bebeu o resto da cerveja, pediu outra. Você nunca me contou nada de sua vida. Minha

vida sou eu, eu e meus insetos. Nunca amou? Ele inclinou a cabeça. Eu te amo, ela falou, engasgada. Ele palitou os dentes e, como um efeito desse gesto, ficou pensativo. Um rapaz tocava violão no outro lado do bar. Toque “Folha morta”, gritou para o rapaz. Então, durante a música, ficou ainda mais fechado. Ela, com vontade de chorar, bebeu um copo inteirinho de cerveja, encheu-o novamente, bebeu. No silêncio duro entre os dois, sentiu latejar a eternidade. Ele, distante, levantou-se e foi jogar sinuca.

Saiu tonta do bar, abraçada ao ombro dele. Você não ama nada além de nada nada, pensava, jogando o peso do corpo contra o corpo dele, pouco se importando com quem passava e os olhava espantado. Na cama – ele a levava até em casa? a deixara no portão? – ficou rodando, vendo tudo rodar, que coisa mais enjoada. Não devia ter bebido tanta cerveja, nada além do amor aos seus sujos insetos – virou-se na cama, tudo girando, não ama ninguém; nunca mais, também nunca mais beber, mãe, estou com medo, gritou cambaleando no corredor. Correria dentro de casa, portas rangendo – onde estava, bêbada como um homem. O tapa do pai, bicarbonato, um princípio de choro. No quarto, ressonando depois do vômito: nunca mais quero vê-lo, amanhã sair com Fernando, ser a moça de antes, despreocupada. Ser moça é sentir tudo isso, como um vulcão, sentir periodicamente a umidade, que é também humilhação, entre as pernas, ter olhos assustados e depois uma súbita coragem. Por isso:

O que está acontecendo com você? perguntou o noivo no dia seguinte, sentado na poltrona. Meio gor-

do, de bigode. Moscas voavam em torno da lâmpada, todo inseto a faria lembrar-se dele. O noivo colocou o rosto entre as mãos, chorou. Ela sentia pena e desprezo. Estava emagrecendo, o noivo. E ela também, cada qual por sua razão. Pensou: ajustar os vestidos, mudar o penteado. Ser moça é sofrer, sofrer. Repentinamente tirou a aliança do dedo, colocou-a no colo dele.

Terminei o noivado ontem, anunciou ela, de vestido vermelho e blusa branca decotada. Havia mudado o penteado e a cor do batom. Ele a olhou e não disse nada. Era sábado, dia de matinê. Podemos ir ao cinema, falou ela, entusiasmada; eu vou na frente, sento na última fila, depois você entra. Ele acercou-se dela e de repente beijou-a na boca. Lá fora, um sábado de sol oferecia: cinema, jogo, cheiro de laranja e um movimento repentino nas ruas. Ela se sentiu progressivamente feliz, vontade de sair pelas ruas de mãos dadas com ele, enveredar-se por ruelas de paredes descascadas, sentar-se em bancos de jardim, ouvir o moço do violão tocar “Folha morta”. O vento ondulou o pano da barraca, isso é felicidade, pensou e pela primeira vez percebeu o misterioso encanto de morar numa cidade do interior que tem ruas de areia chupando o calor do dia, um jardim com lagos, igrejas antigas de sinos distantes sobre casas humildes, mornas e pacíficas, um horizonte uterino e uma temperatura que era também a pressão ideal do corpo; pela primeira vez ela amava a sua cidade, um sábado perfeito. Ele, fora de sua abstração, comia uma cigarra. Mas ele era o fulcro da sua felicidade, o gerador dela. Assim, ela o apanhou no ar, memória e presença, um leve susto de quem sente a carne do

seu sonho. Terminei o noivado por você, lhe disse ela. Vamos tomar uma cerveja, ele falou.

Eu não quero cerveja. Então vou eu. Eu quero você. Tirando a blusa, o sutiã, deitando-se no colchão, enroscando-se nas pernas dele. Que desvençillhou-se e pôs-se a mexer nervosamente no retrato do cavalo. Ela o olhou sem compreender. Vem, sussurrou. Não posso, volte para o seu noivo. Mas eu te amo. Um silêncio frio, podiam ouvir todo o som da cidade crepitando na barraca. No céu sem aviões um papagaio voava, abanando o rabo para o seu dono e fazendo pulsar, pela linha, o coração alegre da vertigem. Ele então, silenciosamente, tirou a roupa. Deitou-se ao lado dela, como um menino. Não estava excitado, frio igual inseto morto. Ela sentiu um arripio, quis levantar-se e ir embora. Mas deixou-se ficar e beijou-o e beijou-o. Sou o seu inseto, me morde, me come, sou a sua libélula, a sua besoura de patas abertas neste sábado de verão cochilando como um peixe feliz. Dele, o sexo murcho – antenas caídas dos seus falecidos percevejos, a folha fúnebre, a brocha alma da inocência, então era isso. Ela recobrou a serenidade, apesar da boca seca: nenhum afago acenderia nele a chama do homem. Mordendo os lábios, ela levantou-se. Ele não a olhou, enquanto ela se vestia. Saiu em silêncio. Não queria humilhá-lo além da sua própria decepção. Uma barraca tão quente e você tão frio, pensou, atravessando a rua.

O parque foi embora hoje, contou a amiga. Ela encostou a cabeça na janela. Os sabiás celebravam o êxtase de tudo nas jabuticabeiras do quintal. Ela virou-se lentamente para a amiga – você tem visto o Fernando?

MARIA ESTHER MACIEL

Trama

1991

Não há cena previsível
– predizível –
para o amor
que se reserva
ou se arrisca
em solidão:
habitar o não-sabido
o sem-nome do sigilo
é a sina dos que inventam
– entre sombras
e intervalos –
a paixão.

1968

SÉRGIO SANT'ANNA

Assassino

Encontrado o corpo, os indícios levavam facilmente ao criminoso e se gastaram algum tempo a prendê-lo foi por não o pensarem em seu próprio quarto, para onde se dirigira logo após o crime. Não havia outro lugar para ir e ele se deitou na cama com a roupa ainda suja de sangue e, acendendo o cigarro, fez o tempo passar, à espera de que as ideias se aclarassem ou algo acontecesse. Mas foi uma longa noite, sem que o importunassem. E se a princípio o tempo se escoara neutro, não pôde, depois, evitar que o pensamento, em círculos, reconstituísse o que acabara de fazer.

Fumou um-dois-três cigarros, estranhando que o mundo permanecesse intacto ao seu redor, pois tão logo sentira o corpo sem vida sob suas mãos, soube que as coisas nunca mais seriam as mesmas e que algo muito grave fora cometido. E era estranho, muito estranho, que o casal risse em meio à música do rádio no quarto ao lado e que os sons chegassem da rua familiares como sempre. Ele próprio, vindo por um momento à janela, surpreendeu-se interessado na aglomeração ao redor de uma insignificante batida de automóveis, quando, sem pensá-lo diretamente, ali foi para medir-se no espaço, embora já sem

coragem para o salto... a menos que ainda fosse capaz de impulsos; impulsos tão rápidos como aquele que o fizera golpear a mulher por diversas vezes com a pedra até matá-la.

Retornara, porém, a um estado no qual já não seria possível qualquer ato repentino e definitivo e somente poderia aguardar que os pensamentos e emoções novamente o ocupassem. Voltou, então, à cama, instalando-se sobre as cobertas, com os sapatos ainda sujos da terra do parque. E o fato de não se incomodar com os cuidados da velha da pensão quanto à limpeza o fez reconhecer que algo se modificara e ele não esperava nenhum futuro próximo. E se ainda pensava na velha, era para imaginar-lhe o excitação ao ser elevada à dimensão mais importante de hospedeira de um assassino.

Medindo-se, pela primeira vez, depois do crime, em palavras, a náusea o atingiu intensamente; o mesmo incômodo que o acompanhara quando, sem qualquer emoção traduzível a não ser pelo desgosto físico, tomou depressa o caminho de casa, sem ao menos olhar o corpo que ficara para trás. Agora, porém, uma vez aberto o caminho, começava a desmoronar-se a barreira erguida entre ele mesmo e os seus atos.

Deitado e olhando para o teto, estava imóvel e vazio e nada refletia um crime consumado, a não ser o frio no corpo e as contrações no estômago e, depois, tendo desejado que tudo não passasse de um delírio e sonho, obrigou-se a examinar friamente

o sangue seco nas mãos, o sangue coagulado nas bordas das unhas a certifi  -lo de uma realidade mais poderosa do que todo o desejo que pudesse produzir. Como um último e irracional esforço, esfregou, então, as mãos nos olhos e pelo rosto, num gesto todo seu e que visava afastar o mundo e seu peso. Mas, desta vez, o que surgiu no escuro de seu cérebro, ao invés de qualquer alívio, foi a face desfigurada da mulher. E, profundamente dentro de si, repetiu-se o barulho; um som diferente de todos os outros e que, no instante mesmo em que destruíra aquela frágil estrutura de carne e sangue, soube ser o de ossos se esmigalhando.

Homem feito, o soluço que irrompeu agora, independente, da garganta, também era um som novo e sem qualquer rela  o com aquele choro de criança quase apagado na memória; porque naquele tempo não era responsável por nada e a mãe vinha e o consolava e mesmo os pequenos castigos formavam parte das suas necessidades naquele mundo seguro e imutável. Agora, nem a mãe poderia coisa alguma e seria preferível que estivesse morta como o pai, pois era inútil reviver qualquer prote  o e apego. Porque, neste momento, era obrigado a enfrentar-se e um crime fora irremediavelmente consumado e ele se tornara um assassino e diferente e irreconhecível a todos os outros.

Solitário, chorava no quarto e fora da esfera dos outros homens e aguardando que eles surgissem e o castigassem; um castigo severo e an  nimo, que talvez o fizesse compreender aquela mulher morta ao acaso; morta por um motivo que, agora, apagando distraído os cigarros ao queimarem-lhe as mãos, procurava arrancar de dentro de si; naquele mesmo quarto que, por questão de horas, fora antes um neutro espaço onde nada

de importante se produzia, a não ser os obscuros projetos e memórias a esgotá-lo na tentativa de um sono ou uma saída, num desespero constante sem grandeza, mas que, neste princípio de madrugada, parecia-lhe invejável pela ausência de medos; desejável pelo seu nada e a insignificância perdida dele próprio. Entretanto, só umas poucas horas haviam transcorrido e assim eram o tempo, realizando-se indiferente, e as coisas, postadas ao seu redor e sem vida, iguais a sempre e dispostas do mesmo modo e, no entanto, subitamente transformadas desde aquele fim de jornada, quando (e ele, agora, por muitas vezes e até a morte, iria reeditar o mesmo percurso):

□

Ele chegara do trabalho e, não podendo suportar sua inútil presença dentro do quarto, saiu à rua e esteve indeciso diante de um cinema e um bar e, depois, percorrendo monótono as ruas do centro da cidade, sem um destino que o tornasse parte daquele começo de noite, foi bater na porta daquela mulher de antigamente.

Na casa modesta e com o cheiro de milhares de refei  es preparadas, ele se repetia com a memória, depois de ter jogado a partida de damas com o pai da mulher e ter-se feito tolerar pelo irmão. Sentado na velha e dura cadeira, partindo em pedacinhos uma caixa de fósforos, ele a vira entrar naquela hora e acenar-lhe desinteressadamente. Aquele exato momento ele procurava reeditar, surpreendendo a memória já no caminho da desintegra  o, como se muito tempo houvesse transcorrido. De modo que

secava as lágrimas para melhor interrogar-se, na reconstituição de si mesmo e de sua vítima, por que a matara no parque, depois que ela dissera que sim – embora ele não contasse com isto nem estivesse seguro de que o desejasse – que estava bem e que poderiam sair. Então, por isto, descendo a rua em direção ao parque, sem que ao menos se dessem as mãos e desde logo desencantados do que pudessem trazer-se. Na rua ele se lembrava agora, no momento em que começaram a distinguir a grama, as árvores e os casais abraçados nos bancos. E ele apenas se desejara só e em seu quarto e com um sono que o conduziu ao dia seguinte, já completamente certificado da impossibilidade de reproduzir mesmo aqueles momentos entre ambos, quando se descobriam e ensinaram-se o pouco que possuíam um e outro. Mas já se encontravam no parque e ele tentara conversar. Para que não permanecessem constrangidos e silenciosos, falou do calor e do trabalho, quando ela resmungara uma imperceptível resposta, recomendando-lhe, por sua vez, um filme; um filme qualquer, do qual não conseguia, neste momento, na cama e ainda imóvel, lembrar o nome, assaltando-lhe apenas a lembrança de como a achara ridícula e desinteressante.

Fechava os olhos com força e recompunha a figura dela, desgraciosa e em silêncio depois de ter falado; reconstitui-la, procurando novamente um motivo de havê-la matado, quando, após andarem de um lado para outro, imobilizou-a junto à árvore, perseguindo uma carícia. Uma carícia desde o princípio desesperançada e ele apenas esperou que ela o repelisse e que retornasse para casa, para que também pudesse estar logo em

seu quarto e dormindo. Mas ela não o repelira nem o aceitara; limitando-se a permanecer estática junto à árvore e ele beijou sem emoções uma boca fechada sob os olhos que viam adiante e depois das árvores, a indicar uma paciência de que as coisas logo se cumprissem e ela fosse deixada em paz. Por isto, talvez, a tivesse assassinado. Por não suportar o tão pouco surgido do encontro de ambos, como se aquela fosse uma última oportunidade.

Nunca saberia ao certo, ele começava a se aperceber, condenado à dúvida dentro de si e ao rosto desfeito da mulher a acompanhá-lo como um enigma. Um rosto inexpressivo e sem beleza do qual ainda retinha um último sopro de vida, do instante em que, distanciando-se, a olhara fixamente, como se a captar o mistério de sua inutilidade, para, depois, começar a bater-lhe com as mãos fechadas, descobrindo em si uma força e um ódio de que nunca antes se imaginara detentor e que, agora, nesta lenta espera, havia de todo desaparecido, para ceder lugar não ao remorso – eis que não era capaz de piedade por ela que nada fora ou perdera e morreu ao acaso e sob os golpes de uma fatalidade que terminaria por atingir a todos – mas ao medo dos homens e à aflição por si próprio, instrumento daquela dureza e crueldade.

Estes eram pensamentos aos quais poderia agarrar-se como um quase consolo. Mas para os homens que encontrassem o corpo, de nada valeria uma verdade que não fosse a deles. Os homens se defrontariam com uma mulher morta e brutalmente espancada; aquela mulher a provocar-lhe novamente medo e náuseas de ser só o assassino e em cuja face quebrada buscava para si um arrependimento em que se sustentar, mas encontran-

do somente a objetividade de uma matéria estraçalhada e um desespero por si e por todos. De novo fraco, após aquele único momento selvagem, não conseguiria esconder aos homens toda a verdade; não a sua própria, mas a fria objetividade dos braços batendo e matando. Ele terminaria por confessar-lhes que começara a espancá-la com os punhos cerrados, à espera de que ela gritasse ou corresse, mas apenas foram fixados nele os olhos medrosos e espantados e ela se defendera levantando os braços e ele então tomou da pedra e desferiu um primeiro golpe. Ela soltou um gemido, permanecendo de pé e imóvel apesar do sangue escorrendo e ele quis nunca ter feito aquilo, quisera não ter golpeado mais, mas houve o sangue descendo da testa e um outro gemido e o terrível desamparo nela toda; um olhar de surpresa, a procurar uma razão para aquilo tudo, quando o viu desferir-lhe mais um e vários golpes com a pedra.

Ele não quisera feri-la nem matá-la; desejava estar longe e terminar logo com aquilo, mas houve o sangue e os gemidos e os olhos espantados e fora obrigado a destruí-la: a morte era a única maneira de tudo consumir. Naquele instante, soube que a única razão de estar ali era matá-la, estranhando somente que não houvesse também qualquer força a aniquilá-lo ao invés daquela passividade de pessoas no parque, talvez desviando os olhos para não se verem envolvidas. Uma força maior a destruí-lo imediatamente, porque aquele fora um ato total e definitivo, a não exigir nenhum prosseguimento ou castigo posterior, sem relação com o que o provocara. Porque, sobrevivente, ele se resumiria, naquele quarto e depois no cárcere, na revivência daquele conjunto de gestos, os únicos que agora lhe pareciam realizados por

suas mãos e, no entanto, movimentos que não comandara e não poderia reconhecer como seus.

□

Tendo feito repetir-se, minuciosamente e pela primeira vez, o desenrolar-se da morte, então parou de chorar, embora subsistissem o medo e a vergonha de quando os homens chegassem. Pedir-lhe-iam um motivo e ele só poderia apresentar-lhes a descrição de como as coisas haviam se passado, pois percorrendo novamente todo o caminho não encontrara culpa e motivo e tudo se fizera como num sonho mau. Mas havia bem o sangue e um cadáver e um preço a ser pago, pois toda e qualquer obscura justificativa que pudesse produzir não estaria na medida dos homens, esforçando-se por ordenar aquele caos. Ele pagaria o preço dos homens, eis que nada lhes poderia oferecer em troca de sua ordem, a não ser – e isto lhe atravessava o pensamento como uma pequena luz – a tentativa de explicar-lhes, para não ser tão só e isolado, que, embora se prontificasse ao castigo e mesmo desejasse ser posto à margem, havia uma força e desgraça comum e maior do que eles todos a absolvê-los.

Embora sofrendo e desamparado diante da enormidade das forças que o haviam impelido, os outros o olhariam como um cão danado e lhe preservariam apenas o desejo da morte como única certeza a assemelhar-se a um objetivo. Seria preciso, então, o passar das primeiras e pesadas nuvens para que um lugar entre os homens talvez lhe fosse consentido, fora do circuito fechado de sua singularidade e desesperança.

Este era, embora improvável, o único apego possível além da morte, no seu medo de estar só e aniquilado, não formando parte de nada a não ser aquelas quatro paredes e ele próprio e suas novas descobertas. Escutando, então, os sons irrealistas do escuro e, depois, do despertar do dia, consumiu até a última ponta dos seus cigarros. No desejo e temor de que os homens surgissem e embora houvesse, por algum tempo, o frio, não mudou de posição, com o receio de ver apagar-se este último brilho e sua possível verdade; ele, o receptáculo de forças desconhecidas.

□

DE MANEIRA QUE, QUANDO, FINALMENTE, após o terem levado aos empurrões, com seus medrosos olhos fixos nos guardas e nenhuma resistência, para o carro e a seguir a cela imunda; depois de lhe terem batido e interrogado e, enfim, concedido, por suas confissões, a tranquilidade de um canto de cela, onde os outros, vendo naqueles olhos acesos e mortos e no mover constante e silencioso dos lábios uma ameaça, deixaram-no em paz; e passados todos aqueles meses de espera e de soluços e desenhos invisíveis na parede, na composição de uma inteira e paciente justificativa, FOI CONDUZIDO DIANTE DO JUIZ E OS OUTROS E, tendo-lhe sido pedida a confirmação daquilo de que o acusavam, VIU CHEGADA A OPORTUNIDADE DE EXPLICAR-LHES; de dizer-lhes, afinal, que não era nenhum assassino, pois não se reconhecia naquela morte e não a queria nem houvera motivo para tê-la consumado e que homem algum podia interferir com as coisas e eram todos instrumentos cegos do desastre e do acaso; sim, a hora de dizer-lhes o que descobrira – e por isto me-

recendo que o aceitassem –: que os atos vinham muito antes de qualquer pensamento a justificá-los ou condená-los e, portanto, não havia verdadeiramente assassinos; NESTE MOMENTO, ELE DEU UM PASSO À FRENTE, UM LARGO PASSO ADIANTE SEGUIDO DE UM GESTO, UM SENTIDO MOVIMENTO QUE FEZ CONCENTRAR EM SUA PESSOA TODAS E POUCAS FISIONOMIAS DESATENTAS DA SALA.

ELE SE LEVANTARA E, com o braço estendido e um tímido sorriso, LHES MOSTRARIA QUE NÃO ERA CULPADO, que ninguém era culpado E, ASSIM, do mais profundo de si mesmo, PRINCIPIOU UMA FRASE, uma palavra, um ronco intraduzível, O COMEÇO DO QUE SERIA SUA SALVAÇÃO, SE FOSSE POSSÍVEL, como antes chegara a acreditar naquele quarto e depois na prisão, DIZER AOS HOMENS TODA A SUA VERDADE; UMA VERDADE QUE, REPENTINAMENTE – após desvencilhar-se de seu embaraço e ter começado a explicar que apenas tomara da pedra, por um impulso e força maiores do que ele, e desferira na mulher um primeiro golpe – assim à toa e sem explicações (e isto era o que todos precisavam entender) – e, depois, como houvera sangue e gemidos e desespero, fora obrigado a destruí-la para sempre – ELE DESCOBRIU, ali de pé e desarmado diante dos homens, SER UM PESADELO MAIOR DO QUE O SEU PRÓPRIO CRIME, PARA, ENTÃO, não chegando a nenhum término e percebendo nos olhares hostis e definitivamente convencidos que jamais haveria um entendimento e uma segunda oportunidade, DEIXAR CAIR O BRAÇO E RESPONDER DESALENTADO, quando, após os vários minutos que lhe concederam de expectativa, o juiz lhe perguntou, por outra e três vezes e já impaciente, se fora bem ele e daquela forma descrita que matara a mulher – QUE SIM e somente isto: QUE FORA BEM ELE QUE MATARA A MULHER.

O diário de 1990 Medeia

GUIOMAR DE GRAMMONT

Devo começar por meu nome, porque é a coisa que menos importa, se é que algo importa.

Meu nome é Isaura, tive amantes, tenho filhos, tenho um homem. Às vezes os odeio a todos.

Fabrico poções para matá-los como Medeia traída, mas sou eu que traio. Ou seria um sonho? Como a personagem de “Belle de jour”. Mas quem pode dizer a diferença entre a realidade e o sonho? Agora mesmo, à luz da lua, as baratas saem de suas tocas sujas, as bruxas murmuram e os espíritos rondam pelo ar. Amo demais e devoro... esfinge geratriz. Não sei o que é pior: amar demais ou odiar.

Amanhã faço o café, arrumo as camas e saio. Trabalho como todas as mulheres classe média do meu tempo. Quero que se fodam os políticos. Tenho raiva de viver em um tempo onde não há mais terrorismo, porque queria matá-los todos com balas quentes da minha decepção. Fui fiscal do Sarney, bato uma má-

quina fedorenta, vou para a cama com o meu chefe todas as sextas-feiras.

Aos sábados meu marido trepa em mim como um porco e então solto a puta que há em mim. Quando não consigo gozar vou para o banheiro e me masturbo.

Fico de mau humor o dia inteiro quando os meninos batem na porta e interrompem.

Tive boa educação e na infância me impediam de dizer palavras, me obrigavam a ficar de pernas fechadas para ocultar meu sexo. Foi assim, de pernas apertadas, que descobri o prazer, o gozo. Sozinha, autofágica.

Ele acorda, trepamos. Tenho vontade de queimar sutiãs em praças públicas, me sinto um reservatório de leite e de porra. Depois vomito tudo e sinto desprezo pelas feministas e suas lutas ridículas. Que posso fazer se o que queria era trepar com o aturdido Marcello de “Cidade das mulheres” e satisfazê-lo inteiramente e deixá-lo me sugar e me esquartejar toda?

Temos um carro usado, compramos a casa pelo BNH, contribuo em todas as contas, vamos à praia duas vezes por ano passar quinze dias em uma casa emprestada por parentes. Temos amigos que vêm jogar baralho.

Tenho saudade da faculdade, o cheiro de maconha me fissura, mas outro dia dei uns tapas no menino mais velho porque achei uma ponta no caderno dele. Eu disse assim: vou contar pro teu pai.

Penso em separar todo o tempo, acho que o amor não existe, é coisa de novelas. Mas o que me mata é esse maldito “acho”. Por que a merda dessa ilusão guardada que ainda ataca as mulheres? No fundo sou carne da minha mãe e da minha avó e assim por diante.

Tenho um analista e estou naquela fase em que se morre de vontade de foder com ele. Tenho raiva dele, pago as consultas todas as sessões porque todo mundo faz isso. Saio duvidando se a doença do mundo não é essa maldita análise: pagar para ser importante para alguém por uma hora. Eu precisava de um analista para escapar do vício da análise.

Não sei qual delas odeio mais, a minha sogra ou a minha mãe. A minha sogra por causa da sua ligação torpe e nojenta com aquele idiota que ela transforma em deus. A minha mãe porque... deixa pra lá, preciso de mais sessões de análise para falar sobre isso.

Somos estranhos um pro outro. Acho incompreensíveis as contas que ele faz, mesmo quando elas me asfixiam. Falamos de tudo e de nada.

Um dia ele foi... faz tanto tempo que eu esqueci.

Eu li muito no ginásio, ninguém fazia isso, mas eu gostava de fugir da porcaria desse mundo. Fiz faculdade, fui professora dois anos, passei fome, me enchi dessas coisas que falam de nada e coisa nenhuma. Tenho asco por todos estes que fingem escrever e acham que vão se tornar alguma coisa na vida. Mesmo assim,

de vez em quando, rabisco papéis onde não me reconheço e, se acreditasse nisso, diria que são psicografados do além.

No tempo das guerrilhas eu era uma moça de família, idiota e bem-comportada. Às vezes fico pensando se a absurda vontade de matar não é vontade de morrer. Mas sou muito ridícula até para a morte, medrosa e boba e adoro ir ao clube aos domingos falar do último capítulo da novela.

Dormi com o marido da minha melhor amiga, acho que ela já dormiu com o meu. Podíamos fazer uma festinha os quatro, mas somos babacas demais mesmo para algo assim. Outro dia vi umas manchas no meu braço, achei que era AIDS, peguei o carro para ir ao médico, no caminho encontrei (num sinal vermelho) um velho amigo. Lanchamos juntos e fomos para o motel. Gozei até me sair porra pelas orelhas.

As manchas sumiram dali a um mês.

Fiquei grávida, esse agora não sei de quem é. Já fiz dois abortos, tenho três filhos. Fui fazer outro aborto, mas tenho trinta e sete anos – fui hippie um pouco tardia – quem sabe não é a última vez? Que me importa, todas as mulheres detestam ter filhos. Vou no carro repetindo e me convenço. Sempre é a mesma amiga que vai comigo. Estou cheia. Mas antes isso que a menopausa.

Apesar de tudo, pra que sofrer com a menopausa? Penso assim porque ela não chegou? Talvez. Por enquanto vivo, essa vida de merda, mas toda vida é merda e por sorte essa espécie em breves milhares de anos se terá extinguido.



1994
Tarde
ANTÔNIO RODRIGUES DE SOUZA

A chuva mais densa
na tarde mais longa
o vento mais frio

Vestida de inverno a cidade é íngreme
como vaca enraivecida.

Nó na garganta
o olhar contempla a letra

Há quem diga que a tarde
é um laço no boqueirão deserto

Para que tragédia, mãe
se há telhas, pombos e luzes?

A velha cospe da janela
observa o relógio e sorri

É o sopro de Gênesis:
as coisas que não cantam
embrutecem.

1968
JAIME PRADO GOUVÊA
Do
outro
lado

A aposentadoria de Mateus já não aguentava aquela casa, de pouco conforto, umas mobílias feias, ele tinha de mudá-las. Queria, mais que tudo, preparar um ambiente de acordo com os dias que vinham chegando, para o descanso e a dignidade, um fim decente. Era como se atormentava, no cuidado minucioso de arquitetar possibilidades e mudanças, não muito exageradas, procurando conciliar passado e conclusão, a casa como o único legado. Um pouco de fantasia, evitava os móveis que lembrassem a repartição, jogava ao lixo aquele tempo com a folhinha, os últimos meses riscados de contar. Fechava-se em casa, preocupado em reparar todos os ângulos, o que esconder ou realçar. Pensava numa estante bem grande para cobrir o mofado na parede da sala, ou uma pintura, a cor escolhida, grave, de se impor a quem entrasse, forçar respeito. Imaginava os amigos parados ali na porta, com a intimidade freada, descobrindo a idade dele. Isso era importante: lembrassem inclusive das opiniões que deram sobre a decoração, as revistas emprestadas sugerindo falsidades caras e inopurtunas. Nunca entenderiam Mateus, enciumado nas próprias ideias, se rebuscando, querendo se incorporar

nas gavetas, nas cortinas, a casa e ele como um só corpo. Sabia disto, nem se importava mais em explicar. Só existia essa tarefa, íntima, última.

A casa, velha, carecia de algumas instalações mais modernas, goteiras que bem poderiam estragar os móveis. Isso, mesquinhas, ele chamaria o bombeiro. A casa se diminuía nesses casos. Talvez o importante mesmo fosse só a sala, de imaginação a cabeça, como ele, essências. Os outros cômodos eram as bobagens da vida, no fim ninguém repararia neles. Um grande tapete sustentava a mesa, espalhava marrom a luz no chão. As lâmpadas indiretas coloriam sobriedade em voltas cruzadas, faziam uma cristazinha branca na lombada dos livros, contornavam, morninhas, o suporte da Bíblia, dourada, de pé ao lado do piano. A sala flutuava em tufo, veludos sérios. Mateus, sentado num banquinho, cuidando os pés de não sujar o arrumado, notava a súbita feiura de seu suéter velho. Planejava outras roupas, naquele molde, gola e punho em pele, esbarrava este sonho no empréstimo do banco. Desprezava essa lembrança: coisa lá de fora, como o bombeiro, a gente toda. Mateus se sumia nos intervalos, esticado na cama, a obra seria lenta. Contava

com a proteção do grande Cristo sobre o criado, busto de bom talho, impondo a fé chorada das velas no castiçal. Os mosquitos eternizavam uma sujeira pingada na cabeça da imagem, na falta de tempo para limpá-la de vez em quando. Mateus tentava fechar os olhos, entre inventar tantas molduras, até desaparecer provisório no sono pouco a pouco pacificado. Uma hora o bombeiro gritou lá de baixo que precisava abrir o sótão, um cano qualquer que estivesse jogado por lá.

O sótão era tecido por umas aranhas tão antigas como tudo. De Mateus teria até lembranças de menino, encaixotadas durante a vida. Ele sentia um pouco o medo de achar algum retrato da família, os irmãos vestidos de marinheiro, crescendo e morrendo. Deixou que o bombeiro mesmo revirasse o material. Ficava com a lanterna. A curiosidade mal contida via na poeira as coisas esquecidas. Logo, os olhos acostumados, o facho da luz se amorteceu na restiazinha que furava o quebrado da janela. Devia ter sido pedrada, os moleques que brincavam do outro lado fazendo tanto barulho. E daquele vidro, cor de vinho, não existia mais. Forçou o resto para fora. Mais tarde mandaria limpar o sótão, colocar uma vidraça nova, maior,

que desse uma claridade mais eficiente. Os cacos foram cair gritando no muro do vizinho. A precaução da idade, Mateus conhecia esse perigo. Enfiou meio rosto para fora da janela, evitando se cortar nos restos. Por sorte não tinham caído na menina deles, brincando logo ali, meio assustada olhando o perfil de Mateus, sem entender. Sua respiração mudou a forma de ofegar, não podia tirar os olhos dela. Segurava com força a beirada vazia, aquilo não o deixava perceber um fio de sangue escorrendo pelos dedos. Até que ela disparou tropeçando para a porta da cozinha. Mudava tudo, aquela velhice. Quando começou a doer levemente a ferida entrando pela mão, junto com um suor mole que há muito deixara de sentir. Desceu escondendo o sangue do bombeiro. Envergonhava-se. O outro nem percebia, indo satisfeito com o pedaço de cano achado, exatamente do tamanho, ferro bom. Separaram-se, enfim, para as ocupações tão diferentes. Depois, um pouco de mercúrio no machucado, tentaria reatar o sono, misturar os pesadelos.

Passou a ter uma ideia frequente de tapar a janela. Instalaria ali lâmpadas fortes, a melhor maneira de lavar a visão da menina incomodando a sua velhice. Evitou o sótão por algum tempo, não

querendo que chegasse a hora de dizer aos pedreiros como fazer. Passava muito tempo com os livros na sala, lia pedaços de Bíblia. A tentação se continha nessas leituras, de fé conquistada, com alma de limpar o Cristo no quarto, até que viesse o descanso na tardinha para ficar na varanda vendo o dia escurecer. Já sabia de cor os jardins da vizinhança, o portão da casa da menina. Para este aprendeu um olhar rápido, se autodesculpando, imaginava um namoro meio escondido ali, as maldades conhecidas. Ela teria nem doze anos, media pelo tamanho dos seios apenas apontados. E escorregava seus propósitos assim, aos retalhos. Entre as leituras, cada vez mais difíceis, ela aparecia sempre tomando as personagens, no nome mais de acordo, a mania do ambiente. Largados pouco a pouco, os livros pegavam uma poeira chegando de mansinho. Culpava os óculos, já nem o rádio podia prendê-lo por muito tempo.

A janelinha do sótão, voltou lá um dia. Mateus se preocupava em acabar com aquilo, queria tirar a prova, o contrarremédio. Lembrou a regra de superar cismas, as atitudes. Chegou determinado cuidadoso o rosto pela janela, esquadrinhando onde estaria a menina. Não estava no quintal. Mateus pulsava

decepção. Acabava um pouco dela ali mesmo, e ele sentiu, livre, que não queria mais esquecê-la. Apertava os olhos nas lentes, tentando ver através das cortinas. A casa estava muito fechada. Apenas algumas galinhas ciscavam lá nos fundos, aumentavam o silêncio. Mateus roía o vazio. Restava ficar olhando por sobre o muro, os cacos tinham sido varridos, completamente.

Esqueceu o projeto, não queria partilhar o segredo com nenhum pedreiro. Era a distração furtiva, criança quase, até a paisagem tinha seu bizarro. Ele já não cabia na sala atapetada. Ficava no sótão a tarde toda, deixando sempre um caixote estrategicamente desarrumado para as visitas inesperadas. Depois ajeitava um banquinho meio de lado da janela, num ponto que ninguém de fora pudesse divisá-lo, protegido pela sombra e pelo abacateiro da casa dela. Vez por outra a menina aparecia no quintal, sem brincar, Mateus se encantava de que não era tão criança assim. Ficava reparando o caminhar, a saia curtinha, ora de calça comprida, os seios querendo nascer, o requinte. Respirava lento, não perderia esses movimentos. Até que ela voltasse para dentro, fosse passear na rua. Então ia para o seu quarto, ia limpar feliz seu Cristo sobre o criado.

A vida, agora, já não tinha mais tempo de pensar na morte. Demorava-se no banho, como seria ela nua?, o sabão descendo pelo corpo se perdendo no ladrilho. O cuidado maior de aparar o bigodinho, vestir a camisa mais limpa. Depois era esperar que ela voltasse ao quintal, dele, na melhor forma que ninguém podia. Quando não, ficava rodando pela sala, planejava onde poderia abrir novas janelas, periscópios, um vidro daqueles que é espelho de um lado e transparente de outro. Censurava os excessos, a menina se mantinha pura durante o remorso. Um dia foi a mãe dela quem veio. Mateus se encolheu no esconderijo, ela vinha para descobri-lo. Ficou um tempo retido. A mulher arrumou um lençol no varal, olhou de novo na direção da janelinha. Sua menina nunca mais brincaria ali.

No dia seguinte vieram os pedreiros. Mateus escolheu uns quadros velhos para cobrir o reboco, mesmo tendo certeza de que fecharia o sótão para sempre, logo terminasse o serviço. Sem mais nada a esconder, ia dando as ordens, queria que tudo acabasse logo. Acabou. Ocupou-se de volta com o porte, de austero estilo, a sala o acolheu como antes, criados e crescidos

juntos, mandou que fossem espanados os livros. Se não aguentava, se lembrava, saía para a rua, ia visitar os colegas na repartição. Esmerava-se em conversar diferente dos tempos de trabalho, sabedor de ser mais velho, mais vivido, dava essa importância. Voltava para casa bem cansado, o sono não passaria da segunda página do jornal. Sentia certa facilidade, velho, de esquecer as coisas, confiava nisso. Aumentou as visitas, os amigos notaram. Uma puxava essa outra descoberta, na persistência, o caráter de Mateus. Firme como a casa. Por vezes acontecia de cruzar com a menina na rua, cada um em sua idade, ela voltando do colégio indiferente aos cansaços dele, no normal de tudo. Era só a vizinha, como o eram a mãe, o sapateiro, o bairro inteiro. Talvez aquele dia no quintal tivesse sido imaginação sua, lembrava a perfeição da trincheira. Resolveu. Ela veio pela rua andando muito depressa quando Mateus disse bom-dia, anônimos de tanto tempo, querendo ser o vizinho dela. A menina parou, um susto de instante. Depois correu para dentro de casa. Foi fácil de entender. Mateus retomou o ar mais sério. Já podia voltar para sua sala, os livros na estante cobrindo o mofo, a Bíblia contrastando com o piano.

1972
MAX MARTINS
Poema

Estava o touro, o touro com o seu T
de ouro

Estava a flor, a flor com o seu besouro
louro

Estava a amada, a amada e seus vestidos
idos

Estavas tu, tu e a tua
palavra nua

A delicadeza
do amor

SANDRA DUARTE PENNA
1982

Quando cheguei naquela casa e vi aqueles-olhos-
aqueles-olhos, eu corri de tanta falta tanto tempo
corri para o corpo dele num largo e apressado
abraço, mas caminhei devagar e calma em direção
ao homem e foi suave o abraço, suave o encontro.

E quando o homem disse que convivendo com
ele eu ia perceber como ele era indiferente, as pa-
lavras e a voz dele eram uma ventania que me jogou
com violência meu corpo contra a parede, deslizei
até o chão embora tenha continuado na frente dele
e dito muito mansa que eu não iria embora, ah eu
não iria embora.

E quando entrei na casa e vi tudo estranho e ímpar como se fosse um lugar só do homem e que não me cabia, ah um medo extremo me fez atravessar a porta peguei a mala e vim embora, mas não – fumei um cigarro lá fora e cumprimentei a vizinha.

E quando era uma-hora-duas-horas o homem foi trabalhar e me deixou sozinha, andei a casa inteira e não achei nada que não conhecesse, ah eu conhecia bem aquele homem e não era por nada que eu estava ali, aquela fruta prometia muita água muito sumo, olhei dentro das gavetas e encontrei bilhetes de mulheres que não eram eu, rasguei todos eles e coloquei direitinho e inteiros no mesmo lugar.

E quando o homem voltou à noite e me disse que eu o olhava como se olhasse um santo milagreiro e que ele não gostava do jeito apaixonado do meu olho, eu que sempre tive grandes olhos de vaca olhei para ele com imensos olhos de veneno e raiva, meu corpo avançou como um animal ferido e continuei sentada exatamente como estava, me danando para controlar o olho e a paixão.

E quando era a segunda noite ele me disse que gostava do meu cheiro e que eu não atrapalhava a casa dele porque era silenciosa e delicada, eu sentada sobre minhas patas sentia o corpo quente, calor – violento e cândido calor, até que minhas pernas se armaram num salto e ele apagou a luz e foi dormir.

E quando apaguei a luz na terceira noite e fui tateando no escuro até achar o rosto dele, a boca e o

corpo, eu achei o rosto dele, a boca e o corpo – eu achei o homem e o homem me achou, assim como na quarta e na quinta noite.

E quando no sexto dia ele amanheceu calado, eu fiquei desconfiada; rondei a casa o dia inteiro com o coração em solavancos, rasguei novamente todos os bilhetes. A noite veio anunciando um pesadelo e o homem me mandou embora – que o coração dele sentia um perigo e ele não queria nem amor nem mulher, e que eu entendesse – e eu entendia apenas uma dor que não se conta, sua palma minha alma. E eu via as paredes, o teto, o homem deitado nas almofadas, eu via apenas uma dor que não se conta, meus braços cruzados em nó a garganta, essa fúria de relâmpago sem trovão, e via umas patinhas avançando lentas pelas flores da almofada, meio amarelas, meio ocre, entre aquelas florezinhas. Florezinhas delicadas, rosa e azul. Eu também tão delicada não imaginava que naquele lugar houvesse desses bichinhos, e o que eu via agora era um escorpião passeando seu veneno da esquerda para a direita assim tão devagar, tão devagar. Ali naquele canto descansava a mão do homem, uma aranha, dois insetos quase se encontrando. Dois insetos quase se encontrando, eu puxei rápido o homem pela mão e ele guardou o escorpião dentro de um vidro; mas não. Na parede minha sombra foi trançando o meu cabelo, florezinhas florezinhas, e o grito que o homem deu naquela hora, eu não sei, não tenho ideia por que foi.

O vício, nosso vício
& nossa asma, rouquidão;
nossa arma e nosso ofício.

Ver dentro e ver fora;
nossos olhos, nossa lenta
peregrinação estrada afora
de pedras e palavras.

É erguer edifícios fora
de hora, suspender lençóis
azuis num varal sem corda.

Nossos orifícios, negócios de
andarilho incansável, portas
de castelos da maravilha,
míssil que invade a órbita

dos que não voam.

Sinais de fumaça (da poesia e seus mistérios)

ANTÔNIO CARLOS DE SOUZA PEREIRA

1980

Acontecimento de família 1967

HUMBERTO WERNECK

Quando a mulher, torcendo as mãos, a voz difícil, cabeça derreada, lhe contou enfim que a menina, a única, já não era moça, e contou isso tudo devagar, a coisa lhe custando a sair, o homem pensou primeiro foi na ideia da morte. Imaginou engasgado que ia morrendo, que ia aos poucos morrendo, mãos, pernas, o resto. A velha, que conhecera bem antes o ocorrido, conhecimento que muito lhe custara, carregou com a filha para a casa de uns parentes. Passado o momento do choque o homem sentiu uma precisão de quebrar tudo, e desse rompante não ficou coisa inteira na casa. A vizinhança espantada nas janelas: é hoje. Todo mundo sabia – na rua, tirando o chapéu para os conhecidos, ele certamente é que não sabia de nada. Alguns tinham até presenciado (numa noite, sabe?, depois que os pais foram dormir, foi assim e assim) e só agora é que contavam com a boca inteira, sabedores, testemunhas de dentro do quarto, debaixo da cama, os mínimos detalhes, e o sedutor saindo (do guarda-roupa?), olhos verdes, bigodinho, um metro e setenta. Dependurados nas janelas apagadas, olhos acesos e ouvidos captando a sensação do

acontecimento, o pai que gritava, que gritava muito e alto, aos arrancos, o nome da filha. Ninguém no entanto que se metesse: que era coisa séria, assunto de honra, de honra de família.

Depois estalou pesado na cadeira de balanço e perdeu a noção do tempo e de tudo. O padeiro veio todos aqueles dias, deixava o embrulho na soleira – o cachorro apanhava sorrateiro e descia a rua. A mulher então esquecida, na rua, na igreja, mesmo ali na igreja quando os joelhos penitenciavam a alma de todos os pecados seus e do marido e da pobre filha, mesmo ali era mãe de moça falada, o olho vermelho de Deus pesando em cima dela, mãe descuidada, mãe de moça falada: perdão, Senhor. Junto ao fogão, na véspera dos sapatinhos de lã, sentiu que envelhecia depressa.

Tantos dias esperou o homem que a filha voltasse. Na cristaleira, no meio das coisas do seu casamento, ficaram, de puro desgosto, o maço de cigarros, a binga parecendo bala de canhão: ele, mão sobre o livro santo, nunca mais havia de fumar. Um dia, nem sabe como, perdeu o ânimo de tudo. A filha entrando, maleta na mão, passou por ele sem suspender a vista, nem oi. De repente foi como se todo o trabalho da vida lhe pesasse muitos anos no ombro.

Ele para sempre ficaria no bar, os olhos à beira do copo. Às vezes, quando as coisas lhe doíam muito, largava a janela e espantava o choro com um gesto, feito quem espanta moscas. A filha trancada no quarto, no que será que pensava? Uma barriga crescia imensa no pesadelo do pai. Na luz da cozinha as roupas se faziam com vagar, dos dedos precisando de novo aprender o ofício de há tanto tempo.

Um dia: quem que viu o rapaz, e onde? Nunca mais apareceu, tinha olhos verdes e bigodinho, quem o tivesse visto na sala, perguntando coisas e ouvindo sério, não haveria de dizer. Oh, mas era a vida, falavam. O velho se balançava com o silêncio e as lembranças na cadeira da sala, na cristaleira o maço e a binga. Era a vida, quem que haveria de dizer. De repente dormia.

Uma noite a moça gemeu, veio a mãe, vizinhas apareceram. Os gemidos agora mais altos, vozes, quem sabe se as mulheres rezavam? A cadeira ia, vinha, de novo parava. Quando foi de madrugada um choro destampado – menino ou menina, meu santo?, ele na sala teve um estremecimento, um instante só, logo a cadeira recomeçou no seu ritmo, o homem levantou-se para apanhar os cigarros, a binga.





O gado

ANTÓNIO BARRETO

*(para os tempos de nhonhô meu pai,
em água azul dos pastores, sem cajado e vento...)*

I

- uma castanha
- uma baia de orelha preta
- uma moira de roxo
- uma baia de chifres para trás
- uma amarela manchada
- uma retinta
- uma amarela
- uma baia de cara vermelha
- uma baia
- duas moiras pequenas
- 2 moiras médias
- 3 moiras grandes
- 1 amarelinha
- uma moira amarrucada
- outra amarelinha de pé fino
- a de focinho torto
- uma preta
- uma vaca,



II

depois meu pai contou o gado
e as saracuras piaram no brejo
e os sabiás iniciaram
(num coro em lá menor)
o concerto de brandenburgo

E meu pai não viu o boi
nas invernadas verdes,

Sua cabeça adormeceu

sobre a mesa da cozinha urbana
e sentiu o cheiro agrário do fogão a gás
o tropel dos automóveis no asfalto
no cotidiano das caixas registradoras,

III

E os bois vieram chegando:

cabisbaixos

don-bernardos

raparigos

viscondessos

candidatos

baôbaôs

cabedais

porquespins

frei-jorges

caçapavos

baregães

circunflexos

zézumzuns

caloqueios

zabianos

coronéis

bexigos

duplicatos

quadrilongos

estrada-brancas

solitários

espingardos

bojadores

dalém-daléns

tragoleios

vagalumes

veteranos



Uma questão de posseiros

SANDRA LYON
1981

Solte os cães, mulher.

Sim, os homens vieram apurar uma questão de posseiros. Chegaram na noite, fardados ou não, montados num jipe que surgiu varando a escuridão com um farol só. O sono ainda estaria rondando aquelas estradas se o jipe não tivesse roncado, se não parasse próximo à casa com duas buzinas. Então, com isso, o posseiro, sem nenhum riso, e confirmando o pressentimento de suas vigílias, afundou a mão na caixa de ferramentas e, de lá, retirou uma cartucheira. Decidido, avisou: que venham!

Veja, naquela casa parece ser um homem espiando na janela. Não está vendo uma espingarda na mão dele? Tenho medo desses que não fazem questão de mostrar que estão armados – que são esses que atiram. Cuidado. Uma espingarda é coisa fácil de estourar, companheiro.

Saia da janela, homem de Deus!

A mulher gritou enquanto agasalhava as crianças e abafou o choro delas com ameaças. Ali, não se acendia nem candeeiro ou lamparina até que o sol viesse comandar a situação. Porque na escuridão os olhos não se viam, e homem nenhum aventuraria ser perdedor ou ganhador de posse de terra alguma sabendo-se lá quantas bocas de fogo estariam esperando com raiva, prontas para disparar.

Não escutaram um barulho? Parecem passos, pés que se afastam. No começo foi como madeira rangendo, depois é como se alguém estivesse pisando em folhas secas. Ou não ouviram? Que coisa, hein, companheiro? Tive a impressão de que duas a três pessoas deixaram a casa. Mulher e crianças? Não, não atirem. É, não prestei atenção, tão atentado que fiquei no homem e a espingarda na janela. Não viram uma sombra contornando a casa? Contornou, saiu atrás da cerca de arame farpado, bem depois da paineira.

A mulher foi instruída para ficar longe da casa até que pudesse voltar. Ela e as crianças dormindo no mato, meu Deus. Até quando? Desaforo: escorraçados da própria terra como cães danados. E a fome? O medo cresce agudo entre eles que se abraçam, enovelam-se, mudos, gelados, e o silêncio pesando sobre suas costas.

Até que a madrugada se desmanchou num dia tão cinzento como chumbo, os homens que permaneciam quietos nos seus postos foram se aproximando. Alguns vieram armados, outros com estopa e galões de gasolina. Alcançaram os cômodos apertados da casa. Então, o posseiro atirou: primeiro nos que estavam mais perto, depois virou a espingarda para os outros. A resposta veio rápida e certa.

Benditas são as mulheres que aprenderam a chorar, gemeu. E ainda deu dois passos para frente e desabou no assoalho: o corpo vazado pelos tiros.

A mulher sabe que não adianta, mas gostaria de chorar. De lá, de trás da touceira de capim, ouviu o tiroteio, e podia ver ainda o novelo de fumaça saindo da encosta, ao redor a roça de milho, o gado magro. Veja. Tudo tem um fim. Ali por perto, só o cheiro suado e doce dos alecrins, a lamúria das crianças seguindo os seus passos pela trilha, já não precisava ter pressa. Então, gritou do fundo do peito: malditas são as leis deste mundo.



Sobre o pistoleiro e sua postura

1967
FERNANDO RIOS

I
O PISTOLEIRO MATA
POR NÃO TER AMOR MAIOR

que a morte esteja
envolta em ódio
não à própria morte
– crime ausente de presenças –
quando a bala
baixo-relevo
segmenta os poros

essa angústia
semibarroca
não abranda a face
nem aumenta o ódio

eis a profissão divina
em competente aprendizagem
(paisagem
covardia de viver
perpetuado no corpo que tomba)

o pistoleiro
pisa o chão de pedra
contempla o morto

nem lhe deseja boas idas
nem vindas
somente morte estatelada

não flores
nem rezas

nem holofotes sobre o rosto

um punhado de terra
uma orelha cortada
cavalo fugido
o pistoleiro
o pistoleiro
meia-volta no tempo
seu sorriso claro
semiaberto
seu gostar da morte
seu prazer de claros
seu trabalho escuro
sua vida airada
seu andar jogado
sua presença única

a paisagem
pistoleiro sertão



II

O PISTOLEIRO MATA
PORQUE MORTE
É POSSE DE DEUS

com força nas mãos
fuzil ou revólver
mira posta
alvo móvel
ação para compor o homem
na sua posição final

o pistoleiro
ereto
sobrevê a paisagem
na perspectiva do morto

ultrapassa o morto
com seus pés
para lá para cá
obra sua
dever seu não pelo pagar em dinheiros
(pelo prazer de se postar sobre)

a morte do morto
não frequenta embornal
somente o olhar
que o pistoleiro aceita
escurece horizonte

não há mundo
nem submundo

só arma e mão
o olho do pistoleiro

hora de morrer
determinada
o pistoleiro se posta
frente à aridez
homem árido
chão árido
árido grito pulmonar

a bala concentrada bem no interior do corpo

CORPO
o pistoleiro ultrapassa o morto

o pistoleiro
penetra
a dimensão da vida
mando e desmando



III

O PISTOLEIRO MATA
PORQUE PROFISSÃO
É PÔR E DISPOR DE PERTENCES

esta crise
comunga no agreste
ávida forma
ávido olhar
aviso sem força de repulsão

agredir o tempo
que o pistoleiro dispõe

dispor de pertences
roupa e relógio
fuzil ou cantil

tempo presença
do pistoleiro
tanto faz
dia e hora

sendo momento azado
o pistoleiro executa
dispõe seus pertences
frente a frente com a vítima

não há chance
o pistoleiro reclina
aponta e atira

IV

O PISTOLEIRO MATA
PORQUE SUA VOZ NÃO AFINA
COM OS HOMENS COM QUEM TRATA

no balcão da farmácia
onde se vende cachaça
o pistoleiro estanca

seu sorriso alimenta
seus goles sucessivos
seu sorriso alimenta
seus goles sucessivos
seu sorriso alimenta
seus goles sucessivos
seu sorriso alimenta
seus goles sucessivos

mesmo quando presente
que seu tempo não faz
um mosquito voar

no embalo da espera
recosta no balcão
nenhuma arma
nenhum gesto
sua imobilidade
seu olho de águia
sua postura envergada
seu ouvido de eco



sua crise pertence
aos homens do mundo
quando um novo destino
deve recompor

as mão são suas
as armas são suas
as vestes são suas
todas parcas e poucas

todo momento é muito
toda palavra demais
todo sorriso desnecessário
todo gesto infeliz

o pistoleiro é mudo
de contato com o mundo

V

O PISTOLEIRO MATA SUA SOLIDÃO MAIOR

A . morte de temer
para ganhar
a presença do morto

o pistoleiro fala
solilóquio
com palavra divina

seu dedo compacto
com calos de olhares
(últimos lúmens)

o pistoleiro reza

uma solidão maior
lhe acompanha o trajeto
acompanha-lhe o gesto
de despedida

despede-se o pistoleiro
enfrentando a solidão
sólida semente

seco

pensar a arma no escuro
à espera
espreita



o pistoleiro tomba
em solidão maior que a sua

B . no encontro da noite
o tiro vizinho
arma branca
arma negra

eis a solidão disposta
em martírios e honras
que o pistoleiro não pede
vingança dolida

o pistoleiro sabe
que a morte que é sua
é morte melhor
um tiro de perto
um tiro de longe
que o pistoleiro não tem olhos
quando não é hora sua

C . o pistoleiro calma
sempre sabe seu momento
resumir em final
sua obra devida

o pistoleiro
em seu momento final
é só ele: roupa
(que o pistoleiro reparte
entre corpo e arma
sua força presença)

o pistoleiro
não jagunço-cangaço
mas víbora
(beleza no gesto
atenção no olhar
seu sol de silêncio)

o pistoleiro
relógio de sol
(ponteiro-corpo
combate: pedra corpo
jogo perdido)

o pistoleiro
solidão maior
o pistoleiro
CORPO E ARMA





Pizzas 1994

FABRÍCIO MARQUES

“Nós nascemos sozinhos, vivemos sozinhos e morremos sozinhos. Somente através do amor e das amizades é que podemos criar a ilusão, durante um momento, de que não estamos sozinhos.”

Orson Welles

pensem no prédio, no 14º andar deste prédio, num apartamento do 14º andar, onde moro sozinho, acabei de mudar para o único edifício em tom sépia de uma rua movimentada, pensem no apartamento, no suor do apartamento, pois esta noite – especialmente esta noite – o calor é insuportável, meu nome é José Arcadio e tenho para mim que sou diretor de cinema, não obstante nunca ter dirigido nenhum filme, nenhum diploma possuir, é preciso que eu diga, a bem da verdade, que respiro cinema, vício ou virtude, conforme queiram, que outorgou-me a paixão aos filmes e a ilusória profissão,



um filme é a vida sem as partes chatas, disse o velho mestre do suspense; eu, por meu turno, construo planos descritivos, dramáticos e psicológicos, faço montagens paralelas, tento descobrir ângulos inusitados, só para se ter uma ideia, enquadro todas as cenas que se oferecem aos meus olhos, como se tudo o que vejo e vivo fizesse parte do filme, de maneira que eu era a vida que filmava imaginando viver, ou o contrário, que no fim das contas, é a mesma coisa,

Estou sozinho na sala ouvindo músicas antigas que tocam no apartamento vizinho e que não me deixam estar sozinho, espero o telefone tocar, devo ouvir a voz de bety (oi, querido), é possível que eu dose a voz com ansiedade e desdém, todo cuidado é pouco, (oi), seremos mostrados alternadamente, campo e contracampo, duas faces da mesma realidade, mas o telefone não toca, que diabos, ligo ou não pra ela (o que houve, por que me deixou esperando?), em momentos de dúvida costumo elaborar subterfúgios, penso na primeira vez que nos encontramos, de como nos aproximamos, e quando ela me convidou para jantar, deliberadamente menti (faço de tudo, menos cozinhar), levando-a a assumir sozinha o pretexto para nos engalfinharmos naquela noite em que: corto o subterfúgio.

o desdém cede à ansiedade, resolvo afinal falar com bety, coloco o aparelho no ouvido, está mudo, mudinho, então é isso, o aparelho não funciona, meus olhos viajam através da janela, panorâmica vertical, até chegar lá embaixo, na rua, lembro que há o orelhão na esquina, devo descer os 14 andares, chegar ao orelhão, ligar para bety, eu e bety sempre vamos ao cinema e depois à casa dela, onde é preparado algo para comer, talvez vocês não acreditem, mas coloco a culinária como a primeira das artes, precedendo até mesmo a sétima e as outras, por que não?,

bety cozinha muito bem, esgalga o prazer gastronômico e apura os posteriores prazeres, diante de um prato servido por bety pode-se dizer que tal especiaria despertava em mim a dança dos apetites, como alavanca o apetite físico acionava o apetite espiritual que, por sua vez, empurrava-nos para a cama, vou despindo bety, eu e bety vamos nos procurando, esta é a nossa festa,

Já descendi todos os andares, olho para cima, procuro na confusão de luzes acesas e apagadas do prédio onde moro sozinho qual pode ser minha janela, acabei de me mudar, meu nome é José Arcadio e tenho para mim que sou diretor de cinema, olho em contre-plongée para o prédio, mas preciso telefonar, em frente ao orelhão há um bar, o dono do bar tem bigode enorme e me olha, solerte, uma mulher está ao telefone cinco, dez, quinze minutos, impaciente-me, faço cara de mau, vinte minutos, de tão perto dá para ouvir o que diz, o que a princípio era algaravia aos poucos torna-se dialeto íntimo, as palavras vão me tocando, desarmando minha raiva, ao ponto de sentir uma ternura inédita pela desconhecida,

ao desligar, ela se vira e me olha cinco segundos, cinco segundos que parecem dez, quinze, vinte mil horas, entre nós desenrola-se o fio de uma substância mágica, penso em dizer algo (meu nome é José Arcadio e tenho para mim que sou diretor de cinema), mas não digo nada, as palavras às vezes atrapalham, cortam o ritmo, entretanto preciso dizer alguma coisa, qualquer coisa, e antes que eu fale ela interrompe o silêncio, meu, dela, nosso (gostaria de ficar aqui, mas estou com pressa, tenho problemas para resolver), (mas quando te verei de novo?), (não se preocupe, nos encontraremos, estou sempre por aqui), ela vai embora, mas o fio não se parte, fico parado um tempo, pensando: as palavras, entre parêntesis, sentem solidão?,



súbito sinto desprezo por bety, as pequenas coisas de bety me irritam mais que nunca, sua mania de conferir ao acaso, atribuir a um determinismo (do acaso) imbecil todos os acontecimentos da vida, levavam-na a dizer, de meia em meia hora, que isto é uma contingência (isto é uma contingência), vejam vocês, íamos fazer bobó de camarão e na hora determinada para fazer o tempero eu havia esquecido um dos ingredientes (não se preocupe, isto é uma contingência), ela não sabia, ou fazia que não sabia, que viver é decupar, muitos dizem que o cinema é a arte das elipses, é preciso escolher, ordenar cenas e fatos, muito embora eles, os outros, é que decidem por você, o que não é novidade, mas não devo pensar em bety (bety, saia do meu pensamento),

volto para o 14º andar do prédio, para o apartamento que me espera com as unhas afiadas, entro e fecho a porta, estou sozinho (ou penso que estou), tomo banho e deito, duas, três, quatro, dezenas de formigas caminham do teto em direção à parede ao lado do guarda-roupa, levanto, vou à cozinha, do forno retiro restos de pizza, requento o que sobrou, sujeite-se a tudo, menos a comer um pedaço de pizza requentado, às duas da madrugada e ainda por cima sozinho, volto com a pizza para o forno, de novo na cama tento dormir, o fato de as formigas terem sumido me acalma um pouco, no entanto me levanto, vou para a sala onde fico andando de um lado para o outro, contando os passos, sento-me no sofá, começo a ler um livro, só não conhecia certa palavra em todo o livro, vou ao dicionário e procuro a palavra, “ligustro”, não encontro a definição, fico órfão de ligustro, volto pra cama e afinal consigo dormir,

o telefone ainda está mudo, devo lembrar que já é a noite do outro dia, desço o elevador, dirijo-me ao bar e peço uísque, com duas pedras de gelo, por favor, quando vou ao orelhão a moça já está lá, fico aliviado, levo comigo o copo, não sei por que ela está

chorando, muito e muito, olhamos um para o outro, eu bebia, ela chorava, procurávamos uma verdade que o álcool desperta e a lágrima revela,

deveria me apresentar (meu nome é José Arcadio e gosto muito de cinema, já dirigi uns filmezinhos por aí), convidá-la com a ressalva (faço de tudo, menos cozinhar), por certo ela diria (não se preocupe, isto é uma contingência), poderia fazer perguntas, mas não dizia nada, o fio que nos unia era feito da mesma substância da parede invisível que desde sempre ergueu-se entre nós, tudo é tão difícil e tão simples (gostaria de ficar aqui, mas, você sabe, problemas) ela diz e vai embora,

meu coração, minha câmera, faz movimentos laterais, em profundidade, centra seu interesse na ação que se desenrola, tudo parece sonho, no bar tomo outro uísque, penso no último encontro com bety (hoje teremos sopa de cebola), preparamos os ingredientes, 1 litro de caldo de galinha, meio quilo de cebolas peladas e picadas, 100 gramas de queijo gruyère em fatias, mas não se pode esquecer, em nenhuma hipótese, do copo de champagne seco, do sal e das torradas,

numa panela, derreter a manteiga, juntar a cebola para fritar, abafando, mais meio copo de champagne e as amêndoas cruas, salgar a gosto, para servir, em terrinas individuais, colocar a sopa salpicada com queijo parmesão, cobrir a superfície com torradas, salpicar com parmesão e cobrir com gruyère, finalmente levar ao forno para gratinar,

quando retirar do forno, despeje uma colher de champagne e salpique amêndoas torradas, bom apetite, o dono do bar me olha com seu bigode, pago a conta, inclusive os 10%, onde nós estamos, meu Deus, 14 andares me esperam, nunca disse a ninguém (isto é uma contingência), nem a bety, nem a vocês, o que mais gosto de comer é pizza, qualquer tipo, calabresa, ao alho,



portuguesa, não esquecendo da mista, naturalmente, decido convidar a mulher do telefone para uma pizza,

Já passou o dia, devo encontrar-me com a mulher do telefone, a moça sem nome, a música do vizinho (blues) continua a tocar, nunca estamos sozinhos, o telefone ainda mudo, penso em coisas boas para dizer, ela me olhará nos olhos e juntos resolveremos o terrível problema, pois direi que viver tem me ensinado, todos os dias, que é valioso amar a vida, a despeito de todas as angústias, mas está acima disso amar as pessoas que a vida coloca em nosso caminho, o que concede toda graça em viver, ou não direi nada disso, isto não é coisa que se diga, muito piegas, bagatelas de palavras emocionais,

estou esperando há algum tempo e ela não apareceu, sento-me no meio-fio da calçada, e é então, mas só então, que o dono do bar vem ao meu encontro (ela não vai aparecer, ela ficava aí, ao telefone, muito antes de você surgir, fingindo que conversava com alguém), (o que você quer dizer?), (na verdade, ela conversava com o vazio, com o contínuo barulho de ocupado do aparelho, loucuras, rapaz, loucuras), em primeiríssimo plano a câmara aproxima-se de minhas mãos que se contorcem, nervosas, sobe aos olhos e aí se fixa, até tudo escurecer, em fade out, onde acontece, como se sabe, o desaparecimento total da imagem,

sinto-me igualado à moça do telefone, ambos temos (como todos os outros) este mundinho de luz e merda a que recorreremos com a devida delicadeza quando precisamos, e quase sempre precisamos, que é o espaço onde coexistem harmoniosamente seres e coisas imaginários, como receitas culinárias, interlocutores de telefone, filmes de segunda categoria e a minha bety,

e até mesmo neste segundo mundo, a solidão que reverbera prevalece sobre os olhos que se buscam

Free-jazz

1989

SÉRGIO AURÉLIO DE SOUZA

Idas e vindas,
vidas infindas:
enquanto haja luz nos olhos,
enquanto haja mar nos óleos,
enquanto Al Jarreau nos olha.
Do vídeo.



Irmãozinhos

1989

CÉSAR GUIMARÃES

Começava com a alça encardida do sutiã aparecendo. O resto era uma banalidade de imagens. Começava assim: o cabelo oblíquo dela dividindo o rosto. Ou então assim: o céu se abaixava demasiadamente, a terra dobrava sua gravidade. Os peitinhos espetavam.

– Abre essa porta, pelo amor de Deus! (Uma mãe é sempre uma coisa raivosa detrás das portas, uma maquininha de chiliques disparada entre quatro paredes?)

Uma espiral, o desenho deles, você disse, e a língua deslizou pelo redemoinho de pelos que saía do meu umbigo. Mordi fortemente palavras como afago ou náusea. Nessa hora os passos já deviam estar deslizando nervosos pelo corredor.

Mal ouvi os murrinhos na porta (imaginei até a aliança engordurada no dedo dela, veja só) e o estrondo na porta arrebentou

meus tímpanos. Pensava que os dois tinham apodrecido no álbum da família. Mamãe estava linda, fantasma brilhando a pó de arroz, vestindo um robe azul, aquele ensebado que combinava com os móveis da cozinha. Uma estrela despenteada envelhecendo no subúrbio.

Não ouvi a última frase que ele berrou (ele só sabia berrar), papai tão lindo, o topete grisalho ligeiramente despenteado, Elvis Presley de rosto bexiguento – porque o golpe na nuca me desligou na hora, só senti a saliva ensopada de uma doçura que apertava. Adstringente, era a palavra.

Um dia fatídico, diria o tio com suas frases de almanaque. Mas isso não foi nada. O pior foi a puta raiva que me veio ao ver que o vestido, mesmo de golinha alta, não esconderia aquelas flores roxas – tudo muito brega – que começavam a me brotar do pescoço.



Melodrama

1990

amores, em tardes quentes
 ao som de um blues
 carmins, jasmins
 resvalando em mim
 Ah! As nostalgias, as nevalgias
 de uma filhinha indisciplinada
 Ah! As neurastias, as liturgias
 de uma mãezinha atordoada
 em apagar, em aprisionar
 aquelas sedes, aquelas sedas
 e também
 estas íntimas, ínfimas
 réstias: penduricalhos de mim

A boa pinta

1967

JOÃO BOSCO DE ARAÚJO MOREIRA

Inicialmente a pinta. Antes de tudo, a pinta. Deus fez o mundo em seis dias e, no sétimo, descansou com muito bom humor. Afinal, tudo certinho e justo (Deus pensava na pinta). A pinta nasceu sob signo de peixes. Imediatamente após, foi projetada no espaço. Pilula, moeda, orifício feito com furador de papel, disco de iê-iê, poço, cápsula espacial, são projeções da pinta. Um microcosmo a pinta. Aliás, disco voador é projeção ótico-espacial da pinta.

A pinta é, em suma, ponto inicial, marco zero, ponto de equilíbrio e convergência, o princípio e o intraduzível de minha amada.

Tentemos defini-la. A pinta. É um fenômeno epidérmico caracterizado por graciosa concentração pigmentária de coloração escura e contornos abstrato-arredondados, localizada, exótica e sofisticadamente, na ponta do dedão do pé direito de minha amada. Detalhes acessórios. Precisa, incisiva. Sobre o escuro da pinta há um aveludado apenas comparável à begônia.

Minha amada possui detalhes singularmente requintados, cultivando-os com bossa e caprichos ultramoderninhos. Nenhum, porém, como a pinta (as curvas de minha amada são, precisamente, rever-



berações da pinta). Transcendente a pinta na ponta do dedão do pé direito de minha amada. Com transparência e ritmo de música árabe, combinada a hieróglifos hititas. Olhando fixamente a pinta acho que já pratiquei ioga. Se a pinta tivesse um pouco mais de prática, hipnotizava. O aroma da pinta é o do jasmim desabrochado ao primeiro orvalho da madrugada em que as odaliscas executarão, com seus véus, a dança do ventre.

Assim por exemplo. Se não fosse a pinta, dois e dois não seriam quatro, mas muito ao contrário. A pinta adere tão precisamente, em forma, cor e lugar, à ponta do dedão do pé direito de minha amada, que só pode ser a unidade. Elemento catalisador. Fórmula exata, condensada, da ilha-sonho. Pensamento em pastilha de chocolate. Confete para a gente brincar ontem. Gota de quase eterno. Pinta. Justamente, desde sempre e para sempre, destinada à ponta do dedão do pé direito de minha amada. Então a amada se levanta da profundidade de sua pinta, minha amada sorrindo. Sob este aspecto a pinta é pedestal.

Creio ser a verdade absoluta, assim como a beleza, algo semelhante a um caminhão carregado de seixos. Por onde passa, vai deixando resíduos. Minha vida se resume à busca desses indícios, nos

caminhos da verdade e da beleza. Um dos indícios mais notáveis que já encontrei até hoje foi a pinta. À simples visão da pinta, ocorrem-me repentes de brainstorming, torpor vegetativo, atração tátil e, ocasionalmente, de psicocatar-se. Cheguei a ver a pinta girando sobre si mesma com a velocidade do mundo. Agora, apenas iniciado no ascetismo e na psicosenosia, sei que esse movimento, densamente interior e de elevado teor humano, equivale a uma espécie de atração cósmica. A pinta é simples e acessível, inclusive. Despojada. Esculpida. Boa pinta.

Inconscientemente a par do valor de sua pinta na ponta do dedão, minha amada anda sempre com o dedão de fora. De sandália, chinelo, descalça. Onde minha amada vai, a pinta vai sempre na frente, feito uma luz, intuindo. São claros os caminhos de minha amada. Por experiência própria a amada sabe que não tem nada a temer. Está convenientemente equipada com uma pinta na ponta do dedão do pé direito. Talismã. Bússola. Para-choque. Op enfeite. Pop arte. Pinta tudo. Pinta o sete. Estrela no chão das realidades da amada, para minha amada só pisar nuvem. Há milhares de anos minha amada levita. Navegando em sua pinta. Meus braços em forma de porto.

A pinta é, em suma, o ponto final de minha amada.



O mel do amor

RONALD CLAVER

1988

Ezequiel de Cotegipe – tropeiro do arraial de Barra do Guacuí tinha

na mula Esmeralda as esperanças de mulher.

Ezequiel de Cotegipe fustigava Esmeralda na tentativa de conseguir gotamente as serventias do prazer

Ezequiel de Cotegipe desaguava em Esmeralda o desprezo e a indiferença da prostituta Honorina – a Nina – que reinava absoluta e faceira nos quartos e becos de Barra de Guacuí

Ezequiel de Cotegipe amava em Esmeralda as ausências e as safadezas que ele imaginava em Nina.

Sorria cariado quando Esmeralda abanava o rabo pra espantar os carrapatos que sugavam aquele amor

Ezequiel de Cotegipe comprou pra Esmeralda um par de brincos de porcelana e para Nina um par de cravos.

A Senhorita Thompson

1991

DENISE COSTA DE ALMEIDA

O sinal tocou. A primeira aula era de inglês. Merda. Mais um dia daquelas lições imbecis com estudantes que viviam lavando o carro do vizinho e perguntando quanto ganha o seu pai. O pior é que não podia matar: mais uma falta e Bum! Entrei na sala com um ar de cdf. Ia sentar na primeira carteira, mas o rebanho já tinha ocupado tudo. Uma lourinha lá trás. Talvez desse pra passar a mão nela. Tinha uma carteira vaga do lado.

– Please, open your book on page 27.

Outra lição. Na pior das hipóteses, pior que a de antes. Era sobre uma tal de Srta. Thompson, que era bibliotecária mas tinha



seios geniais. Folheei as páginas seguintes. Ela só usava pulôver a lição toda. Droga. A lourinha do lado tinha cara de panaca. Fiz de conta que tinha esquecido a caneta e pedi um lápis emprestado. Ela riu. Era sinal verde.

– Repeat please after me...

Não tinha vontade de abrir a boca. A lourinha tinha uma mancha no joelho esquerdo. Fingia estar repetindo a ladainha. Era melhor chegar a cadeira pra mais perto. O coro de igreja repetia a lição. A Srta. Thompson levava um aluno para conhecer a biblioteca. Os alunos estavam interessadíssimos naquela excursão babaca. Aquelas caras de idiotas devem ter dado o maior trabalho pro ilustrador. A lourinha subiu a saia de propósito. Era branca pra caralho.

– Turn the page, please.

A biblioteca onde a Srta. Thompson trabalhava estava cheia de livros. Só na gringolândia mesmo. Não tinha nada interessante na gravura, como alguém dormindo em cima do livro ou com uma revistinha de sacanagem dentro. A lourinha pegou na minha mão. Era melhor do que eu pensava. Botei a outra mão em cima do livro, pra disfarçar. Olhei a gravura fingindo interesse. O meu dedo estava em cima dos peitos da Srta. Thompson. A lourinha gemeu.

– Não faz barulho, ô mocreia!

– Mas eu não fiz nada...

– Você não gemeu?

– Eu não, você está com a mão no meu joelho...

Tinha sido a Srta. Thompson. Ela estava vermelhinha na gravura. A lourinha fechou os joelhos e arredou a carteira. Droga. A Srta. Thompson arriscou:

– Sorry, it was my...

– Deixa pra lá...

– What? Can you repeat, please? I didn't understand.

A gringa não entendia português. Eu não podia acreditar no que estava vendo e ouvindo. Olhei pro livro da lourinha e não acontecia nada além da lição idiota. Era só no meu livro que a Srta. Thompson conversava. Devia ser efeito do baseado que eu tinha puxado antes da aula.

– In the other picture you can see Miss Thompson. She is inside the library talking about the new books with the students.

Olhei a gravura de novo. A Srta. Thompson parecia cansada de ter que fazer isso em todos os livros. Imagina só o tanto de estudantes babacas que devia ter numa edição. Olhei na contracapa do livro. Era a 37ª edição.

Passsei a mão no cabelo dela. Era louro e macio como papel. Pensei que ela ia achar que era ousadia minha. Não achou. Disse até que gostou. Lembrei que um cara lá da sala tinha me dito que as americanas eram supersacanas. A Srta. Thompson não parecia ser. Tinha cara de bibliotecária. Mas em todo caso era melhor ficar de sobreaviso, esperando um sinal. Aqueles peitos geniais.

Ela me contou que trabalhava o tempo todo e não recebia hora extra. O meu inglês dava pra entender muito mal. Mas ela me mandava consultar a parte de gramática e o Vocabulary do final da lição. Eu disse a ela que um dia os livros de inglês iam ter legenda. Ela riu um risinho quase sacana. Ninguém da sala sacou nada. Já tinha escorrido quase uma hora. Ainda tinha mais uma. Pela primeira vez eu queria que a aula de inglês não acabasse nunca. A Srta. Thompson parecia meio tímida e isso aumentava o meu tesão. Só depois saquei que aquilo era fingimento dela



pra aumentar o meu tesão. Era a primeira vez que eu conversava com uma gringa de peitos geniais. Ela me olhava com um ar amigável. Comecei a ficar com remorso dos meus pensamentos sujos. Mas não conseguia tirar os peitos dela da minha cabeça. Nem dos meus olhos. As americanas eram umas vacas, mas a Srta. Thompson tinha um sei lá o quê de especial. E já dava sinais de não ser conservadora, porque quando viu que eu estava olhando o tempo todo pros peitos dela, tirou o pulôver.

– Repeat please after me...

A voz da professora assustou a mim e à Srta. Thompson. Tive medo de que com o susto ela vestisse de novo o pulôver. Não vesti. Debaixo do pulôver ela usava uma camisa de malha justinha. Não usava sutiã. Ela me disse que ia estar no 3º quadrinho da página seguinte, atrás da estante. O chefe dela entrava agora e podia pegar a gente conversando.

– OK. I'll turn the page.

Meu inglês melhorava. Uma gringa atrás da estante era demais. A lourinha fazia de conta que estudava a lição. O resto da turma fazia uma leitura silenciosa. Ia ser difícil conversar agora. Miss Thompson sacou o clima e disse que se eu rabisasse o livro ela podia ler. Estremeci. Fazia dois meses que eu vinha rabisando bigodinhos, chifrinhos e caralinhos em todo mundo. Sem contar as sacanagens maiores. Ela riu do meu nervoso. Era gostosa demais.

Virei a página tão depressa que derrubei os livros da estante. A Srta. Thompson abaixou pra apanhar. Sem querer vi as pernas dela. Um avião. Aqueles pelinhos louros eram demais. E nem era

água oxigenada com blondor. Era natural. Fiquei imaginando se a Srta. Thompson era loura em outros lugares. Ela ficou falando o tempo todo da biblioteca. Fiquei pensando que isso devia ser coisa de personagem de livro de inglês. Só depois saquei que ela fazia referência a uns livros de sacanagem que ficavam naquela estante. Um tal de Joyce, um Wilde e uns outros. Era demais. Fui sacando a ousadia dela. A timidez era só fachada. O que ela precisava mesmo era de um leitor pra se desreprimir.

Resolvi fechar o cerco pra ver se dava rock. Disse pra ela que ela era bonita demais para estar oprimida naquela biblioteca. Era uma adaptação de uma frase do Clark Gable que eu tinha visto na televisão. Ela tomou como minha porque na certa não tinha TV. Esbarrei nos peitinhos dela sem querer. Ela não se importou. Devia estar gostando. Cotovelo vai, cotovelo vem, não acontecia nada. Já estava chegando o final da lição. Vi o Verb Table. Não tinha acontecido nada ainda. Comecei a ficar nervoso. Olhei a lição seguinte. Tinha o desenho de uma velha fazendo tricô com um gato no colo. Puta merda. A Srta. Thompson não ia continuar.

Ela reparou na minha ansiedade e disse que eu podia pedir o que quisesse. Qualquer coisa. Talvez um livro. Pedi pra ver os peitos dela. Ao invés de me dar um tapa na cara ela levantou a camiseta. Só pra mim. Nos outros livros she was saying goodbye to the students. Era o primeiro peito de americana que eu punha a mão em quatorze anos. Abaixei a cabeça pra dar um beijo nela. O sinal tocou. Era o fim da aula. A lourinha saiu da sala me olhando com um ar de desprezo. Não tive coragem de fechar o livro. Todo mundo saiu da sala. Eu fiquei. Segurando os peitos da Srta. Thompson. Já estava todo sujo de batom.



1975
PLÍNIO CARNEIRO

Sinfonia número quarenta

O calor apertava a roupa de encontro à cintura; debaixo dos braços os pingos escorriam; nem os óculos escuros evitavam que a luz forte, refletida no asfalto, entrasse em seus olhos de ressaca – a cabeça pesada e inútil, presa ao pescoço suado, doía. A sombra da entrada do prédio lhe deu um alívio, os pés cansados de andar naquele meio-dia quente e barulhento. Os carros e os ônibus pareciam pedaços de fogo deslizando no asfalto que se derretia.

De um fôlego venceu os degraus que levavam à redação – o elevador fora para o quinto andar e ele estava bem atrasado. Na sala comprida, cheia de mesas, cadeiras e máquinas de escrever, os únicos eram a colunista feminina e o cronista social, às voltas com suas notinhas cheias de vaidade. No fundo, o chefe de reportagem falou com sua boca torta:

– Ei, Barreira, taqui seu roteiro. Vê se não deixa faltar matéria e chega cedo, que ninguém está com ânimo de esperar notícia. E veja se cumpre a pauta, prezado.

Raio, falou baixo ao ler o roteiro. Esse cara tá doido, dá um serviço lá na praça e outro no fim-do-judas, sem carro. Mas ele não podia reclamar, havia sido o último repórter a chegar na redação, agora vazia. Só o Jair, misto de menino de recados, pegador de refrigerantes e telefonista, ainda permanecia na sala, catando as teclas da máquina reservada aos estagiários de jornalismo.

Calor miserável, que não deixa a gente nem pensar. Era preciso organizar a saída, andar no chão quente, entre pessoas suadas e estabanadas. Na rua, o calor, o povo andando de ombros caídos, como se o sol fosse carga pesada neste verão que queimava. As lojas de óleo e pneus, o botequim ao lado do jornal, tudo era um só mormaço, um paradeiro que trazia os sonhos de praia, calção, picolé e doce-far-niente.

□

– O que é que você estava fazendo na porta do Pandiá Calógeras, às 13 horas, sexta-feira?



A voz era do cara de costeleta, de dentes e jaleco brancos. Voz que o despertou de uma ausência que sentia desde que fora levado para o quarto, há três dias. Ele chegara no jornal ao meio-dia para apanhar o roteiro e depois não se lembrava de mais nada, só o calor que o incomodava até agora, a cabeça pesada e os braços sem função, caídos ao longo do corpo.

□

“Et les sanglons de violons de l’automne, blessent mon cœur d’une langueur monotone”. Será? E as suásticas que apareceram, há alguns anos, pintadas nos muros? Será que era a mesma coisa? Alguém está avisando alguém de alguma coisa, isto eu tenho certeza.

Parece até brincadeira, coincidência, mas tanto Mozart assim dá para desconfiar. É só ligar o rádio e lá vem a quadragésima. A gente vira o dial, muda de rádio, e Mozart continua presente. Liga a televisão, corre os olhos pelos jornais – olhai de novo a quadragésima. Dá ou não dá para desconfiar?

Será que o “molto allegro” está avisando, informando; nos meandros do “andante”, do “allegretto”, há alguma mensagem, destinada a uma resistência, a uma abertura? Parece até romance policial, mas não é. Se fosse música popular, de Chico, Roberto ou Bethânia, ainda passava. Mas a “Sinfonia número 40”, do austríaco Wolfgang Amadeus Mozart, tocada a toda hora, virada e dissecada pelos jornais, executada pelas sinfônicas regionais, assobiada pelos cantos da cidade, tudo isto dá para desconfiar.

E não é nem centenário do compositor, por que essa parafernália em torno da quadragésima? Vamos ligar os fatos e fazer uma investigação: em quê tudo isto pode se ligar ao homenzinho de óculos redondos que parece estar me seguindo; e a magrela

alta, feia e simpática? e o barbicha de terno azul-marinho? Nem sei o que fazer: cumprir o roteiro ou continuar a pensar na quadragésima?

□

Cinco dias hoje e continua escuro. A luz que a gente vê entra por um buraco que tem ao lado da janela, tapada por fora com tábuas – o escuro parece que aumenta o medo que sentimos do desconhecido.

Ontem foi domingo e as tábuas do lado de fora foram tiradas, deixando uma fresta onde a gente enxergava a parede do outro prédio e, lá na esquina, longe, um pedaço de campo de futebol, só o lado direito e metade de um gol. Foi feito um rodízio para que todos vissem um pedaço de luz, de pessoas. O goleiro que víamos não teve muito trabalho, apenas umas duas ou três bolas difíceis e o resto só bola atrasada. Teve um pênalti, que virou gol, o goleiro caindo para um lado e a bola entrando no outro. O beque veio e passou a mão na cabeça do goleiro. Isto foi no primeiro tempo, porque não houve o segundo para nós: alguém logo colocou a tábua no lugar e adeus jogo.

O escuro até que faz bem, a gente fica perguntando um ao outro como se está de saúde, dá mais assunto quando a gente não vê a cara de sofrimento do colega. Até agora todos estão bem, preparados para o que der e vier.

□

As picadas no braço já não doem tanto, mas a cabeça pesada e o calor continuam a me incomodar. Preciso avisar minha mãe, mas avisar de quê? A consciência vem e some, não consigo fixar



os olhos na costeleta do homem de branco que vi debruçado sobre mim, hoje, ontem, ou há um ano?

□

Décimo dia, segundo os riscos que comecei a dar na parede. A luz aumentou para nossos olhos, acostumados à escuridão, as mãos andando mais depressa sobre o prato de ágata.

Hoje encontramos, no corredor, com Anselmo. Ele disse que a Lúcia sofreu muito com sua mania de limpeza. Até tomar banho na água de beber ela tomou, molhando um lenço na caneca e passando debaixo do braço. O burrão continua a fazer perguntas bobas e o Joel faz dele gato-e-sapato, falando numa linguagem empolada. Para se vingar, o burrão levou nossas roupas – estamos agora de cuecas, encardidas, fedorentas.

Cheirando mal estamos todos nós. Hoje eu olhei para minha barriga e no local onde a pele dobra estava escuro, uns pontinhos que já começam a virar caraca. O cheiro de suor é forte, são doze dias sem banho, nossa cara deve estar péssima, devo ter emagrecido uns dez quilos.

O de sotaque é um anormal: cara de nortista, barba rala, um palito esgravatando os dentes, ele ri enquanto a gente geme. O pior é se meu ombro se deslocar, é uma dor tão forte que fico sem fala. Joel não conversa mais depois que voltou, chorando baixinho. Preferiu enfiar a cabeça no canto da parede, encolhido no chão. Falei com ele sobre Deus e veio o grito “que Deus, quem é Deus, como é que existe Deus e acontece isto com a gente?”. Joel falou de outras coisas, o choro saindo dos olhos fechados, a boca apertando o lenço sujo.

Estou calado há dois dias, com dor de cabeça. Eles estão mandando pouco pão, arroz sem sal – a batata desapareceu. Às vezes a boca fica tão amarga que a vontade de vomitar sobe até a garganta. O silêncio de Joel não me deixa dormir.

□

Será que sonhei ou mamãe veio mesmo me ver? Estou preocupado com o roteiro que tenho que cumprir, com a investigação da quadragésima, mas ninguém aparece para levar os meus recados.

□

O calor diminuía de intensidade, o sol já não amolecia o asfalto. Ele estava parado defronte à mesa do cara de costeletas, olhando fixo para os sapatos brancos à sua frente. Queria perguntar muita coisa, mas a voz não saía. Estava com vontade de chorar, nem sabia por quê.

– Não há nada, você pode ir embora. Foi só um sustinho, tá?

Ele queria perguntar, saber muitas coisas, saber uma porção de porquês.

– Esquece, falou o costeleta.

Esquecer o quê, pensava ele enquanto descia os degraus da portaria do prédio. O brilho da tarde ainda feria seus olhos, o povo passava apressado, alheio. A vida não acaba para eles, pensou. Esquecer, como? Desceu os degraus e misturou-se à multidão.



1983 SERGIO ALVES PEIXOTO
Hamlet

Se meu verso não diz o que falo
Calo?
Trescalo a cheiro de jasmim?

Ou busco num breve intervalo
Raro
O exato avesso da palavra fim?

MARCELO RIBEIRO LEITE DE OLIVEIRA
1988
Quintais antigos

É interessante como a gente lembra de coisas que aconteceram com a gente. Eu era pequeno mas lembro direitinho quando meu avô me bateu. Eu ainda era pequeno e não passava dessa altura assim. A gente pequeno, não compreende bem as coisas. Não sabe o certo e o errado. Uma vez toquei o porco para dentro de casa. Meu avô não gostou e me bateu. Eu tinha menos de cinco anos, um tiquinho de nada, não entendia que ele não gostava do porco dentro de casa.

Não bateu com muita força, eu acho. Mas eu senti com força porque tinha menos de cinco anos. Lembro de minha avó dizer que ele ia me matar. Lembro dele dizer: esse menino está bom é de morrer mesmo.

Não sei se ele queria me matar. Eu senti o tapa com força. Era forte para mim mas devia ser fraco para ele. Eu lembro direitinho



da minha avó falando que ele ia me matar. Teve uma hora que achei que ele ia me matar mesmo. Mas como pode o avô da gente querer matar a gente?

Outro dia eu fui com meu avô, fui carregando a enxada. Com menos de cinco anos e carregando a enxada para o meu avô. Ele foi carregando o menino. Quando chegamos no fundo do quintal, eu fiquei observando as formigas que carregavam folhas enquanto ele cavava.

Era meio-dia e o sol estava forte. O sol quente do meio-dia não cansava meu avô, nem as formigas. Enquanto ele cavava e as formigas carregavam folhas, eu ficava pensando no tanto que eu estava cansado com aquele sol de meio-dia.

Depois de cavar um buraco bem grande, meu avô jogou o menino lá dentro e começou a tapar o buraco. O tempo passou e não era mais meio-dia. A hora eu não sei qual era, mas meio-dia não era não. Quando é meio-dia a gente fica certinho em cima da sombra da gente e a minha sombra não estava mais certinha debaixo de mim. Por isto eu sei que já não era meio-dia. Com menos de cinco anos, eu sabia que já não era meio-dia. Sabia também que já estava na hora de voltar.

Eu sabia que estava na hora de voltar porque meu avô estava acabando de fechar o buraco. Depois de fechar ele bateu a terra com a enxada de um jeito que a terra ficou lisinha. Depois espalhou umas folhas por cima e eu fiquei imaginando que as formigas iam ter muito trabalho se quisessem carregar aquelas folhas. Aí a gente foi embora.

O sol ainda quente já tinha esfriado um pouco. Enquanto a gente ia para casa andando calados, eu olhava meu avô e pensava que podia ter sido eu, o menino no quintal.

Do diário de um pequeno burguês

1966

1968

1972

LUIS GONZAGA VIEIRA

1963

Um homem é insubstituível, mas ninguém faz falta.

□

As coisas mortas são lindas. As coisas que escrevo serão lindas, se forem póstumas.

□

Uma coisa boa para um indivíduo nem sempre é aconselhável para um grupo de indivíduos. Mesmo assim, um grupo de indivíduos está sempre disposto a ditar normas para um indivíduo isolado.

□



Coleciono angústia como quem fabrica flores artificiais.

□

Há muita coisa bonita na vida, a gente é que não sabe ver. Pelo menos este é um pensamento de instante, o mais reduzido instante possível. A tarde, por exemplo, lá entre cinco e seis horas, toda aquela tranquilidade, isso tudo que é belo sem fazer alarde e que fica mais bonito por ser simples. A única tristeza que a tarde oferece é o irremediável, uma coisa que a gente olha, ama e depois passa. Muito bom poder passar a tarde assim, como um condenado que se despede. A gente fica alegre, um modo meio triste de ficar alegre.

1964

Fora de Belo Horizonte não há salvação, quero dizer com isso que amo profundamente minha terra, quero dizer que a salvação está no amor e em Belo Horizonte. Estou alegre, até onde é possível uma pessoa triste estar alegre e só.

□

E eis a grande descoberta: eu sou eu (os outros são os outros). Demorou 24 anos, mas valeu a pena. Ou não valeu. Não sei.

□

Em teoria escolhemos o amor, mas na prática escolhemos a bomba.

□

Repito: uma pessoa só tem valor porque é frágil. Como um copo de cristal que merece todo cuidado.

□

Sei que os outros existem, parece que sou o vazio entre eles. Todas as pessoas me rodeiam, e eu sou o espaço vazio que elas formam. Um corredor só tem sentido se há paredes, sou espécie de corredor vazio entre paredes escuras. Ouço vozes de pessoas como bruma que me envolvesse, e sinto que sou apenas um ente de razão, sou uma coisa que os outros raciocinam. As pessoas não me veem propriamente, elas calculam a possível distância entre as outras pessoas, e eu sou essa distância entre uma pessoa e outra. Não adianta querer que o dia de hoje passe depressa, porque amanhã tudo será repetido. Sou repetição, naufrágio, revolta. Tudo, menos eu.

1965

A gente olha para os animais e pensa: eles são irracionais. E os animais parecem dizer-nos: eles não sabem o que fazer da razão.

□

Um colega de banco, casado, sofredor e pinguço, disse que conhece os dois lados da vida: o mau e o péssimo.

□

Maura Lopes Cançado fala sobre a santidade da loucura, que a eternidade é a loucura. Penso em morte o mais estoicamente



possível, mas cheiro morte dentro do meu corpo. A vaidade atrapalha meu suicídio. Resolver isto ou aquilo, para depois morrer. Procurar amor, pedir amor, e ver os dias passando sempre do mesmo jeito. O desejo é mais rico que a realização.

□

A voz do locutor ressoa de noite com tristeza. Penso em certas ruas de Ouro Fino e Pouso Alegre, familiares porque vistas demais. Penso agora nas ruas de Belo Horizonte, ruas de uns bairros que me lembram cidades de interior. A entonação da voz do locutor dá melancolia porque soa triste. Essa vontade de confirmar a ternura dos homens e das coisas, mas reconhecer (nos fatos) que os homens se bombardeiam e se devoram. A bomba atômica é o nosso símbolo de amor, um amor horrivelmente civilizado. Todos falam em paz, como se paz fosse uma entidade abstrata demais para ser conseguida. Anos e anos de vida humana sobre a Terra, e isso nada significa diante do Tempo. Então os homens se refugiam na Eternidade, como cachorro medroso que enfia o rabo embaixo das pernas. Saber que o mundo é isto que vemos e sorrir com tristeza, por falta de gestos. Diz o mestre Millôr Fernandes: “Nossos corpos não foram feitos para a ambição de nossas almas”. Título do filme francês que eu não assisti: “Une si longue absence!”.

□

Sabia que, colocando algumas palavras no papel, as palavras implicavam uma porção de outras coisas e não era apenas acu-

mular páginas, como fora o costume dele. Nem pensava procurar editor para as coisas que escrevia, porque ele não tinha nome nem era conhecido nem sabia das palavras que rabiscava. Ousado era o modo de ele viver todo dia, sem perspectivas. Sentado na mesinha lá dentro do quarto vermelho, ruminava como boi no campo, mas sem a inconsciência do boi. Os dias se acumulavam dentro do quarto e principalmente na cidade de cimento. Os amigos eram introvertidos, como acontece com escritores e novatos, e justificavam a própria introversão. O mundo era uma bola implicada demais, precisava um pouco de paz de espírito para abranger o mundo. Discutiam sobre autores e livros, mesmo sem qualquer vivência. Então um autor sofre palavras uma vida toda e o primeiro escritorzinho de província diz que fulano é cretino e que não devia fazer isto ou aquilo. Eu é que sei o que devo fazer. Os críticos, por melhores que sejam, são apenas críticos. Os críticos têm visão de críticos e não têm visão de autores, há uma delimitação que eles não reconhecem.

O poeta pega os discos e a radiola portátil e, antes, bebe uma garrafa de cerveja. Os três caminham na rua escura do Santo Antônio, os dois escritores que engatinham não nos telhados, mas no asfalto mesmo. Todos são sinceros e todos sabem que não se faz nada com sinceridade. Henry, Luiz e Luis. A menina do Affonso Ávila fazia anos, Lais e Affonso ganharam prêmios da Prefeitura, comemoravam o aniversário da filha e o prêmio. A casa cheia de estantes, de livros e de palavras bem boladas ou, pelo menos, discutidas. Depois das dez horas, as crianças ficaram com os olhos vermelhos de sono, Henry levou a menina dele pra casa, e os marmanjos bebiam e fumavam, porque todo



homem bebe e fuma. Rui de Brasília e a mulher de Rui, mulher reclamando os ossos do corpo por ser magra e vestida de preto. Laís rindo nos óculos míopes, como sempre. Wanda, com seu lado humano e ganhando livros de presente. Myrtes, que lançara novo ou primeiro livro, “Tempo de fiar”, mas eu não me fio nele, embora o elogio dos autores que gostam de elogios. Minha crítica pouco valeria, porque não sou autor consagrado, certamente ela acharia graça na minha crítica e não me levaria a sério. A bandeja de salgadinhos e de cerveja e de vodca e de uísque, as músicas de bossa nova e velha, a nona de Beethoven. Elmo, Márcio Sampaio, todos implicados com palavras, poetas e escritores. Eu disse para o Affonso e para a Laís que mandaria a minha novela pra eles, que eles criticassem o meu troço que eu chamo de novela por causa do tamanho, mas que ainda não acabei de passar a limpo.

Uma simples coisa que a gente escreve tem implicações. Por que se escreve, para que se escreve, como se escreve, pra que tanto esforço a troco de praticamente nada. As pessoas na sala conversavam como escritores, todos eles haviam publicado alguma coisa em algum lugar, e todos eles levavam a sério a brincadeira. Eu pensava publicar as minhas coisas para sentir o meu nome na carcaça dos outros, pra receber elogios, pra ver as críticas, ler as cartas dos fanáticos e dos tarados, e principalmente das mocinhas românticas, e também dos literatos engajados no papel, mas alienados na vida. Fazia-se questão de escrever uma literatura participante, embora a vida do sujeito fosse uma aliena-

ção nojenta. Participação era mais coisa de papel e de livros do que de existência, não havia relação entre a vida do escritor e a literatura que ele fazia.

Cheguei em casa às três da madrugada.

1966

Feia, manca e empregada doméstica. Minha irmã mudou pra Viçosa e ela ficou sem emprego e sem casa pra morar. Pedi pra dormir em casa até arranjar outro emprego. Não tem família, e as freiras não tinham mais lugar lá no educandário. Não tem onde cair morta, não tem ninguém e, mesmo em minha casa, é como se ela não existisse.

□

O corpo não é aquilo que a alma esperava! (e vice-versa).

□

A moça é linda no vídeo. Antes das 6 horas da tarde ela aparece, as crianças gritam e gesticulam ao redor dela, a moça pergunta o nome da menina e passa desenhos animados feitos na Matriz (USA). Os olhos parecem esverdeados, verde-escuro. Acaricia os meninos, canta parabéns-pra-você, e fala como se não estivesse na frente da câmara. Os meninos são pequenos e não acreditam na beleza da moça, mas a moça acredita nos meninos. O gesto da mão separa os cabelos caindo na testa,



como se acariciasse o próprio rosto. Os lábios sempre rindo, os dentes compunham melhor o rosto. As pernas mais finas que grossas, magra e simpática, o rosto ameaçando um buraquinho que não apareceu. O colar deslizava no pescoço, com indiferença, porque a moça é que enfeitava o colar, que coloria o vestido. O sorriso dela era beijo pra meninos grandes. E o menino grande sonhava com a moça no vídeo, não porque estivesse apaixonado, mas porque ele era um poeta que se espantava diante da beleza da moça. Sonhava com ela não para possuí-la, mas para extasiar-se, como quem fica lírico vendo a tarde. A moça fica sentada, a mesinha com papéis brancos, e a televisão registrando moça e meninos. Ela diz, para o menino grande, que é engraçado trabalhar na televisão, que ela vai embora depois do programa, janta, e depois vai namorar um pouco. Quando ela passa, eles sabem que ela trabalha na televisão, e ela continua rindo pro namorado, e o namorado sabe que ela gosta de crianças. Sem tristeza, o menino grande vê a moça, e a moça jamais poderá ver o menino grande na poltrona, sem dinheiro, sem emprego, sem disposição, e esperando a empregada pôr a comida na mesa. A moça tem a vida dela e o menino grande sabe disso. Mas o menino grande também tem a vida dele e a moça não sabe nem é provável que venha a saber. O que importa na moça da tevê de brinquedo é ela aparecer, desaparecer, extasiar o menino, fazê-lo sonhar, assim como a tarde sonha com a noite. O rosto da moça está no vídeo, e o menino grande tem apenas dois olhos para ver a imagem dela. Porque a moça é somente a imagem dela, e o menino grande não pode amar uma imagem, não pode tocar na

imagem, só pode imaginá-la. O menino grande aperta o botãozinho da televisão e a moça desaparece. Ele senta na mesa, janta, lê um pouco, depois dorme. No outro dia, às 6 horas da manhã, a mãe acorda o menino grande e ele vai estudar. Encontra moças na faculdade, conversa com elas, pensa em amor, e continua sonhando com imagens. Ele é um menino de 30 anos, como se a cidade fosse um território desconhecido.

□

Falo de liberdade quando há propaganda subliminar.

□

Não há lugar no mundo.

1967

Sou filho do jato e da bomba atômica e, ainda por cima, sou um sujeito lúcido e inteligente: como querem então que eu seja bonzinho?!

□

Estou temporariamente refugiado no meu quarto, e meu refúgio é abalado pela vida lá de fora: dívidas, protestos, falta de dinheiro e de emprego, trancar a matrícula na faculdade, mas não se afobar com nada.



Não se afobe, meu filho, a tua vida não vai modificar coisa alguma nem eles te libertarão de coisa alguma. Não se afobe, olhe a vida, misture estoicismo, ceticismo, cinismo, pessimismo, existencialismo, marxismo e beba um trago dessa bomba!

□

O silêncio é de ouro. O protesto, mais ainda.

□

Misticismo é uma forma de epilepsia.

□

Quando minha colega disse que eu sou bacana, olhei no espelho e não entendi o que ela queria dizer com aquilo. Posso não ser assim tão feio e, até mesmo, posso ser um cara simpático e com alguma atração. Mas olho no retrato 3x4, a careca mal e mal se disfarçando, a barba sombreando o rosto magro e chupado, nariz e lábios grossos, sobrancelhas pretas, e os olhos apertados: cara de judeu, desconfio que tenho parentesco com judeus. Quando o retratista pediu que eu olhasse para a máquina, improvisei uma tristeza sem graça; por isso meus olhos ficaram assim, diminuídos, olhos que apenas reagem diante dos objetos e que não conseguem mais nada. Nem mesmo retrato consegue me disfarçar. Aquela cara de pedidor de esmola, cara de quem suplica misericórdia e compaixão. Eu sou bacana, sim, tudo é possível!

□

Se eu bebesse um copo de chope a menos, tudo o que aconteceu comigo aconteceria diferente.

□

“XYZ” talvez seja um diário com alguma implicação e mais sofisticado, procuro seguir cada dia na vida de um mineiro pacato, intimamente revoltado, e a vidinha dos amigos e conhecidos deste mineiro que sou eu. Pessoas e coisas do “XYZ” são reais (às vezes até demais!) com o natural exagero ou depreciação. Pessoas e coisas são aquilo que Renato vê, o que não chega a ser uma simples visão impressionista. Procuro dar uma visão do mundo a partir do pensamento e das emoções de um mineiro não muito comum, mas enconradiço.

□

Das mil páginas datilografadas que tenho, pelo menos algumas frases devem ser ótimas (descontando-se a minha simpática presunção).

1968

Primeiro dia do ano, o isolamento é o mesmo. Vilela, Adão e eu passamos o ano na casa da Tê. Não sei o que está na minha frente. Ouço a “Paixão segundo São Mateus”, de Bach. Grandes tentações de tristeza e melancolia, tudo movediço. Já saí do fundo da fossa, mas qualquer desequilíbrio e posso cair de novo no fundo da fossa.

□



Eu poderia fazer do “XYZ” uma espécie assim de epopeia da mediocridade, um “romance” insípido do cotidiano, de tal forma que mediocridade e insipidez se tornassem virtudes.

□

“Mais vale um covarde vivo do que um herói morto” – é o tipo da frase complicada.

□

Eu gostaria de ter o mundo aos meus pés – para poder chutá-lo!

□

Ontem, 14, pegamos o avião a jato Comet lá no Rio, às 20 horas, fizemos escala em São Paulo e chegamos em Buenos Aires às 24 horas brasileiras. A mocinha argentina conversava sobre Sartre e Simone de Beauvoir, fazia o quarto ano de medicina, 20 aninhos de idade, tinha visitado Israel e não acreditava em religião. Agora estou aqui no quarto do hotel Sussex, rua Tucumán, 573, com a mesma cara de sempre, como se o mundo me fosse uma coisa estranha e, mesmo assim, fantástica. Estou sem peso argentino e a turma ainda não se reuniu. São 12 horas agora, não sei onde vamos almoçar, ainda está tudo desconstruído. Tristeza? Não, apenas certo constrangimento.

□

O inferno são os outros, o céu também.

□

Os homens desafiam a morte, e a morte ri da piada!

□

Começar assim, fazer bonecos muito direitinhos, que funcionassem direito, amassem os inimigos, fossem felizes para sempre, como nos contos de fada.

□

“Ninguém vive com a intensidade que deseja, exceto os toureiros.”

“Escute, Robert, tanto faz um país como outro. Tenho experiência disso. Não podemos sair de dentro de nós mesmos. Não adianta.”

(“O sol também se levanta”, Ernest Hemingway).

□

- Quando quero utilizar uma coisa,
- Tudo é hábito, Reinaldo.
- quando penso nas coisas que preciso e no esforço
- Existe um modo de ver a tarde.
- que faço para conseguir
- Então o recurso é pensar que Marta ou Marina, não importa,
- o mínimo, vejo que é mais tristeza de minha parte. Não tenho
- são pessoas.
- problemas, só um pouco de desespero e isolamento, e uma



– Mulher ajuda muito, Reinaldo, amor é grande, não é só porque os outros falam.

– solidão, eu sozinho, nós dois juntos mas solitários, os meus conterrâneos, e nenhum ponto de contato porque solidão repele contato, porque não sei quando

– Marina gosta muito de você.

– nem sei mesmo o que faço para não sangrar

– Você finge.

– os outros.

– E agora se lastima.

– Procuro uma coisa que ninguém aponta, por

– Bobagem!

– insuficiência, impotência moral, um nome desses.

– Você sabe que sou seu amigo.

– Há uma proibição desde o nascimento.

– Eu sirvo.

– Todos me servem, porque ninguém,

– Sei sei.

– talvez a idade-acima-da-razão

– Compreendo.

– ou talvez nada disso, talvez uma suposição,

– Talvez.

– ou mesmo, não sei. Sou um modo de isolar os outros, já disse.

– Entendo.

– Não sei como pensar assim, se vou de um lado ou de outro.

Sabe do que eu gosto de verdade? mas de verdade mesmo?

– O teatro começa às oito e meia.

– É uma coisa estranha!

– É às oito e meia em ponto.

– Não sei.

1972

Hoje é o segundo dia do ano de 1972, um ano que também será muito engraçado, como todos os outros..... Amanhã vou ao dentista, hoje vou fazer barba e tomar banho. Sim, eu também tenho minhas boas doses de cinismo. As pessoas convivem comigo, mas elas não sabem o que ando falando delas no que escrevo. A noite agora está quente, e eu continuo nem triste nem alegre nem indiferente. Na sala de visitas, minha mãe, Maria Alice, Maria do Rosário, Duílio e os meninos veem televisão. O problema da velhice é que o corpo não caminha direito nem pode fazer muito esforço, e o velho não pode ficar sozinho pra não fazer besteira, precisa de companhia. Quem ficará comigo quando eu estiver velho e fazendo minhas besteiras domésticas e sofrendo minhas doenças de velho? Se a tristeza é inútil e sintoma de masoquismo, no entanto pode ser uma espécie de defesa. O senhor poderia me explicar o que vem a ser amor? pergunta o fulano na televisão. O que é a verdade? perguntam todos os homens. A televisão brasileira é muita instrutiva (sic!): cê vê gente ressuscitando mosquito, comendo coco, tocando música nas unhas,..., o capeta. E há sempre um júri para julgar a cultura



fabulosa do programa, cultura marca embratel. Se o dente para de doer, com que dor eu vou me divertir? O sentimento do povo brasileiro exala catinga por todos os poros do asfalto. Você é livre mas, por favor, não leve muito a sério esse negócio todo. Quando os outros dizem que sou escritor, sinto que eles estão satisfeitos em reconhecer isso – mas eu não sinto satisfação em reconhecer que sou escritor, apenas sinto que sou um desajustado mental, um sujeito completamente fora de órbita mas que, na prática, comporta-se muito bem e civilizadamente. Estou quase terminando de bater o “XYZ” a limpo. Com o dinheiro que vou pagar ao dentista, vou ficar sem nada pra ir ao Rio, e eu precisava urgentemente ir ao Rio resolver o negócio do meu primeiro livro com o Álvaro Pacheco. As coisas não se resolvem, as coisas se rebolam e se acavalam, e cada um procura resolver o próprio problema ou, melhor ainda, procura conviver pacificamente com os próprios problemas. Pra mim, pelo menos, escrever é espécie de doença, febre, neurose. Na hora que a turma for dormir, eu vou fazer a barba e tomar banho, caso vocês não fiquem incomodados com isso. Empunho a caneta como espada, mais tarde ficarei ferido. Por gentileza, esperem por mim amanhã ou qualquer outro dia.

□

Eu sou uma oração subordinada. Se você não entender o que isto significa, então a frase torna-se misteriosa e você pode até pensar que eu estou falando uma coisa muito profunda. Na verdade, quando digo que sou uma oração subordinada, nem eu mesmo sei o que quero dizer com isso.

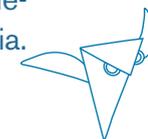
□

Avacalhei o romance do Vilela, e o Vilela avacalhou minha crítica. O que importa é que ele continua meu amigo, suponho. Diante das discussões, diante dos erros e das injustiças e dos acertos, estou ficando cada vez mais chateado com esse negócio de conversa literária, de literatura, de vida, tudo. Talvez seja por causa dos maus momentos (intimos) por que estou passando. Vou dar só 90 cruzeiros pra minha mãe, e ela esperava que eu desse pelo menos 200 – mas é que eu tive que pagar 300 cruzeiros pro dentista, e vou ficar só com dois cruzeiros no bolso. Como sempre, quando estou com pouco dinheiro, penso em parar de fumar. Depois também, hoje eu estava conversando com uns caras e eles me falaram que um sujeito morreu de enfisema, de tanto fumar. Aqui em casa, minha mãe achou bom que eu fosse tratar dos dentes, e ela sabe que eu só ganho 322 por mês, e depois ela não acha muito bom que eu dê só 100 cruzeiros pra ela. Mas é engano meu. Eu dei 90 cruzeiros pra ela agorinha mesmo, e ela falou que tá bom, aperta um pouco mas tá bom. Só eu é que não estou muito bom – mas eu não sei direito como é que eu estou, só sei que estou. *Stop!* (Foi a vida que parou?)

□

Sinto, absolutamente, aquilo que Millôr Fernandes dizia: “Da vida ninguém escapa”. Não escapo da vida, do amor, do sexo, das mulheres, da minha neurose, da minha visão (ou evasão) de mundo. Estou vivo, irremediavelmente vivo. E o suicídio apenas confirmaria que eu estou vivo. E porque estou irremediavelmente vivo, eu sou irremediavelmente eu mesmo. De um modo menos constrangedor, o problema é o seguinte: é nisso que dá ser metido a filósofo e pensador! Pelo menos, é o que a moça me dizia.

□



Essa coisa dentro de mim – onde só a música consegue chegar.

□

É o diabo! Mandei meu romance “XYZ” para concorrer ao prêmio da editorial Seix Barral, de Barcelona. Depois, eles me mandaram um recibo, avisando que os dois originais haviam chegado. Mais tarde, recebi uma carta de Barcelona pedindo: “la amabilidad de remitirnos tan pronto como le sea posible una nota bio-bibliográfica suya, en la que se detallen fecha y lugar de nacimiento, estudios, actividades y publicaciones, dado que carecemos de tales datos”. Pois bem. Agora eu fico entre a esperança e a dúvida, esperando chegar o dia do resultado do concurso, a 18 de maio, para ficar novamente decepcionado comigo mesmo ou sentir uma imensa alegria. Afinal, por que eu não poderia ganhar um troço desse, já que ficaria numa situação bem agradável? O jeito é esperar e....

□

Estou escrevendo outro romance: “Marchemos resolutos para a guerra”..... Dou meu testemunho de agonizante – mas ninguém sabe que estou agonizando nem sabe que estou dando testemunho de alguma coisa. Mais dia menos dia, pode ser que eu estoure. E vocês certamente ouvirão o ruído. Que consolação!

□

Tudo pode acontecer, tudo pode não acontecer. Nunca passei tanto tempo sem dinheiro como agora. E falta de dinheiro me deprime, porque não posso comprar cigarro. Sem cigarro não faço nada. Estou na expectativa de saber o resultado do concurso de Barcelona e a minha ida para os Estados Unidos em setembro. Se nada disso der certo, vou curtir sozinho minha fossa e meu desapontamento. O resultado do concurso de Barcelona deve sair dia 18 de maio, e já estamos a 10 de abril..... As pessoas costumaram me chamar de escritor por causa das coisas que escrevo no Suplemento Literário, tenho fama de escritor, mas não sei como posso publicar meus livros. Sinto que está tudo encurralado, e meu sentimento é este, o de um homem encurralado. Maria Benvinda está doente em Araxá, minha mãe vai lá. Devo 400 cruzeiros pro dentista e meu ordenado mensal é de 350. Ganho pouco porque não gosto de trabalhar, mas gosto de achar ruim com tudo. Em que embrulhada me meteram! Em que embrulhada eu fui me meter!.....!

□

Sem nicotina é aquele vazio, aquela tristeza, aquela angústia. Sem nicotina ainda não fui capaz de escrever. Estou num mundo em que estava desabitado a viver. Dinheiro e afetividade sempre me fizeram muita falta, pois eu nunca tive nem uma coisa nem outra, e talvez morra seco e desidratado. O mundo, e os bilhões de problemas que há no mundo. A vida do mundo, e a vida de cada pessoa no mundo. As mulheres do mundo, do Brasil, de BH. A solidão. A velhice. Saber que este mundo é apenas este mundo – saber que o mundo é tudo isso e eu sou apenas eu



mesmo, enfiado aqui na minha toca, sem dinheiro, sem mulher e sem cigarro (parei de fumar, pelo menos estou tentando). ISTO – IRREMEDIAMENTE – DEFINITIVAMENTE.

□

Na falta de outra palavra, eu digo que estou triste nesta noite de 14 de junho de 1972. Como vocês sabem, sou um solteirão de 36 anos (faço 36 em julho, nasci em 1936). Quando tinha 20 anos, eu me sentia terrivelmente na fossa, não acreditava em ninguém nem em nada. Mas hoje eu melhorei muito, hoje eu me equilíbrio bem melhor. Mas hoje eu ainda tenho as minhas tentações de fossa, tristeza e pessimismo. Então é isso, meu amigo! Depois de 36 anos você ainda não conseguiu superar-se, conseguiu apenas tapear melhor. Quando vejo as mulheres, então volta aquele pessimismo antigo, então penso que não é possível alguém interessar-se por mim, interessar-se por essa coisa que atende pelo nome de Luis Gonzaga Vieira. Sei que várias pessoas gostaram de mim, mas isso não modifica a questão. E a questão é mulher e amor – e eu sou apenas um contemplativo, apesar..... Essa necessidade de ter mulher ao seu lado, mas esse fato de você não acreditar em nada, não acreditar no amor da moça por você, e sempre ficar pensando na moça ausente, distante e inexistente. Eu sou um projeto que nunca se realiza. Sou parente de Jeremias também. E também acho muito bacana o recurso do masoquismo. Só não acho bacana a ausência das mulheres..... Eu me acho um escritor muito engraçado, engraçadíssimo. Escrevo no Suplemento, e pronto. Sou inédito em livros, e ser inédito é uma piada suculenta, tão suculenta como bomba de napalm no corpo de uma criança do

Vietnã. Não tenho nada, não sou nada, embora não precise de coisa alguma e seja o que sempre quis, isto é, sou escritor e jornalista. A tristeza é velha conhecida, mas hoje eu racionalizo a tristeza, transformo a tristeza em conto, novela, romance, ensaio, bebedeira,..... etc. Sinceramente, mas até hoje eu não sei o quê que eu sou e o que é que eu estou fazendo aqui! Não sei nada,.....! Essa estranha e-mo-ti-vi-da-de.

□

Minha tia Bebé está doente, com arteriosclerose, piorando cada vez mais. E eu não vou visitar minha tia Bebé que sempre gostou de mim, e isto por um único motivo: porque eu tenho vergonha de chorar perto dos outros.

Dias atrás eu bebi e vim pro meu quarto escutar música: então eu chorava enquanto a música tocava, soluçava, o rosto molhado, uma crise tremenda de choro e soluço, a fossa, a melancolia, a angústia, esses nomes todos vinham por cima de mim. Eu estava *sentindo* as coisas, *sentindo* o mundo e *me sentindo*. Era uma coisa parecida com depressão, mas o masoquismo me salvava. Eu não estava chorando o mundo, eu estava *me chamando*, *me expelindo*. No dia seguinte fiquei meio espantado ao lembrar minha crise de choro, mas agora já esqueci.

Um livro meu está na Artenova, outro na Gernasa, outro na Brasiliense e o quarto poderá ser levado pra Civilização Brasileira, pra não falar no quinto, que continua na gaveta.

Amanhã é quarta, hoje foi terça. Ocupo determinado espaço e, como um bom pequeno burguês, procuro não incomodar ninguém. Os olhos pesam.





O gato

(ou da nossa natureza)

1973

ORLANDO BIANCHINI

o gato
armado em salto
– exato –
e precipícios

na treva do gato
(exato)
os OlhOs
sonho – fogo – fátuo

o gato
(recolhido ao
ato)

e chato
o-g-a-t-o
se desdobra em gatos
no seu salto-arco

onde pousa o tato
– cáctus –
recompõe-se o gato

e ex-ato
gato-a-gato
leve lâ de pássaro
no silêncio plástico



Tribuzanas urbanas – III

ALAN DE FREITAS PASSOS

1988

Quando nós descemos da favela pra invadir um apartamento lá no conjunto Colúmbia aquela porção todos vazios pombal sem pombos, era tempo de chuva e enxada. Meu pai quis plantar mandioca mas o asfalto não tinha amolecido direito ainda, a picareta repicava tinha meu pai suado muito só trincou o chão, também os automóveis amarelos passavam toda hora sem ligar pro espantalho eram enxames bandos e atrapalhavam muito. Pra mais complicar a bateria do carro de boi pifou os bois boiada saíram doidos avançando os sinais verdes a vaca atolou no cruzamento perigoso, eu tive de catar tampas de bueiro fios de cobre e garrafas pra vender no ferro-velho meu pai me ajudava esvaziava as garrafas de cachaça e eu vendia ele plantou milho debaixo do viaduto. Estumei o cachorro no cara que veio tirar a gente do apartamento, ele disse volta hoje de tarde com a polícia, meu pai está plantando arroz no esgoto e caçando urubus pra janta, minha mãe irmãos e irmãs cadê? eu vou pescar o de comer na lagoa da praça meu pai semeou maracujá no túnel mas a tiririca tiriricou tudo os ônibus lotados ainda passaram em cima os passageiros pisaram. Faço arapuça pra pegar pardal meu pai plantava feijão na rodovia que raivoso o rato roía mas a chuva não chega veio hoje e a enchente levou o enxoval de minha irmã, a polícia pôs nossas coisas lá fora molhando tudo e eu não quero sair daqui meu pai diz que o apartamento nosso não é mesmo e que com a chuva crescerão as plantas que chuva não mata mariposa beija-flor nem borboleta quanto mais gente. Então eu cato papelão e lata pra fazer nossa casa meu pai planta soja no depósito de lixo pra aproveitar a chuva que daqui a pouco começou a chuveirar.

Poema

ADÃO VENTURA

1968

1. em batel
eu-pássaro
em aço
redescubro a américa.
2. no mar sepulto o túmulo
do teu rosto sobrevivente.
3. por
24 horas
cubro-me no atol
do mais puro sol.
4. de espadachim
& lágrimas
financio o
meu próprio
aparta
mento curvilíneo.
5. de escarpas
foi feito o
meu tapete.
6. em lygia nascerá
uma flor supercolorida.
7. o mundo mudou
suas aspas em asas
mas o tratado de tordesilhas
é uma ilha fluor
escente.



Impacto ¹⁹⁹¹

ADALGISA BOTELHO DE MENDONÇA

A mulher lenta e solene pousa na cadeira invisível no canto do quarto. Levanta-se, pega um livro na estante inexistente, folheia-o com atenção e destreza, sabe onde encontrar a página que procura. Olha-a, aos poucos sua fisionomia se transforma, adquire brilho nos olhos e sorri com uma leve ironia. O estilo do autor a contagia, passa a página, já com uma incontida expressão de prazer fundo, de alma serena. Continua a ler um pouco mais, com imenso interesse e, balançando levemente a cabeça, deposita o livro com peso, formato e cor na estante quase real, separa com a mão esquerda o espaço reservado para ele, meio-apertado, dando leves toques para ajustá-lo melhor. Com seu meio-sorriso senta na cama como se ela fosse irre-real, sustentando o peso do corpo nas pernas, os braços apoiados nas coxas, tensão máxima. A mulher-animal-atento fixa o olhar no quadro com interesse e atenção, mas sabe que perscruta a própria mente. O quadro é imenso, com a borda superior meio-inclinada, projeta-se ameaçadoramente para frente como se quisesse fisgá-la. O medo começa a se instalar na mulher-animal-atento que se defende inclinando a cabeça para baixo e se estremece num instante de desequilíbrio. A parede deixa de existir, só o quadro sobressai, tomando forma cada vez mais ameaçadora, enrobustecendo, individualizando-se. A mulher cai de cabeça se enroscando nas pernas, vibrando como uma semente que incha, respiração ofe-

gante e rola pelo chão; ora com suavidade, ora apressada, para bater na cadeira, estante, cama e depois desviar. Os objetos limitam o seu espaço. Num acesso de fúria ela levanta e quebra a cadeira e estante inexistentes que a incomodaram. Ouve-se o barulho de madeira lascando quando ela pega a cadeira pela perna para bater várias vezes no chão. Joga o caco de perna contra a estante que desaba com livros. Ela dá um pulo para trás tentando livrar o pé do peso da estante. Pega outro caco de cadeira e sai batendo na estante, mas tem o cuidado de não ferir os livros, os quais toca com ternura, sentindo o relevo das letras, a textura das capas; se entenece. Exausta, saltando os cacos e objetos do chão, se enfia debaixo da cama. Mais calma, seu rosto volta a fixar o quadro, agora inofensivo, impassível. Lentamente se levanta, salta os cacos e livros e, como se possível fosse, apoia-se na tábua da estante existente-inexistente e arranca o quadro da parede. Abraça-o com ternura, senta no chão, toca as suas cores e, redescobrimdo-o, contorna as suas linhas com o dedo. Ela sorri. Depois se levanta, volta a se apoiar no caco de estante e pendura-o com a face voltada contra a parede. Mais leve, saltando os objetos no chão, abre a porta do quarto e sai.

A mulher de preto, sentada na cama, telefone no chão. O homem morto, nu, de braços, o braço pendente. O policial, da porta, fotografa a imagem da televisão, o colorido da cortina, a textura do cabelo da mulher em ângulo restrito, pois não interessam o revólver, as evidências, as luvas cuidadosamente colocadas. Não se pode esquecer dos brincos de argola, dourados, brilhantes, sob o reflexo da luz. A vítima expõe a marca da sunga no doce sono da morte.

A volúpia do gesto arrebatado sob a roupa colada no corpo. A perna levantada, tensa, mais revela que comprime o prazer.



Poema

1973
LUIZ CARLOS ALVES

O ombro seminu, anguloso em suas sombras ósseas. Vontade de tocar, deslizar as mãos sobre a pele nua. A calça desbotada, pendurada, registra a nova cena e sugere murmúrios incontidos. Com os cabelos levemente caídos na testa, o homem, quase teatral, observa a mulher no seu abandono. Abre os braços em diagonal e paira, como um planador, ao redor da mulher. A semente incha na água. Ele ergue o rosto, puxa a própria camiseta preta sobre o corpo musculoso, sem pelos, revelando o mamilo.

A mulher sente o cheiro do homem. Ambos farejam movimentos. Ensaiam passos de balé, precisos, ocupam os espaços vazios em contínuo movimento, a espera do toque sutil.

Boca na boca, as mãos distraídas nos cabelos claros. Fluidez irrequieta de desejo entre lençóis leves e claros. As mãos macias, os dedos longos, nariz explora ouvido. Inspirar-expirar, inspirar-expirar. Mais apressado, o sangue percorre as veias cheias de vida.

Os membros retorcidos, presos na folha de amarelo-intenso, mas, com um pouco de acuidade, nota-se um rosto calmo, sereno, entre as imagens gritantes, carregadas. O quadro descansa na parede imensa, quase nua. Uma cama de ferro leve, simples, de verde desmaiado. O quadro grita na parede, pede socorro na atmosfera calma de quarto nu. Fissura em carne viva.

O policial, da porta, fotografara o grito da mulher, mais que o corpo inerte do homem.

Preso na cela-hospital, a mulher volta a tocar o quadro-foto. Abraça-o com ternura, senta no chão, toca as suas cores e, redescobrimo-o, contorna as suas linhas com o dedo. Ela sorri. Depois se levanta, volta a se apoiar no caco de estante e pendura-o com a face voltada contra a parede.

o pássaro ferido é uma bandeira
no azul de súbito interrompida

poda-se o canto
a festa

e a arquitetura de seu voo
desfaz possíveis astrolábios

os olhos extinguem
noturnos
a linha mineral que o possuía





Todas as bonecas

1980

JOSÉ MARIA BRAGA

Detestava o relógio, sua monotonia. Detestava seus ponteiros e números. Não, não detestava o relógio. Odiava a vida. Mataria todos os homens, dessem-lhe a chance. Um ridículo apêndice entre as pernas.

E pensar que toda a humanidade escorreu através das mulheres... Abençoado ventre, maldita criatura.

Sente o chuveiro sendo desligado. Pode imaginá-lo apanhando a toalha e enxugando o pênis; começava sempre a enxugar-se pelo pênis. O movimento para enxugar as costas era-lhe único: passava longo tempo esfregando a toalha em diagonal, e ria-se satisfeito como se, naquele instante, o mundo o estivesse apreciando, atirado a seus pés.



Dá saltos, sempre esfregando a toalha. Agora gargalha, e todo o seu corpo responde a um enorme choque elétrico. Para exausto. Vai ao espelho e, admirado, fica ouvindo o ritmo da própria respiração. Analisa o rosto, faz caretas, observa os dentes: precisa ir ao dentista. Devia pintar os cabelos. Os fios brancos dão-me um aspecto grosseiro, confundo-me facilmente com um trabalhador braçal. Estudara. Quatro anos de faculdade. Mais estágio. O creme para os olhos não tem adiantado, veja. Precisava de um novo barbeador. O pescoço anda terrivelmente irritado.

Por que não se recusava? Estava cansada de inventar doenças, acabaria tendo que masturbá-lo. Não queria outro filho. O médico proibira a pílula, estava em dia fértil. Não poderia calar-se para sempre.

Sentado na cama, passa a toalha entre os dedos do pé. Gostava da sensação de limpeza, o cheiro bom daquele quarto, a cama macia, a mulher de costas, deitada. Adorava aquela bunda bem torneada, firme. Quantas vezes não acordara à noite para escutar o sono da mulher, observando cada detalhe? Sentia-se um privilegiado, pensando nos amigos. Inegável a beleza de sua esposa. Sabia o quanto o invejavam. Percebia olhares de águia nos decotes da mulher, procurando uma folga no vestido. Conhecia-lhes as esposas: mulheres feias, desagradáveis, fumando vários cigarros sem parar, dedos amarelados pelo fumo, peitos caídos e imperdoáveis bundas retas.

Isto sabia. Não poderia calar-se para sempre. Mas como? Tinha hábitos esquisitos, horrivelmente nervoso e chegava em casa sempre depois de ter bebido. Falaria naquela noite. As palavras coçavam na garganta.

Como é excitante! Poderia ele algum dia olhar a mulher naquela posição, sem que o sangue lhe enchesse imediatamente o membro? Pouco provável, concluía. Tinha ímpetos de propor-lhe uma relação diferente, mas ela nunca entendia. E ele, com o tempo, contentara-se em olhar o que tanto desejava. Conhecia bem aquele corpo. Conhecia bem aquela mulher. Percebia, no seu silêncio, o quanto ela o amava. Sabia de seus mimos, pequenos caprichos, esses detalhes que os amantes conhecem melhor que os maridos. Ele, ao contrário dos amigos, era o amante e era o marido. Apenas uma coisa, uma só, não compreendia na esposa: a mania de conservar todas as bonecas, desde as mais antigas, bonecas que ganhara ainda criança. Que importância poderiam ter aquelas bonecas? Conformava-se, apesar de tudo. Afinal, nem Cristo conseguiu agradar a todos, e fechava a Bíblia sobre o criado. Nunca dissera, mas tinha certa vergonha da infantilidade da esposa.

Ela ardia em dúvidas. Seguiria o conselho do amigo?

Encontrara-o ocasionalmente na rua. Acabaram andando pela cidade. Ficou sabendo de sua vida. Contou-lhe a sua. Sentaram-se na praça, ainda existia a praça, e ficaram olhando as crianças correndo atrás dos pombos. O sorvete manchou-lhe a blusa. Guardou sem lavar. Deixaria de lembrança. Tira a camisa, está quente. Ela sugeriu, ele tirou. Entre uma risada e outra, olhava o seu peito nu, os braços frágeis, e sabia que também ele a observava.

Despediram-se. O sol desaparecia lento através das árvores, e a lua aparecia saliente, do outro lado. Namorados antigos, brincou olhando a lua. Ela riu. Ele desceu a rua, brincando nas grades das casas, era seu jeito. Existiam novamente os carros,



a cidade. Um loteação passou com gente dependurada. Vontade de cantar. Não canta. Ficou um nome de rua amassado em suas mãos. Recusou-se a compreender o que acontecia. Naquela noite pensou muito no amigo.

Era apenas mais um de seus mimos: deitava-se sempre de costas, aparentando indiferença – ele sabia. Compreender as mulheres exigia pequenas sutilezas. Ria orgulhoso, alisando o bigode.

Não, não poderia seguir o conselho do amigo. Teria de descobrir a sua própria maneira, agora acreditava. Indomável, o sangue corria em suas veias, uma estranha coragem passeava em seus músculos, de alguma forma canalizava os impulsos contra o marido. Era inevitável: odiava aquele homem. E pensar que o julgou poeta, quando namorados. De onde será que copiava as poesias?

Aproximou-se. Primeiro, alisou o quadril, afagou os seios e deixou-se, em ereção, repousar encostado nela. Procurou o clitóris, umedeceu-a, tentou penetrá-la. Com as mãos, abria um pouco o caminho entre os pelos.

O movimento dele vinha acompanhado de um gemido. Ela olhava as paredes brancas do quarto, pensava na mãe. Vontade de buscar a mãe, acorrentar aos pés da cama.

Agora, morde-lhe as costas, e ela morde o lábio. Um brilho quase imperceptível aparece em seus olhos. Alheia. Algo teatral (luz caindo em off). As mãos levemente caídas descobrem um fósforo. Brinca, tenta colocá-lo de pé, faz pequenos círculos no chão, novamente tenta colocá-lo de pé e descobre não ter ele muita base. Ri um riso nervoso, comparando-se ao fósforo. Nesse instante, sente o marido saindo de dentro dela. Rolou para o

lado, exausto. Estava suado, arfava. Sob suas mãos, os tacos se mexeram. Logo os tacos do chão?, ironizou-se, pareciam tão firmes.

Um cachorro nasceu na madrugada. Um pernilongo passou zunindo. Dera-se conta de que o mundo estava em silêncio e voltou a detestar o relógio. A seu lado o homem ressonava. O cheiro de suor enchia o quarto. O pernilongo agora estava no centro da parede branca. A lua entrava pela janela. Pensava no amigo.

Glutão e bêbado. Dorme pesado. Um dia seu marido. Como é grotesco. O suor escorrendo pela barriga gorda, volumosa. As poças se formando nas dobras da virilha. O grunhido animal. O jeito estúpido de esparramar-se na cama sem limites. O peito grosseiramente molhado. O pênis murcho, ridículo, inútil. O pernilongo pousado na testa. A mãe em eco: engenheiro, minha filha, engenheiro.

Tateando chega à cozinha. Apanha água gelada. Os dentes doem. Gargareja, tentando desfazer o nó. Como andava descuidada, a geladeira estava completamente vazia. No dia seguinte iria ao supermercado. Uma última laranja, envelhecida. Tenta descascá-la. Cede à pressão da faca. Esqueceu a laranja, começou a se fixar na faca. Testou seu corte, a ponta, espetou-a levemente na palma da mão.

No quarto, teve o cuidado de virar para as paredes todas as bonecas. Sentiu-se observada. Delicadamente, caminhou para o pernilongo. Parecia muito maior. Seria um pernilongo fêmea? Estaria grávida?

Não queria outro filho.

Não fez muito barulho ao esmagá-lo contra a parede branca. Amanhecia. As bonecas choravam.

Dívida

1980

SÔNIA QUEIROZ

a mim
ensinaste-me o beijo
e o riso

e a dança ritual do
fogo
e a fome

por tuas mãos
levaste-me a
trilhar os músculos

e a morder
a carne
e a beber
o sumo

a mim ensinaste
o gesto.

e eu
nascida do grito

eu
que leio nas mãos
e me alimento e
adormeço e
desperto
em palavras

jamais te escrevi
um verso.

A chave no escuro 1967

JOSÉ MÁRCIO PENIDO

O calor ocupou a noite e não posso abrir a janela por causa dos pernilongos. Como já superei a fase de olhar os vazios e preenchê-los mentalmente, abstenho-me de sair do quarto e vagar pelos cômodos ociosos desta casa.

Tiro agora o paletó de pijama porque é apenas um paletó de pijama e ineficaz como couraça. A noite, embora estancada pela janela, penetrou e me vara, sinto urgência de luz. Meu quarto compõe-se de cama, cadeira, mesa e abajur. Ligo. É cor de pele humana e eu invariavelmente o associo aos que Hitler mandou fazer. Venho aqui só para dormir. Abro a porta da rua e tateio pela sala, pela copa, pelo corredor, até chegar ao meu quarto. Visto o pijama no escuro e me deito sem pensar; raramente preciso de luz.

A casa está nua depois que a despi dos móveis e quadros, já não tendo a quem desnudar. Tirei as lâmpadas dos bocais e quebrei-as. Da talha fiz depósito de lixo. Desliguei a água e as plantas da varanda morrem de sede. Há cerca de três noites

arranquei os tacos do assoalho. Ficaram empilhados perto da porta, dando a impressão de que a casa está em construção e não em ruína.

Agora estou nu, mas sinto necessidade de continuar me despojando. Olho meu corpo descoberto. Sou homem porque assim me visto e como tal procedo. O que se chama de masculinidade já não tenho, pelo menos no sentido que lhe atribuem. Enquanto macho não me domava, dei origem a tudo: um dia gerei. Ao ser pai, perdi minha mulher, e uma coisa não substituiu outra, ou sequer supriu, porque o filho também se perdeu.

A partir daí desprezei o sexo. Isto agora é apenas uma parte do corpo, inútil como as amígdalas ou o apêndice, que extirpamos quando doem. Uma peça de roupa com que se nasce, mas meramente uma peça e preciso estar nu.

As pessoas tentaram o consolo. Queriam me obrigar a recomeçar a vida, mas como, uma vida não se recomeça. Uma vida é. Por isso eu me basto, sozinho em meu quarto eu me acho e continuo me fazendo, não me refaço, como eles dizem, porque continuo integral, não me interrompi nem me parti. Prossigo.

Meus livros eu os depenei um a um. Fazia montinhos com as páginas arrancadas e queimava num canto do quarto. Como não tenho vassoura, diariamente esfarinho cinzas com os pés.

Tentei deitar-me agora mas foi inútil. Ouvia as baratas escorrendo sobre as cinzas do chão. A parte da cama que não ocupo saltava por cima de mim, suei, o próprio ar se devorou, levantei-me pegajoso.

Em noites assim costumo beber. Ajo por espírito de imitação, bem sei, mas desconheço outra forma de anestesiá-me. Mas sou objetivo: tomo álcool puro. E sozinho. Evitando os rodeios de botequim e as companhias insossas eu apresso os efeitos. Ultimamente, porém, venho sentindo dores horripáveis. Deito-me socando a barriga com as mãos. É o preço do sono.

Esta noite não tenho a bebida. Esta ausência se entranha na atmosfera, estou quase a gritar de calor e de mim, não me contenho e escancaro a janela.

Os pernilongos que entram não deslocam ar: nenhum vento, nenhuma brisa. Sinto-me humilhado pelo gesto inútil de abrir a janela, mas fechá-la seria reconhecê-lo. Doravante não terei mais desejos, não hei de querer nada, mas isso já é querer alguma coisa, pois bem, eu não quero mais querer, mas isso também.

Tinha me prometido não fraquejar, esta mesa já foi muito azeitada. Tento enxugar os dedos e os olhos, mas perto das mãos não há panos. Esfrego-as na coxa molhada de suor e mais se ensopam. Vejo que me esvaio, tenho medo, dou um pulo da cadeira e me enxugo com o pijama.

Atiro longe as duas peças e percebo que tombam sobre a carcaça de minha máquina de escrever. Eu

a destruí parceladamente, várias noites seguidas. Tecla por tecla, número por número, consoante por consoante, vogal por vogal. Atirava-as pela janela e quando chegou a vez da pontuação as meninas do vizinho deixaram de catá-las e brincaram de formar palavras.

Agora estou calmo novamente, com a certeza de que a morte se exigiu. Venci desta vez mas tenho pavor dessas horas, receio descontrolar-me, moro numa avenida veloz. Enquanto dono de mim não penso em suicídio. A morte não me atrai, é cedo. Meus sentimentos não me espremeram o bastante, tenho defesas ainda, como os dentes, que conservo para calcá-los nos lábios em momentos insuportáveis. É quase só o que trincam. Ossos diariamente despontam em meu corpo.

Meu quarto não oferece armas de autoextermínio. Num de meus repentes eu poderia criá-las, sem dúvida, mas sua indústria seria menos breve que o repente. A morte está, isso sim, na avenida, e a distância que a separa daqui é inferior à duração de uma crise. Confio poder esfriar-me no percurso, mas como medida de cautela escondo a chave da porta cada vez que entro em casa. No escuro é impossível achá-la. Por duas vezes procurei-a louco entre os cacos das lâmpadas, lanhando depois e esmurrando inutilmente a porta.

A noite envelheceu e o sol não tarda. É tempo de vagar pelas ruas até a noite. Quando voltarei.

Só espero que o dia clareie para eu poder encontrar a chave.

LUCIA CASTELLO BRANCO
1976

Viajante- caminhante das quebradas de além-mar

Vejo-te em rio.
Vens navegante
Trazes da palma a trela o fio
de eternos passos caminhantes
mesmos passos de hoje
e de antes
de estreitos tempos
Estreitos de Gibraltar.

Treme o teu corpo
Já que o teu medo é tua
única arma.
Arma-se o porto
perde-se o pouco
do que há de novo sobre esta terra
que aliás não difere assim
nem tanto desse mar.

E no entanto é o teu corpo
o que vem maldito, malvindo
estreitos passos oceânicos
das quebradas de além-mar.
Vens viajante oceânico
sereno mar transatlântico
de ares frios, vento sul,
quentes vapores,
indefinível hálito de marés.

Tu que trazes o veneno
de ondulantes ondas
das legítimas do Hawaií.
Tu que trazes o impossível
e o possível
previsível de amanhã.
Tu maresia veneno pecado
do meu consentimento mudo.

Tremo-me louca, desesperadamente
louca, fera lúcida,
alucinada.
Por ti, cavaleiro das ondas
Quem te fez veleiro navegante
que me fez barça navegada.

Notas para o roteiro de um romance

DANILO GOMES
1974

1. Lavínia será a moça do encontro de uma noite apenas. A de cabelos pretos. A que viaja. A que toca piano e aprende cravo (um dia tocará como a Delfosse, de quem tem todos os discos).
2. E, nos ventos do inverno, Valda. Uma lenta descoberta. A lua argentizou o mel daqueles olhos. A lua bruxa. Ou a bruxa lua.
3. Cristiano verá na sala grande da fazenda um retrato de moça e se apaixonará, porque ela se parece extremamente com Valda. Uma noite aparecerá na fazenda uma moça idêntica, com um broche antigo, o mesmo do retrato. Os mesmos cabelos de Valda, o mesmo sorriso, o jeito de contar as coisas

balançando deliciosamente a cabeça. Fitam-se no fundo dos olhos. O frio no estômago. Cristiano cravará depois o olhar no broche (que mais tarde encontrará na ermida, com os dizeres de que pertenceu à moça do retrato, falecida em 1883, aos 23 anos). Três mulheres, uma só mulher: Valda, a amada, a multidimensional, a sempre lembrada. Valda, a que será nostalgia. Aquela lembrança o conduzirá às vagas estrelas da Ursa Maior.

4. Capítulo da praia. O vento incessante, o mar agitado. A noite de assombro: o encontro entre os penedos. Aparece na praia um padre escrevendo na areia com uma vara, como Anchieta refém (dos tapuias? dos tamoios? verificar). E um corsário do século XVI em busca de riquezas. Uma tribo. Caravelas. No alto, à esquerda, o forte. Troar de canhões. Aparece depois uma mocinha rumo ao arrastão, bebendo skol em lata e ouvindo no rádio de pilha aquela música “na rua, na chuva, na fazenda ou numa casinha de sapê”... Pesadelo? Delírio? De quem? (Depois a moça no bar Aratu).
5. Como reagiria se lhe dissesse que estou amando-a? O gosto de fruta madura que tem a paixão aos 35. A força, o sereno e consciente desespero desse amor. (Valda talvez não saiba o quanto é amada. Nem pelos apertos de mão, nem pelos beijos. Pode pensar num pequeno caso inconsequente, numa aventura provisória, apenas isso). Se ela ao menos imaginasse a violência desse difícil amor, desse duro lavrar um campo impossível, se soubesse como cada coisa é lembrada – como aquela referência ao “famoso escudo de Vercingetórix”... (No capítulo antes do primeiro afastamento de Valda, que também se sente apaixonar e se revela na boate).

6. Os olhos mortos estão imóveis. Só os retratos ficaram. Só lembranças e ecos. O passado volta nos braços longos da chuva. Meus cabelos ainda pretos me surpreendem. Emagreci. E a insônia, a taquicardia, as olheiras, talvez uma úlcera. Vontade de partir, ser passageiro de navio, navegar no Mar da China, descobrir a cidade perdida de Mar-i-don, descansar sob os flamboyants, ouvir música de alaúdes. (Encaixar essas coisas). No trem de tua vida eu sou o passageiro que chegou atrasado, o que vai perder a viagem, o que irá apenas ver o trem partindo irremediavelmente. Ficarei com a mão estendida sobre a linha, Valda, até te transformares em pura nostalgia.
7.onde antigamente passava o célebre ônibus Madeleine-Bastille (Dr. Cesário recordando trechos da mocidade).
8. “Mas tudo isto acontece, já dizia um autor, porque temos uma estrutura neurótica milenar, masoquista, de queixas e insatisfações, onde os fatos negativos são mais valorizados que os positivos” – dirá o analista de Dardânia.
9. Todas as noites o velho Firmino entra no quarto do casal, onde a mulher, morta há 4 anos, está embalsamada. Um dia será descoberto em seu mórbido ritual, abraçado à mulher. (Não esquecer os morcegos; descrever os objetos antigos; criar o clima).
10. Há uma carta nos guardados do velho Firmino. Só Quita, a negra velha de mais de 100 anos, conhece o segredo, mas morrerá sem revelar nada. No dia em que descobrem a carta, Olfim chega. A propósito de Quita, colocar: Quita, como fazia todas as noites (só conseguia dormir umas três horas), começou a se arrastar da cama em direção ao borra-

lho da cozinha, para a assembleia com os seus fantasmas. De suas vestes retirou, à altura dos seios totalmente ressequidos, o punhal que sua mãe lhe dera às portas da agonia e que viera de uma região esquecida da África – usava-o para cortar o fumo, que mascava, fazer desenhos no chão e retirar do borrar as brasas ainda quentes, enquanto engrolava palavras sem nexos. Os dois gatos se mantinham afastados, com medo, rosnando. Chegava à cozinha o som do velho relógio de parede. (Que papel Quita desempenhará?)

11. “Hoje estou com a morte na alma. Sabes lá o que é isso?” Cristiano gosta dessa frase de Sérgio Milliet, lembra-a sempre. Encaixar, talvez numa noite, num bar. Cristiano será guardião de segredos, andarilho de rotas de angústia, pastor de insônias, peregrino de inesquecíveis madrugadas.
12. Encontrará a cabana pelo rastro alado das borboletas amarelas. (Na alegre cena do bosque, perto da fazenda do velho Firmino.)
13. A obsessão pela chuva. Freud explica? Não explica?
14. Acentuar o jeito de falar e de sorrir. De ser inteira. De embruxar com intensa suavidade. Bruxos olhos de mel e prata. Valda: sonata de Vivaldi, adagas no silêncio, noturnidades.
15. Negócio da chuva – tirar Freud. Sem explicações. Cristiano simplesmente gosta da chuva, solidão, silêncio, alamedas, cinzentas tardes. Andar e beber sozinho. O prazer em se sentir um lobo solitário: se sente mais seguro, se sente amadurecer no silêncio, na contemplação da chuva. A chuva nele é mais dentro que fora. A de fora é mais um reflexo da chuva interior, que ora é fina, branda, quase silenciosa,

ora é formidável tempestade, temporal de durar dias e dias. Cristiano, ser chuvoso. Cristiano, chuva, um dia de acalentar amáveis desejos, outro dia de inspirar noturnos terrores, luzes que de súbito se apagam, árvores que tombam, galáxias e mortes.

16. Marta, a moça que trabalha numa agência de publicidade e coleciona kitsch. Ver um papel para ela na vida de Olfim.
17. Em outubro Tiana viaja para Santa Rita. Lá saberá o caso do primo com Valda, mas nada revelará.
18. Cristiano teve um caso com uma moça chamada Glícia Brites, secretária bilíngue, que depois se casou com o agente de uma firma de crédito, financiamento e investimentos. Em Santa Rita, é ela quem conta a Tiana o caso de Cristiano com Valda.
19. Não esquecer o capítulo em que os três sobrinhos alternam monólogos interiores, a respeito da herança do velho Firmino.
20. O velho Firmino joga baralho com João Seano. Numa tarde, lembra o episódio da cartomante Madame Judith, que conseguiu tapeá-lo, quando ainda solteiro.
21. Pio Sotero, poeta do Quinzenário de Letras – numa cena, no quarto, pensando: “Se esses caras soubessem que não durmo sem ler os poetas de 45 me dariam um murro na cara! Visupoemas, fanopeia de Ezra Pound, espantar pela radicalidade, movimentos opcinéticos, semiótica, o Mallarmé de ‘Coup de dés’, problemática do contraestilo – quanta complicação! Um dia acabo abrindo o jogo!”.
22. Dr. Cesário – o vinho que sempre tomava no Marignan ou nos arredores do Rond Point des Champs Elysées. O encontro, no Boulevard Saint Michel, com a bailarina ruiva que

se tornou sua amante. Ele estava no 3º ano de medicina. Agora leva o neto com frequência à casa de divertimentos eletrônicos, onde há muita cor, luz, movimento e som para o garoto curtir.

23. Amâncio Queluz, político que acaba suicidando-se, em Outeiro. Frequentou o Montanhez Danças na década de 40. Viu Orson Welles, fumando charuto e distribuindo autógrafos. Orson Welles: “Elas são lindas e educadas”. As orquestras. As belas cortinas. A rapaziada que saía do Automóvel Clube e zarpava para o Montanhez. Francesas e argentinas. Tango e cancan. Cena poderia ser em 1943.
24. Valda também gosta de música. Cenas de concertos (no Palácio das Artes?). Aproveitar: “Concerto em sol menor para órgão, orquestra de cordas e tímpanos”, de Poulenc; “Concerto nº 2, opus 4, em si bemol maior para órgão e orquestra”, de Haendel; “Sonatas para cravo”, de Scarlatti.
25. Outros nomes: Ágata, Cora, Maria Pia, Julião, Alceu, Ava.
26. O velho Firmino gosta de charadas. Ainda manuseia o “Auxiliar de charadista”, de José da Silva Bandeira, e o “Dicionário do charadista”, de Sílvio Alves. Quando moço mandava colaborações para a revista O Malho.
27. E a carruagem onírica? E os sinos? E os guizos dos cavalos? Cena da criança com o cocheiro – será que não fica piegas?
28. Em Outeiro a neblina, os casarões coloniais, o oratório do século XVIII que Ava comprou. O roubo do oratório – teria sido o mesmo ladrão ou quadrilha que estava roubando imagens das igrejas antigas? O fato coincide (mas nada tem a ver) com o suicídio do maquiavélico Amâncio Queluz.

29. De todas as mulheres que Cristiano de alguma forma amou, com maior ou menor intensidade, Valda é aquela que mais firmemente sobreviverá à crueldade do tempo, a todos os lances, conflitos e episódios. Ela será a menos massacrada das vítimas do esquecimento, da indiferença que os anos vão silenciosamente tecendo. Valda será infinitamente a saudade na esquina, a boca entreaberta na chuva, o campo de margaridas, a esplanada do castelo, a taça de champanhe, a palavra “tendresse”, a faiança pintada com o azul mais suave, a mais doce, a mais inesquecível lembrança.
30. Firmino também gosta de profecias. Ver aquele livro sobre Nostradamus – não esquecer Pedro II, o último papa, Terceira Guerra Mundial na década de 80, etc. (Onde é que deixei o livro? Emprestei?)
31. Choppskeare, bar de estilo renascentista, inaugurado na onda do filme “Romeu e Julieta”, colorido. Ali se reúnem escritores e poetas jovens. É ali que Cornélio fica conhecendo Adriana, com quem depois se casa. É o ponto predileto de Pio Sotero e outros colaboradores do Quinzenário de Letras.
32. Na infância de Cristiano: a peça de circo “O ébrio” (nome nos muros, inapagável), cigarros a granel, filmes de Roy Rogers (como é que se chamava seu cavalo branco? Tiger?) e Charles Starret, o Durango Kid, álbum de figurinhas com a Esfinge, o Colosso de Rodes, o lagarto de gargaheira, a Estação Sorocabana, o lobo da Tasmânia. Aos 16 anos, as mulheres da rua Camargos – aquela que parecia uma bruxa. Depois do filme com B. Bardot: a mulher senta-
da no balcão, tomando cachaça, os receios, a escada estreita, o quarto pobre, o som da sanfona do outro lado da rua.
33. Utilizar flashback também com Valda?
34. E a cena da boate? É aí que Valda revela seu amor por Cristiano e fala da impossibilidade de continuarem o caso. Depois desse episódio Valda se afasta pela primeira vez. Ver como compor o quadro. Uma noite terrível.
35. Os dois dias que Cristiano e Valda passam no sítio de Julião, antes do segundo afastamento de Valda. O segundo afastamento, como o primeiro, não dura mais de um mês. A grande paixão torturante desses amantes sem redenção.
36. Uma noite de chuva muito fina, tênue cortina de mansuetude. Uma mortal melancolia, uma aguda vontade de morrer, um desejo de refúgio em quietas aldeias. Ninguém ouvirá o grito dos lábios que se separam. O vento corre sobre a serra nesse começo de verão. De onde vem esse silvestre perfume? Quase uma da manhã. As malas estão prontas para a viagem de Valda, que vai no avião das oito. Outro longo beijo, que é mais um morder de lábios, quase um pacto de sangue. Suas lágrimas se confundem com a chuva. Entramos no hall do prédio. Noite dos Amargurados. Noite dos Desconsolados. É o começo do exílio. As mãos que se afastam, se retomam e novamente se afastam. O desespero de pensar que talvez nunca mais. Uma da manhã. Transformada para sempre em nostalgia. Se o tempo parasse, se os corpos dos amantes, unidos, se eternizassem. Um desejo de quietas aldeias. Uma e cinco da manhã. Esse derradeiro olhar dentro dos olhos. E as mãos que definitivamente se apartam. E a vertigem do vazio mais profundo.

A manada 1970

LUIZ FERNANDO DE ANDRADE FIGUEIREDO

Baios, argéis, fubás, moiros, pampas, pombos, pinhões, raudões, ruços, salgos, xarás, zainos, zarcos, alazães, alfários, amames, andrinos, bragados, cambraias, cascalvos, cebrunos, crinalvos, faceiros, fouveiros, façalvos, gaiados, gaviões, isabéis, lobeiros, lobunos, macacos, melados, mil-flores, morzelos, nevados, olhalvos, oveiros, paiseiros, picaços, quattralvos, quatro-lhos, pigarços, rabcãos, rabuchos, rodados, rosilhos, ruanos, rucilhos, sabinos, tesouras, tordilhos, toucados, velhoris, zabelos, almarados, amarelhos, azulegos, bebe-em-branco, bico-brancos, bugiados, cabo-brancos, cabo-negros, canipretos, celheados, crinipretos, debruados, douradilhos, estreleiros, fronta-bertos, gargantilhos, gateados, malacaras, mascarados, olhizarcos, rabeadores, rubicanos, sapirocas, topetudos, xairelados, amelroados, atavanados, atiçonados, entrepelados, espadaúdos, interpolados, ventrilavados...

Porque enlouqueci, jamais poderei explicar.

Sai dia, entra dia

EUNICE DUTRA GALERY
1978

Bom dia, seu Eugênio!

Bom dia, mau dia, que interessa que seu Eugênio tenha um bom dia ou mau dia? Meia-verdade sabor mentira que se usa a todas as horas do dia, vertira, mendade? Qual mais mentira, qual mais verdade? Será que o princípio influi sobre o resto? Vertira, dois terços mentira, parece mais verdade que mendade, dois terços verdade? Desde menina a mania de brincar com as palavras, filhote de minhoca e borboleta, se voa, é borbonhoca, se não, é minholeta. Sempre o princípio tendo mais peso que tudo, arrastando para o chão ou dando asas... Vertira, mendade, vida de

cidade, vidicidade, mendicidade: tropeção em palavra existente gritando de fome na boca da rua, batendo campainha, insistindo, insistente, descendo do morro, mentira de cidade.

Mendade, vertira, tira, tiras, pedaços, coração em pedaços, mendade, maldade, mentira, palavras rolando ocas, cavidades, cavidade bucal, cavidades auditivas, vazios, ocos, aberturas por onde entraram mendades doidas, decepções, vertiras.

– Boa tarde, seu Eugênio, ainda! Volta para casa, dia de trabalho cansado, televisão, novelas, mendades disfarçadas, filmes policiais, mais filmes policiais, vertiras, horas-vida passando, tempo comido, digerido, expelido, bagaço.

Seu Eugênio, cotovelos ligados à janela, sem função que não a de olhar, faz um com a madeira, será que tem o resto do corpo ou tornou-se centaurojanela, centaunela, sentinela, olhos caindo na calçada, rolando atrás de quem passa?

Doído cansaço de um dia de trabalho atrás do balcão, sim senhora, temos meias número sete, a senhora não quer ver as calcinhas que recebemos, são a última novidade, olhessa aqui, maliciosa, com um sinal verde, tem outras, muito engraçadas, engraçadinhas, engraçadíssimas, na verdade não têm graça nenhuma, pura safadeza, será que alguém tem coragem de usar uma porcaria dessas, mendade, posando de moderninha, lá no fundo o coração de Virginópolis, a moral de Virginópolis berrando senvergonhice, safadeza, povo sem compostura, não, não senhora, anágua combinando não tem, mas tem sutiã, quer ver? Pode experimentar ali na cabine, meu Deus, será que vou ter de dar palpite, dizer que está ótima, essa dona gorda, espremida em biquíni e sutiã dois números menores, está sim, excelente, mendade, vontade de vomitar só de ver, essa mulher não se manca? Será que vai se exhibir pro marido, com essa calcinha

ridícula de sinal verde, sutiã idem, celulite sobrando na barriga, nas coxas, nos braços?

Escutou a vertira da cidade, prometendo melhor vida, trem cantando vem-não-vém-vem-nãovém, sereia apitando veeeeeeii-iiiiiiiiimmmmm! Foi.

Aos dezoito anos atrás do balcão, sonhando fotonovelas, moço bonito charmoso simpático inteligente e rico, paixão à primeira vista, dezoito anos, quem dá mais, quem dá mais? Aos vinte e cinco, quem dá menos, quem dá mais, trinta anos, quem vai levar, trinta e cinco, leva, seu moço, tá baratinho, fotossonho transformado atrás do balcão, ambição única de ser caixa, junta as moedas para fazer o depósito, mas teve a operação da mãe, a morte do pai, teve o namorado que sorriu, prometeu e sumiu, o quase noivo com quem dormiu, o enxoval começado e revendido, liquidado, leva, seu moço, tá baratinho, vale qualquer oferta, quarto de pensão, flor de plástico, as de verdade murcham depressa, custam caro, babados na mesinha fingindo penteadeira, viu na revista americana, babados na cama, babados na cortina, o Buda de louça dourado ganho no amigo-oculto da loja, diz que dá sorte, na carteira os três bagos de romã do dia de Reis, retrato de papai-mamãe pendurados no espelho, cartão da loteca, ganhar muito dinheiro, ir aos States, montar uma butique sua, só sua, o pote com os trocados, a caderneta de poupança, um pouquinho só de cada vez, cada mês, onde estão os coelhinhos, nada de coelhinhos, voltar a pé da loja, mexa-se, economize os trocados do ônibus, no dia seguinte os pés inchados, doloridos, insuportáveis no fim do dia, mulher que é mulher anda vinte quilômetros por dia e ainda ajuda o marido a trocar a lâmpada, que marido? Lâmpada, ela mesma tem de trocar, sempre teve, o fio escorrendo nu do teto, agora escondido numa guirlanda faça-você-mesma, mãos de fada, papel crepom rosa antigamente, a

lâmpada envolvida num abajur das Lojas Americanas, acrescentado de outra guirlanda na beirada, tão jeitosa, leva, seu moço, tá barato! Sonho minguando, vertigem, vertira, Cinderela ao contrário, a carruagem vira abóbora, que saudade do doce de abóbora que mamãe fazia, açúcar engorda, açúcar dá energia, conserve a esbeltez tomando leite desnatado, sempre cabe mais um quando se usa o que m..., que o ônibus passou lotado, nem diminuiu a marcha, os cabelos brancos insistindo em aparecer, o xampu que lava colorindo dando um tom vermelho assombração, caspa, eu?!

Mendade, miragens, dia-vai, dia-vem, seu Eugênio na janela, pés cada dia mais doidos, boa tarde, seu Eugênio, subir para o quartinho de babados, alívio, tirar os sapatos, espichar na cama um pouquinho, antes de comer o prato guardado no forno, quase frio, sentar na sala, rolinhos na cabeça, creme no rosto, nos cotovelos, nas mãos, ver televisão, lágrimas no canto do olho, coitadinha da moça, sofrendo tanto pelo seu amor, e os anúncios. Mendades, vertiras, prometendo, planeje conosco esta viagem, o creme hidratante que devolve a maciez à sua pele, seja mais feminina usando o desodorante da mulher, a loja que vende barato de verdade, compre em doze prestações e só pague dez, se o Serviço de Proteção ao Crédito permitir, emagreça, fume o cigarro de quem sabe o que quer, engorde nos lugares certos, use a cinta que emagrece e é unissex, tomou na casa dos outros e gostou, hem? Compre o tapete que faz a gente feliz, recomeça a novela, cenas dos próximos capítulos, mais anúncios, filme, são dez horas, o cansaço não permite mais continuar, volta ao quarto de babados, dentro da camisola de náilon ainda sonha um pouquinho, reza, sonha com o caixa, trabalhar sentada o dia inteiro, maravilha, dorme, recomeça, bom-dia, seu Eugênio! Vertira, mendade.

1992

JOVINO MACHADO

Coração 3

Permitida a entrada de pessoas estranhas

1966

Por favor, levem-me

HENRY CORRÊA DE ARAÚJO

primeiro

eu vi as mãos lá embaixo depois entrei no elevador e o velho do andar de cima que é rico e tuberculoso me emprestou seus óculos tartaruga então vi as mãos de verdade e só não vou dizer com meus próprios olhos porque se eu disser com meus próprios olhos podem me achar individualista e me acusar de estar fazendo pouco caso do velho e seu brilho podre direi apenas que vi as mãos lá embaixo duas gordas aranhas andando lentamente sobre o asfalto e também às vezes correndo

corriam co-

mo se fossem um bando de meninos xifópagos que acabasse de pregar uma peça em alguém e agora, sem saber exatamente onde, procurasse se esconder indo e vindo ou tocassem num imenso piano branco uma imensa sinfonia

de quando

em quando procuravam as lagartixasmãos escalar o muro do edifício onde eu me encontrava, no dia vinte e um de maio de um ano qualquer, beirando sempre a calha enferrujada por onde escorria

um líquido grosso e pegajoso tentavam a subida com uma pontualidade que já se tornara monótona e quando eu percebia que iriam conseguir me refugiava de olhos fechados ponta de lança ou no armário ou no banheiro ou debaixo da cama

entretanto

não me era fácil adivinhar as atitudes que sempre e cronometricamente tomavam e elas poderiam tanto tentar novamente a aproximação como ir ao bar da esquina, pedir, esperar, serem servidas e comer avidamente um sanduíche e voltar arrotando salame barato ou como já fizeram anteriormente por mais de três vezes, mergulhar e nem meu amigo kafka saberia com que finalidade – no asfalto quente e se deixarem ficar imóveis como as outroramortas mãos dele

tinha medo?

não é verdade

que eu tivesse coragem mas medo também não antes elas me repugnavam o cheiro forte da terra que desprendiam mesmo de longe e que iam diretamente ao fígado a cor nunca fixa vacilando camale(m)ão entre o roxo e pálido

é claro? daqui

onde estou no momento à direita da porta principal precisamente entre o sétimo e o nono andar meus olhos olhando-as abriam-se e se fechavam rapidamente como o foco de uma máquina de retratos que estivesse tirando retratos simultâneos ou então nas mãos de uma criança fosse um furtivo passado tempo

é claro poderiam

ser também os olhos de um solitário farol de uma solitária ilha piscapiscando verticalmente contra coisa nenhuma ou contra o chão onde elas agora permaneciam imóveis à escuta

a da direita

(sem o braço e o resto do corpo é provável que não saibam mesmo

qual é a da direita mas por favor façam um esforço) tem uma cicatriz entre o dedo indicador e o médio apesar de as lentes do velho rico e tuberculoso estarem embaçadas e não me permitirem vê-la de imediato posso confirmá-la porque a mão direita (diga-se de passagem não pertence a Deus) foi a que da última vez tentou asfixiar-me (minha cicatriz é visível e me tem causado sérios e imprevisíveis aborrecimentos sociais) foi a que da última vez tentou matar-me. Vocês vão dizer que deve ter sido trágico, horrível, angustiante, coitadinho dele, mas nem tanto o que não pude mesmo conter o riso um riso imenso uma imensa ponte ligando o meu prazer ao seu ódio sabia-a morta e não me contive ao seu contacto áspero e macio e à lembrança de certos fatos passados os quais se me permitem não vou recontá-los a não ser a marca, o corte profundo sobre a carne fresca nada restou de sua visita

outro dia meu pobre e querido irmão esteve aqui à direita da porta principal exatamente entre o sétimo e o nono andar mostrei para ele as mãos e ele não entendeu e nem eu porque começou a chorar e disse que eu estava doido e que as mãos mirando bem eram miragem. Não façam juízos precipitados do meu pobre louco e querido irmão porque ele tremia e urinava muito e só depois que eu segurei com a minha mão a mão dele foi que eu percebi que não devia mostrar as mãos *dele* para ninguém

digo se me prometerem não tremer e não urinar como meu pobre louco e querido irmão eu as mostro para vocês as duas gordas aranhas saltitando sobre o asfalto

o carro do velho quase pegou a da esquerda porque a da esquerda é mão boba não no sentido que vocês vulgarmente dão à palavra é que ela é

mão boba mesmo mão boba de insulina. O trânsito ficou interrompido horas e dias e o inspetor sem poder decifrar a causa do tumulto ficou movimentando os braços violentamente como aqueles bonecos que a gente vê nos carros de pipoca tocados pelo vento eu descí lá e falei isto é tentei falar fazer compreender ao inspetor que a mão era a causa de tudo mas ele fingiu – por burrice ou por medo – não me entender e também as outras pessoas e então mais por compaixão eu os deixei ali horas e dias

horas e dias teriam permanecido ali se elas não tivessem retornado e retomado o ataque eu as vi lá embaixo saindo entre a multidão e olhando para mim e apontando-me com seus pontiagudos e gordurosos dedos VOCEVOCEVOCEVOCEVOCEVOCEVOC

VOCÊ eu as ouvia e o grito repercutia em todo o quarto transformado momentaneamente numa gigantesca câmara de eco. Sabia que em breve estariam novamente aqui principalmente a mão direita mas eu digo que não vou me assustar e desta vez não me esconderei absolutamente dentro de armário nenhum e nem debaixo da cama como uma barata até que cheguem simplesmente liguei a radiola este-reofônica colocarei a nona abrirei a geladeira tirarei uma cerveja gelada e farei muitas outras coisas que a gente faz quando espera a mulher amada ou uma visita importante

logo que cheguem as receberei como se fossem a mulher amada ou a visita importante e enquanto se embriagam não deixarei de rir um só minuto e continuarei rindo duzentas mil noites até que no momento exato e oportuno direi

POR FAVOR
LEVEM-ME



Meditação sobre o morto

MARCO AURÉLIO DUARTE GONÇALVES

1966

Sobre a mesa ele se gasta.
Será repouso o seu modo
de subtrair-se? Nada o prende.
Antes – é seu tempo
inumerado, sem quem o preencha.

A morte é descompasso
nas contas usurárias
(sua insolvência).
Cortina de sombra que resiste
no olhar dos vivos
e pura indiferença às coisas
que se precipitam.

Que buscará?
Sua ausência é a de quem começa
a percorrer os pertences
em latitude contrária.

Avarento de memória
cavou-a como um poço
onde depositou a origem
sem medida
de sua consequência.

O morto tem o cinismo
e a rigidez irônica do aço.
Fez sua despedida
por partes. Depositando o ovo
da morte em seus iguais.

ANTENOR PIMENTA MADEIRA

Uma história incrível

1985

– Ouço os passos do abominável Jarmiro que, trajando o ca-
vour de cor indefinida, vem empurrar minha cadeira pela porta
adentro. São ordens de Isabel. Ela vive no quarto escuro, com
os fantasmas dos soldados paraguaios. Não mostra o rosto a
ninguém, mas sua voz de vidro moído retumba por toda a casa,
dando ordens a Jarmiro. Ele executa suas ordens com um riso de
certa malignidade nos lábios. Isabel puxou à mãe; tem o mesmo
hábito pelos vestidos negros e sem ajuste certo no corpo, os
olhos redondos, as mãos ossudas e a alma impenetrável.

Exigiu que meu banho fosse dado, vivesse eu pelos sécu-
los dos séculos, sempre às quatro e meia da tarde. As mãos

grosseiras de Jarmiro arranham-me na tentativa de retirar o limo crepuscular que se gruda irremediavelmente à minha pele. Não adianta nada, e ele sabe disso.

Pelas janelas abertas, os crisântemos e as begônias do pátio parecem travar uma guerra surda contra o perfume do quarto de Isabel. Ali, entre baús repletos de papéis, ela destila, em seus cadinhos secretos, a substância que, aos poucos, irá nos consumindo.

– O seu chá – diz Jarmiro, enquanto deposita o bule esmaltado sobre a mesa. Vem, empurra a cadeira, e suas rodas abrem dois sulcos paralelos sobre o tapete. A fumaça é tênue e cheirosa. Mas procuro ignorar o sabor do líquido que invade meu mundo. Posso ouvir os gemidos de Isabel que crescem, pouco a pouco, até explodirem numa descarga de impropérios. Terá o ataque de nervos, inevitavelmente.

Assim que o sino der a sétima badalada, Jarmiro abrirá a segunda gaveta do armário e entrará no quarto escuro, levando as amarras para atá-la junto à cama. Mas os fantasmas não deixarão que ela fique imóvel por muito tempo. Quando o odiável Jarmiro me trazer o livro, eles irão desamarrá-la. Suas vozes (a de Isabel e a deles) entoarão uma obscura cantilena. E Jarmiro, como sempre, marcará o compasso, estalando os dedos dentro dos bolsos do cavour, a me olhar, como se visse em mim o unicórnio; ou então Mestre Jonas, recém-saído da baleia.

Há qualquer coisa de mágico quando toco o volume que o odiável criado coloca diante de mim. Peço que aproxime a vela, entretanto, ele não se mexe. São ordens de Isabel. Hoje estou a reler Proust, o primeiro tomo: “Du côté de chez Swann”. A vela não tem consistência para durar muito. Não posso entender que misteriosa substância Jarmiro emprega na confecção de suas velas, além da cera e do pavio. Mesmo o odor é distinto daquele

que têm as velas usadas pelo Padre Atanágua. Lembra-me, não sei por quê, o incenso nas brasas rubras, elevando-se em fumaça e a despertar recordações tão antigas quanto a vergonha. Já quase extinta, a vela deixa o ambiente da sala com aparência sublimada; meus olhos desprendem-se da página em que me encontro. Já as mãos do criado agarram com ágeis presas caninas o volume.

□

Despertei, há alguns minutos, com a sensação de que minha cabeça estava debaixo da cama. Com efeito, ao abrir os olhos, o quarto em que estava não era o meu. O Cristo sem braços (Jarmiro decepou os braços de madeira, numa tarde lamacenta de outubro) não se encontrava na parede; não pude ver a cadeira de rodas ao lado, nem a mesinha, onde fica a bilha d’água. Efetivamente, pensei, minha cabeça está debaixo da cama. Mas estava apenas sonhando. Fiz tal esforço para despertar que, num passe de mágica, cada coisa do quarto voltou ao seu lugar. Minha alma respirou aliviada.

Lembro-me que, durante a guerra, tive um sonho semelhante. A lâmina fria de um paraguaiou acordou-me com sua alma de metal. De dentro do sonho atirei e o soldado inimigo caiu do meu lado e ensopou de sangue minhas calças. Uma dor lancinante mostrou-me que o braço esquerdo ostentava um corte longitudinal de quase dez centímetros. Peguei o sabre que me ferira e o enterrei na garganta que jazia sobre a terra. Era um rapaz de farta cabeleira negra, uns olhos venenosos e dentes podres. Parecia trazer um anúncio de morte no rosto azeitonado. Talvez com seu golpe tenha demonstrado para mim toda a decepção de seus ancestrais índios diante da arrogância devastadora dos dominadores ávidos de metais. Quando voltei, a terrível úlcera ainda es-

tava viva como uma rosa. Meses depois, me curei empregando o método de beber diariamente água ou vinho num cálice fabricado de terra milagrosa. A terra selada foi o medicamento usado para curar as feridas de Filoctetes, herói da guerra de Troia. Comprei o cálice de um cigano que vagava com sua caravana pelo mundo. Li, por aquela época, algumas obras de Paracelso sobre o tratamento das feridas. Desde então, nasceu em mim uma paixão cálida e radiante por aquele espírito inovador e de vanguarda. Jarmiro, por puro farisaísmo, esboça um riso sardônico e, às vezes, diz: “Eis aí o nosso Teofrasto de Hohenheim”. Não digo nada, me calo. Ele desconhece qualquer coisa acerca dos meus estudos. Lonitzer dizia que fortalecer o coração é uma virtude do ouro. Afirmava também que eram grandes suas virtudes contra a lepra e a tinea. Mas quando Isabel e ele ouvem o que, às vezes, digo, juntam-se num duo que explode em gargalhadas. Penetram-me, e suas gargalhadas de água-viva tornam-me incapaz até de sofrer. Não! Quando saio do estado de letargia, grito: Não, não sou o cidadão de Einsiedeln, arredores de Zurique; sou apenas o simulacro de um velho quase centenário, torturado pela filha louca e um criado que tem menos de homem que uma centopeia.

□

Derrotar Solano López, é uma ordem, grita Isabel. Os fantasmas repetem em coro: derrotar Solano López, é uma ordem! Curvo-me um pouco na cadeira, pois uma dor aguda revira meu corpo, em ondas de remorso. Respiro com dificuldade o ar da manhã. O corpo de Jarmiro ganha um aspecto grandioso contra a luz da janela. De braços cruzados, apenso ao peitoril, ele me espreita. Isabel insiste com os fantasmas: derrotar Solano López, é uma ordem. Ele estuda-me as rugas da testa. Ele tem consciência de que lágrimas não tardarão a se cristalizar em meu

rosto. E ele ri. Isabel o chama; ele corre entre as bananeiras que vão surgindo na casa, embrenha-se na mata do quarto escuro, rompe a centena de cipós invisíveis que os separam e possui Isabel. Ela grita de maneira hedionda. Leva-me novamente ao campo de batalha e a cicatriz do braço esquerdo parece se abrir ruidosamente como as rosas matinais. Rosa Mística, murmuro, e certa paz me acalenta. Rosa Mística, repito. Procuo não ouvir os gritos. Rosa Mística, Torre de Davi, Casa de Ouro... E meus olhos se transformam numa enorme clepsidra.

□

Agora o silêncio é agudo e causa certo medo. Em cada canto da casa, a poeira secular se acomoda. Minhas costas deixam de ranger e dão lugar ao minuto reticente. Há momentos em que admito a existência do silêncio pétreo. Daí me vem uma sensação de perda e impossibilidade. Solto uma palavra que soa mal, tem o som oco das dunas sazonais e é triste e triste e triste. As aranhas tentam tecer teias inefáveis pelos labirintos de minha memória; não duram muito nesse trabalho moroso. Não têm suficiente resistência para suportar o fogo brando do remorso.

Fixo o olhar na estampa da parede. “O sarcófago de Medeia. O velocino de ouro. Cento e oitenta anos depois de Cristo, pleno Império Romano. Museu de Antiguidades, Basileia.” É o que leio atropeladamente na estampa. A clepsidra de meus olhos marca duas horas de uma tarde pura. Rosa Mística, minha fala é suave. Arca da Aliança, o mundo está quieto. Torre de Davi... Enquanto Isabel e Jarmiro dormem num abraço férreo, a solidão, minha companheira inevitável, vem com sua foice, ceifando as ervas da alegria que tentam, desajeitadamente e em vão, crescer no meu corpo estéril e deserto. Mater Inviolata, Mater Intemerata, Speculum Justitiae, Auxilium afflictorum, Agnus Dei qui tollis peccata mundi, exaudi nos, Domine.

Miragens

CARLOS HERCULANO LOPES

1994

A minha filha era uma moça morena, alegre, sonhava com dentes de ouro e gostava de jogar bente altas. Casou-se com um baiano vendedor de pedras e se foram juntos em uma tarde, nas estradas de Curvelo. Já a minha neta, uma menina mais clara, nas vésperas de se formar no ginásio, foi levada por aquele rio, ali atrás no quintal. Mas anos antes, Elói, o meu marido – que não gostava de tomar banhos – já havia me deixado, em silêncio, com os olhos presos nos meus. O meu neto caçula, de um dia para o outro, foi-se embora para São Paulo. Nunca mais tive notícias. Sozinha aqui neste canto, e com quase noventa anos, eu, já enxergando pouco, todas as tardes, para passar o tempo, me assento ali na varanda, de frente para a rua. Não é sempre que a vejo: mas às vezes a morte, ignorando os meus chamados, costuma passar.

Odiado é o dia do diabo

1972

STELA CARDOSO DE CARVALHO

Quatrocentos anos e tantos de pilares semi-consistentes, cultura e civilização, impregnados n'alma. Meu avô de cabelos brancos entoava cantos à noitinha, sentado à beira da cama, cigarrando tranquilo. E os meninos, bocas abertas, olhos cerrando, dormiam sonhando casos assombrosos de escravos fugidos, resposta, joaquina do pompéu, capitães do mato, jagunços e assombração. Cinema falado, história em quadrinho, primeira namorada, literatura, rio e estrada. Vinte anos. Solidão.

Há em meu quarto um daqueles retratos de velhos casais que enfeitam a sala-dos-bocejos das famílias. Pouca gente tem enfeites assim: não combina com a mesinha, que não combina com a cama, que não combina com a outra nem com o guarda-roupa. Também não sei quem são os distintos nem como vieram parar aqui. Amanhã vou perguntar à dona da pensão se por um infeliz acaso ela se esqueceu de retirá-lo quando aluguei o quarto.

Amanhã é o dia do diabo, tenho de me decidir. Lucinha prometeu-me se comportar como uma verdadeira mulher, não vai chorar uma lágrima. Ela o espera como se eu já o houvesse fixado. E sofre. Não diz uma palavra sequer a respeito

como se quisesse fazer-me esquecer, desistir de tal ideia. Mas seus olhos procuram a resposta nos meus e a encontram, firme, irreprimível. Não por talvez ser um ótimo fingidor: vivo a angústia de algo a acontecer como se já houvesse acontecido, mesmo sabendo das mil probabilidades de não acontecer; assim como um ator crente em ser o personagem que está vivendo. Pré-angústia.

Lucinha engorda a cada dia. Suas visitas têm-me feito muito mal – e bem. Gosto de acariciar-lhe o ventre, recostar a cabeça em sua barriga cada vez mais crescida e ficar ouvindo seu interior, fingindo-lhe ouvir as palavras. Não deve haver melancolia, mas há, tanto em seu rosto como no meu. Ainda não aprendemos a fingir, e é melhor assim. Fala-me de nossas andanças – muitas alegrias – e evita revivê-las em sonhos, temendo que eles perdurem. Amanhã é um outro dia, não é fácil aceitar. Compreendo. Solidão como antes, como sempre é e será. Pode-se conseguir torná-la mais amena, nunca exterminá-la. E nós conseguimos muito: um amor só, verdadeiro e cômico, de duas pessoas conscientemente solitárias e preparadas para serem felizes sem uma fuga desnecessária de suas condições. O amor é egoísta, se satisfaz em satisfazer o outro, senão seria fingimento. Individualmente. Assim é para que possamos continuar. Infinito.

Lucinha não sabe, e não pretendo fazer-lhe segredo, ela tem certeza disto. (Segredo só é revelado para quem não precisa sabê-lo.) De quando em vez lembro-me de certas decisões tomadas há tanto tempo, maneiras de agir impossíveis, ou quase, de se contrariar, partes de personalidade, coisas esqueci-

das na memória e presentes em nossas ações. Logo quando nos conhecemos, Lucinha e eu nos prometemos nos despir inteiramente um para o outro, mostrar todos aqueles caroçames escondidos, abri-los e deixar o outro ver a podridão daquelas sementes, aqueles cirros encistados inconscientemente pela náusea provocada, pelo horror e medo que nos causavam suas presenças em nossos corpos. Tudo fazíamos para escondê-los, ignorá-los, esquecer-los, sem notar que tais sementes eram a nossa posse mais autêntica, o siso, e não a tentativa de não ser. Você se lembra o quanto faz mal manter segredos, pecados inconfessáveis. Não lhe farei segredo, será amanhã, decidi agora. Se este relógio estiver certo, e não me atrevo a dar certeza, são onze e quarenta e cinco. Faltam quinze minutos para o dia do diabo.

Não vou dormir, aproveitarei a noite toda escrevendo cartas, bilhetes, recados, e quem sabe, faça um testamento de minhas bugigangas. Posso também mudar de ideia, muitas vezes o fiz sem um mínimo de remorso, sem levar em consideração um pingote de responsabilidade sobrado dos velhos tempos e que ainda teimo em dizer possuir. Além disto, quero saber a quem pertence o retrato. Sei, é pretexto para adiar minha resolução, mas há de fazer de outra maneira se se quer assim? É deixar, quero saber. Se levantar bem-humorado, talvez pergunte à d. Maria se são seus pais (e ouvi-la falar da família por horas seguidas), ou se foi achado nalgum canto do porão – onde devia ter continuado mofando – ou se pertenceu ao antigo inquilino, meu desconhecido, e do qual tem me falado bastante como péssima recordação e três meses de pagamento sem acerto. Ah! avisá-la, talvez

não receba o pagamento deste mês. Estou sem um tostão. Pensando bem, posso deixar como herança para a Sônia esta dívida.

Amanhã, logo após o café, passo em cada quarto filando um cigarro, pego uma caixa de fósforo na cozinha, volto para o meu cubículo e tentarei adivinhar como vim parar nesta pocilga e pensar nas coisas que havia planejado fazer até sábado passado. Os planos foram todos por água abaixo e inda hoje não consegui achar o erro. Lucinha me culpa, e eu, o meu patrão. Afinal, pouco importa agora saber quem errou, empregado tem dessas coisas. Também não sei que ideia fraca foi aquela minha de arranjar patrão. Poderíamos ganhar dinheiro de uma outra maneira, fomos confiar no salário e... rua, emprego e barracão. E não foi o pior, senão ainda poderíamos pensar em alugar outra casa e veria o meu filho nascer. “Sua tristeza vai acabar, um passarinho me contou.” “Ah, Lucinha, se pudesse ouvir os passarinhos como você, não seria triste. Fala, quero saber.” “Não foi só o passarinho; o vento me sussurrou aos ouvidos e o riacho cantarolou toda a noite: estou esperando um bebê.” “Verdade?” “Verdade.” “Não, é mais um conto das fadas, está na maneira como falou.” “Ó meu amado, acredite-me. Olhe para o campo, as flores não conseguem mentir.” “Mulher, você é maravilhosa.” “Dejei-o, amei-o – felicidade e desgraça. Foi como se todas as coisas voltassem a ter sentido. A estrada pareceu-me novamente a salvação; muito mais, não havia terminado, começara naquele momento. Curto engano, tudo continuou sem sentido algum. Não adianta renunciar à estrada como o fizemos, voltar à vida de nossos pais acreditando estar semeando o

trigo capaz de vencer o joio. Eles também pensaram estar a estrada se iniciando quando nos semeou; um sonho lindo. Estava também a sonhar, e não importa, é o meu filho, é o meu sonho, e os meus sonhos tenho todo o direito de sonhá-los. O acidente: inundo o mundo de zumbidos e imundícies, me disse a caminhoneta, e fui jogado para o lado e caí e passou outro carro e não vi mais. E o sonho acabou. Mas teimo.

Vou aproveitar esta noite que o braço não me dói. Se quiser, amanhã durmo a manhã inteira; é só fechar a cortina-de-pano-de-saco-de-aniagem-daqueles-bem-furadinhos. Se quiser também, deixo esta gangrena se infeccionar de vez, não tomo mais nenhum benzetacil, nem os comprimidos, nem os outros dois anatox, nem faço mais curativos: fim de situação sacal. E quando a febre vier, vou achar pouco e bom, esse cobertor nunca cobriu frio algum. E quando Lucinha não conseguir mais analgésicos anísicos e as dores chegarem, não as receberei. Mas elas são intrusas. Posso então levar a sério minha decisão e amanhã será o dia do diabo, tomarei dose letal. Se não o fizer, serei obrigado a inaugurar a semana do diabo.

Tenho viajado bastante pelo dentro do meu corpo, vasculhando recantos e segredos, tentando decifrar mistérios impossíveis de se decifrar; mistérios inexistentes. Chegou a hora de inventar novos mistérios. Não é preciso dizer é preciso, o tempo de precisar já passou. Existem milhões de falsos pensamentos soltos pelos arredores de gestos cansados, numa tentativa teatral de se libertarem dos próprios atores, ou da própria vida. Não quero saber mais disto, quero parar de pensar.

Só por estar imobilizado, dá-me vontade que deixe tudo acabar. É impossível tomar outra vez a estrada, mochila às costas, sorriso nos lábios, sentido qualquer. A estrada sempre tem um sentido, é a minha vida normal, está no sangue venoso e arterial, na face direita e esquerda, no meu todo.

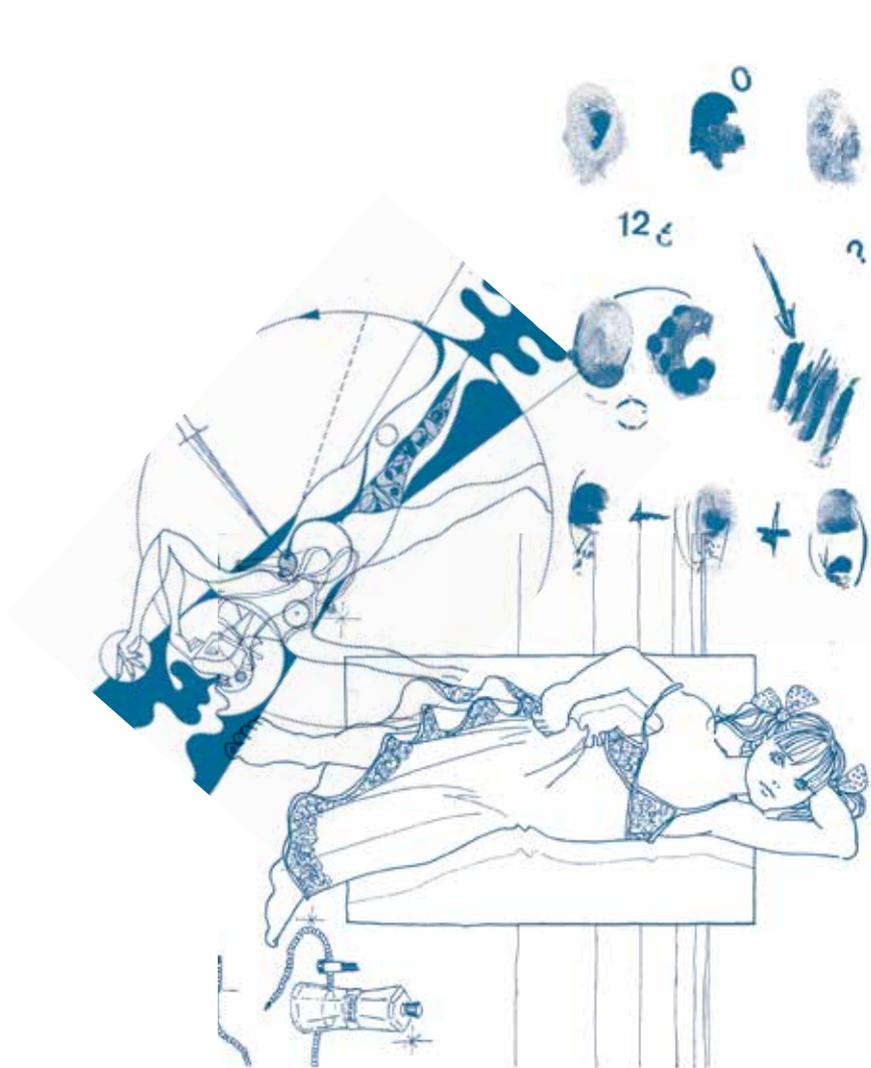
A menina não quis acreditar em mim e continuou triste olhando as pessoas tristes passarem do outro lado da vidraça. Recado: “Menina, não é necessário estar triste agora, eles não vão mudar. Nós temos a estrada à frente, um desafio, uma ponte a construir, um rio de águas turvas em nossas veias, e sobre ele vamos erguer o concreto, romper nossos laços de família. Você não quis me acompanhar, isto acontece. Outro tempo passa e passa outro e você acaba se decidindo”. Foi maravilhoso tê-la encontrado meses depois com o Tico numa barraca à beira estrada. Este recado é para você, Luiza, é a parte da herança que lhe coube.

O Cabral é uma pessoa notável, ninguém se apercebeu nem quis. Tirante os tiques nervosos somente vistos nos outros e desapercibidos nos heróis, foi um sujeito quase bom, honesto, de antepassados limpos e sem precedentes na lista dos falsos amigos. Prezava-o, quase. Brigávamos bastante, era bom. Menino artiloso, houvesse valia se não tivéssemos brigado, desprezaria, deixava de lado sua passagem, seguisse caminho. A gente se desentendeu o necessário. Agora, alfabetizado, já aprendeu até a falar língua estrangeira, quer ser culto, lido. Aprovo. Deixo-lhe os meus livros, os do Zé, os da Carma, os da Rosa, nunca devolveram os meus – os da Biblioteca Pública, todos, e as respectivas anotações. Faça

proveito. E quando estiver cansado do mundo que se lhe abriam as letras, volte para a beira do rio, continue sua vida normal. Conseguindo vasta cultura, e depois de sábio e sabichão, vai saber dar mais valor à contracultura, e com todo o direito. Assim sendo, fico satisfeito. Muito. Tenho sentido sua falta, peixes fritos, cachaça, truque e casos de assombração. Prefiro a estrada ao rio, a diferença é pouca, foi da parte do destino. Estrada e rio, rioestrada.

É necessário registrar a literatura das estradas. Ontem, quando Lucinha veio me ver, conversamos sobre ela parar de escrever o que tem escrito, e se dedicar a falar da estrada. A estrada é universal. E o nosso filho vem dela. Não sei se o verei, será lindo. Lucinha escreveu o “Recado ao antenascido”. É um poema lindo, literatura das estradas (isto não é rótulo, nem signo, nem significado; é significante, muito). Existem coisas maravilhosas ditas ao antenascido: “Talvez fosse melhor não saberes nada antes de iniciar teu caminho...” “...aprende desde logo a ser passivo, sem ser inativo, e a ser consigo antes de ser com tudo”. “A todas as guerras, e a todas as matanças, junte sua pequena paz... a todas as amarguras, a todas as desesperanças, junte sua pequena fé... a todos os desesperos, sua pequena ternura.” “...e a tudo isto em conjunto, junte seu grande amor. E se isto não te bastar, menino, não te assustes muito, não chores muito (não vale a pena), que o tempo não é nada, o tempo, menino, passa, passa e não para nunca de passar.”

Minha tristeza e minha alegria: ter de desistir de ter desistido de tudo. Odiado é o dia do diabo. Amém.



algum cisco
incomodando
a lucidez do vidro

algum risco
entre
o grito e o não dito

algum circo
que as palavras
trazem consigo

Algum

CARLOS AUGUSTO NOVAIS
1994

A teia

1980

FRANCISCO DE MORAIS MENDES

Aprendeu vendo as aranhas num canto escuro, enquanto as mãos passeavam o corpo. Apertando os seios até traspassar o gozo e cravar as unhas na dor. Correu mais uma vez os olhos em direção às aranhas. A fêmea cuidadosamente desmembrava o macho. Os olhos abriram-se fascinados e ela pensou em ordem, primeiro num pássaro de tonalidade inominável; depois numa rã; e no Jesuscristinho num presépio da infância. A fêmea saciada caminhou impune, saiu por baixo da porta. Seguiu-a arrastando-se no chão.

Deitou-se. A chita barata sobre o corpo. Arreganhou os dentes para nada, apenas um ruído vindo de fora. Ritmado, cresceu e transformou-se em passos. Aproximou e afastou. Ela olhou para o canto, a aranha morta.

Lembrou-se em ordem. As aranhas; as mãos dolorindo os seios pequenos, firmes; a aranha retalhando o macho e caminhando livre, dona de si e de um crime – a possibilidade maior do ser; e os passos. Foi o velho quem passou. O da tarde. Mas um grito arranhou fundo, gutural, e ela calou-se de pensar. Erguendo-se, foi escutar da porta. Nada, apenas o eco mordendo o fundo do corredor. Vieram outros gritos, assim se comunicam os animais, com grunhidos ou uivos. Uivou também e uma resposta veio da cela em frente. Uivou mais alto: o ar crispado de agudos entardeceu.

Meu nome é Débora, Rossana, ou Simone. Meu nome é um eco se pronunciado, mas não existe. Meu nome é um número, meu código é o líquido que precipita na veia o desfalecimento, a ausência. Meu nome tem dezoito anos e espero ver outras aranhas. Aí eu me rasgarei entre as pernas, me morderei em soluços, e em gozo serei mais que um nome – aquilo que é ser.

Pensar em ordem que hoje virá alguém à noite. Se não for o velho, talvez seja possível abrir as pernas, suspender a chita e gemer de prazer, não de angústia. Desfalecer de gozo, de outra dor morna que não a de ser a paciente da Ala B recolhida por periculosidade. “Você está a um passo de cometer um crime”, disse o velho, os dentes amarelos. Mas se vier o moço –

Abriu os olhos, estava mais escuro, anoitecia. Cessaram os gritos, os lamentos. As marmitas resvalam nas portinholas. Uma mão entrega e outra desgrenhada recolhe. Comer a sopa reclusa, com nojo, com ódio, com fome. Com fome deixar para trás tudo aquilo úmido, viscoso; a viscosidade de ontem da sopa, o frio no estômago toda vez que senti-la fria pela garganta. A náusea. Mas lembrar da aranha devorando o macho, porque dele arranca tudo que pode. Pensar que o macho morto no canto pode crescer de repente e ser um cadáver – conquanto não seja o velho.

A portinhola aberta, uma voz grossa gritou: – Toma. Levantando-se, olhou fixadamente a mão que estendia marmita e colher. Quis apertar aqueles dedos, mordê-los, puxar o braço para dentro e levar a mão aonde pudesse ir o desejo. Conteve-se olhando a marmita. E engoliu seco seu ódio. Pegou sem dizer palavra, a portinhola fechou-se por fora, o ferrolho gemeu enferrujado e o

ruído passou à próxima porta. Mordeu a esquadria da portinhola, cravou os dentes com força. Soltou ao sentir que os dentes se quebrariam. Tentou comer.

Ansiou pela treva total, indivisível. Lá fora a noite devia ser clara: um halo entrava pelas gretas do teto iluminando parte do catre. Demorava-se em ânsias entre uma colherada e outra. E logo o ruído recomeçou, primeiro distante, depois mais próximo. Esperou que aproximassem e saciava sua fome com outra espera, mais aguda. A portinhola novamente aberta, a mão ressurgiu. Mais um espectro escurecido que um pedaço de um ser. Estendeu a marmitta devagar, demorando o olhar na mancha estendida no buraco, projetando-se como uma sombra. Entregou e arreganhou os dentes. Não gemeu; olhou mórbida até que os passos se afastaram. Os dentes na esquadria até o escasso gosto de sangue.

Deitada correu os dedos pela nuca. Arranhando as espáduas abraçou a si mesma. Desfez a cruz dos braços entrelaçados e passou a mão sob a axila, rabiscando as costas. Voltando, deteve-se no seio. Mas havia de se poupar, porque estava próximo de ele chegar. Sentia o latejar entre as pernas e debruçou-se pensando rápido em ordem de se distrair. Um lago com gaivotas nas margens, o olho severo do pai, a mãe repreendendo os dedos de sondar cavidades, o olho azedo do professor. Uma parede, as unhas arranhando uma parede, lágrimas e gritos, a mão do pai apertando-a. Por fim a seringa, a ausência de sons. O escarro de ódio grudou-se na parede, junto ao primeiro uivo dolorido. Seria o concerto da nubente. Pulou do catre e chegou bem junto

à porta. Esperou que os uivos se desgastassem. Depois uivou gutural, modulou em som seu cio de aranha. Tecida estava a teia.

Desceu a mão até a concavidade úmida. Apertou. Não haveria de demorar. As unhas da mão esquerda arranharam a palma direita. Estavam curtas, muito curtas. Há três dias vieram cortar. Ouvia um choro carente ao lado. Gritou leve, a outra voz respondeu entre soluços. Aos poucos foi resignando e o silêncio se abateu.

Muito quieta, espreitava os sons. Pequenos ruídos moram no ar, não existe o silêncio total. Pensar, será que faz barulho? Mas não devia ser, era outra coisa. Coisas pegajosas arrastando-se no chão. Aranhas, insetos menores e maiores. As paredes gemem noturnas, ou o sangue correndo nas veias não é mudo. Aquele som vinha de um fundo, de um dentro bem longe. Vinha intenso em sua diminuta proporção. Escutou algum tempo, até um ruído se sobrepor. Passos. Passos no corredor, apurou. Riu em silêncio, passos do moço. A presa caminhando em direção à teia.

E se em outra cela...? Levantando-se de súbito, dessa vez o grito foi rouco, grosso, um grito de domínio e fúria, de guerra. Que não obteve resposta. Ouviam-se apenas o morrer do eco e o barulho das chaves, o ranger pesado da porta. Vez ou outra um grito espatifado, depois um longo silêncio.

Aproximavam-se. Logo a chave girou, o ferrolho puxado gemeu, a porta aberta. Primeiro tremeu, depois suspendeu a chita e ficou assentada. Ele entrou com uma luz escassa em seu encaixo. Em silêncio aproximou-se, ela notou o sobressaltado

brilho dos olhos rumo às suas pernas. Num só impulso arrancou o vestido. Os seios se projetaram na parca zona de luz.

Ele olhou para trás, a seringa tremia na mão. O outro, que se aproximara, olhava faminto. Sem dizer nada, olharam cada movimento dela que, estirando-se no catre, aproximou os calcanhares das coxas e cadenciou o movimento. Ele estendeu a seringa para o outro e fez um gesto para que este se afastasse.

O ruído do zíper. Sentiu-o aproximar-se como um pássaro enfeitado pelas víboras do campo. As mãos grandes tocaram seu corpo. Na pele eriçada o toque áspero, viril. Espalmada, a mão percorreu seu ventre, subiu aos seios, os dedos rodeando os mamilos. Contorceu-se balbuciando que viesse logo. Ao peso dele procurando seu interior, sentiu em ordem a dor pesando nos seios; pesando no ventre; tocando o útero. Mordeu com força o lábio e sugou até sangrar.

O corpo dele crispou-se ao segundo orgasmo dela e, sentindo a contração que emitia as golfadas, ela enterrou os dentes na jugular, apertou o gosto quente do sangue na boca, o gosto da esquadria. O grito dele foi respondido pelo coro dopado das outras. O outro entrou de um salto e, sem entender o sangue esguichando, tornou-se uma estátua de mármore.

A mão áspera e suja de sangue tateou seu corpo, ela se soltou. As mãos procuravam seu pescoço, ela procurou com o olhar os olhos dele. O outro, recuperando-se, avançou para ela, que afastava as mãos sujas. Um chute no ventre atirou-a ao chão e caída ela rapidamente lamentava em ordem – não poder reter em si o membro, não poder esquarterá-lo, nem sair caminhando impune.

Soneto do relógio de pulso

ERNESTO PENAFORT
1972

no pulso o relógio pausa
como ave descansando;
por sutil, ele não ousa
dizer que está trabalhando.
se nos ares voejasse
(como a imagem presumida)
quem sabe, não atrasasse
tanta coisa nesta vida?
o importante é muito pouco,
pelo menos para ele
este meu violão rouco
que, de cordas não canoras,
faz-se meu e eu ser dele
pelo infinito das horas.

Presente

LUIZ DIAS BAHIA
1991

Pior que um natal, só outro natal. É sempre assim. A mesma chuvinha aborrecida. Ruas vazias, amigos viajando, nenhum cinema decente. E um frio denso embaçando as janelas. Por toda parte, votos e votos de festa tão completa, que a expectativa nega a realidade. Acaba nesta melancolia, uma decepção em banho-maria. No mínimo, torço para o dia passar logo. Esta droga.

Triste mesmo, para completar o desgosto, é a ceia. A família toda espremida entre nozes, castanhas, perus, vinhos, pudins, pernis. Um desperdício de calorias. As mulheres reclamando de tanto serviço culinário. Desmentindo fofocas e inventando outras. Se ensaiassem, não imitariam melhor galinhas cacarejando. E a meninada correndo entre as mesas, atropelando os empregados. Um ali chora, engasgado com azeitona. Outro derrama vinho sobre a pomposa toalha branca de tricô. Tapas da mãe e mais choro misturado ao inferno de gargalhadas, arrastar de cadeiras, talheres. Entre os homens, apenas olhares respeitosos e conversa calma. Esta calma, vinda do tédio: a repetição de rostos e assuntos. Para sempre cair numa lerdeza solene. Os que se julgam mais sérios tentam frases de efeito: “se o Brasil não melhorar nesta década, nunca mais!”; “brasileiro é preguiçoso, malandro, querem votar – precisam é de trabalho no lombo!”.

Nestes momentos, para alguns, já na sétima dose de vinho, é impossível conter um risinho debochado. Arrotos se seguem. Piadinhas de salão. As gargalhadas do Juca cuspiendo nos pratos dos outros. Vovô esconde a pinga do Múcio, quase tonto. Discussões, insistência, nervosia, a turma do deixa-disto, hoje é natal, etc. Um peido sonoro ressoa pela sala. Após a sobremesa, as primeiras cólicas, diarreias. Correria aos banheiros. O de sempre: este ridículo.

Sentei ao lado do Luizinho, na escada. Papai Noel não te trouxe nada, bem feito – ele provocou. E você ainda acredita nisso? Besta demais: nem parece homem. Por quê, por quê? – ele perguntava. Não existe esta marmelada de Papai Noel, otário. Seu pai é quem compra os presentes. Nem percebi quando começou a chorar. Só o vi correndo: mãe, o Arnaldo... Indignação geral. Tia Júlia veio correndo. Queria me pegar pela orelha, vejamos só. Levantei vermelho, a garganta ardendo. Falei e repito – berrei – não existe! Todos os olhos em mim. Empurrei a porta da rua e saí. Para que ouvir a gesticulação boçal deles? Aquela estupidez gordurosa. Tanta gulodice para mal disfarçar a apatia mútua. Gente conformada a se ver, sem o menor afeto. Triste.

Despenquei rua São Paulo abaixo. Acabei por encontrar o Marião na esquina do cine Tamoio. Rodamos às tontas, até baixarmos num boteco imundo da avenida Paraná. Quanto pior, melhor. Uma crosta de gordura me impedia de encostar o cotovelo na mesa. Da calçada vinha o perfume de um esgoto entupido. Sobre os azulejos das paredes, posters de mulheres nuas. Um mulato, com uma garrafa de cerveja entre os braços, cochilava sobre o balcão. Às vezes, levantava a cabeça e, sem abrir os olhos, murmurava algo enrolando a língua. No ritmo de um batuque em caixa de fósforo, duas crioulas reboavam e riam banguelas. E perto da saída, enorme poça d'água refletia o su-

foco de edifícios da cidade. Volta e meia, outro mulato, gordo, em camiseta branca, cuspiu nela. Os edifícios desmoronavam, num alívio, para se refazerem imbatíveis. Enquanto não cuspiu, o gordo esfregava a mão direita na coxa esquerda de uma loura oxigenada. Que não olhava nem para ele, nem para a rua, nem para lugar nenhum.

Bebemos e fumamos até rachar. Após quatro meses de aluguel atrasado, ameaçavam despejar a república. Marião jurava ir para debaixo da ponte – voltar para casa, nunca. Aprovei. E Rita, afinal, mandara notícias. Ele feliz. Dois meses desaparecida. Agora morando em apartamento no Rio, com um grupo de músicos. Mas exigia: nada de endereço aos pais, sempre indagando. Já o Jonas, fugira para Canoa Quebrada. Lucinha, grávida, estava desesperada. Só porque ele sumira? – perguntei. Antes fosse: acabara se suicidando, um tiro na cabeça.

Bebi mais. No contorno da garrafa, o reflexo do meu rosto, deformado. Fiquei rindo para aquele rosto torto até não poder mais. Como se não acreditasse nele. Saímos tarde. Marião ficou na rua Tupis. Um quarteirão depois, peguei uma pedra no chão e atirei com raiva contra uma vidraça. Só parei de correr bem longe, quando alcancei o ponto de ônibus. As pernas e a cabeça doíam, pesadas do porre. Queria apenas chegar logo em casa e cair como pedra na cama.

Perto do Maletta, alguém sentou ao meu lado, num solavanco do ônibus. Mulher. Afobada, remexia a bolsa. Como se corresse perigo iminente. Por fim, retirou um lenço amarelo. Notei, então, seus olhos vermelhos e pelo rosto, lágrimas.

Virei para a janela: nada de indiscrição. Mas uma mão fria segurou meu pulso direito. E fraca, uma voz:

- Tudo bem? – ela disse.
- Tudo.

– Vai descer antes ou depois da Capivari?

Depois, expliquei. E cruzei os braços, livrando-me daquela mão.

– Ótimo – exclamou – imagine: você acaba de me salvar.

Sorri de besta, concordando. Claro: seguiam-na. Olhei para trás. Apenas casais sonolentos, sem suspeita. E ela ali, enxugando os olhos. Mais uma maluca de cidade grande, alguma paranoica gratuita. É fogo: um dia destes e ainda esta. Só no natal. E feia de arrepiar. Cabelos duros e vermelhos. Sardenta. O emaranhado de veias azuis sob a pele branquela. Para completar: mais magra, impossível. Nas extremidades dos ombros, as pontas dos ossos. Pernas mais finas que os braços. O peito, uma tábua. Salvava a idade: seus vinte anos, por aí.

– Cara de quem comeu e não gostou – ela disse, guardando o lenço.

Olhei em volta.

– O trocador ali? – indaguei.

– Você. É a namoradina que esqueceu o presente, hem?

Quem cala, consente. Olhei para o chão. “Namoradina”: vinte anos e parecia falar de algo remoto. A tia solteirona que faz troça do sobrinho. Era deixar correr.

– Voltando de lá?

– Lá onde?

– Da casa de sua namorada, é claro.

– Isto mesmo.

– Ah, eu sabia. A uma hora destas, no natal, todo moço só pode estar voltando da casa da namorada. Beijinhos, nozes, vinhos, gente alegre e música. Garanto que ela é assim... morena, olhos grandes e negros, destas que já estão usando minissaia. Adivinhei?

– Na pinta.

– Viu? Você tem mesmo cara de preferir morenas – convenceu-se, num sorriso logo retraído – E qual o nome dela?

– Nome? Bom... – Marina, Cristina, Adriana ou Mônica. Arrisquei:

– Aristolina.

– Nossa!... Estrangeiro?

– Nada. Os pais dela têm mania por nomes antigos.

Ficou olhando a chuva fina escorrer pelos vidros. Descia por ali um filete d'água, e ia empoçar o corredor do ônibus.

– Sabe de uma coisa? – ela disse.

– Hum.

– Tenho um irmão com nome de Aristóteles. A-ri-s-tó-fe-les. Este nem dá apelido, né?

– Parece nome de inseto.

– Pois é. Meu pai quem quis. Mas ele não gosta de nome antigo nem nada. Foi de propósito, o nome mais feio que pôde inventar. E tudo porque, como diz, nunca viu cara mais horrorosa que a do meu irmão quando nasceu.

No beco do Cura um cão mordida e rasgava furioso vários papéis azuis de presente. Uma lata d'água, embaixo de uma calha, transbordava. De repente, descobri um certo calor daquela perna magra, junto à minha.

– Seu pai é que deve ter cara de cachorro leproso – eu disse. Ela me encarou, arregalou os olhos. Tentei.

– Quer dizer...

Sorriu. E abaixou o rosto, um pouco corada.

– Deixa pra lá. Nem vale a pena. Ele, já até vi, meses atrás se esfregando noutra mulher, perto da rodoviária. Quis fazer um

escarcéu. Mas jurei contar tudo à mamãe.

– E aí?

– Tive medo dele me agredir.

– Não ligue, não. Meu pai também – menti – igualzinho ao seu.

– Verdade?

– Verdade. Com as empregadas. Eu já estava careca de ver, entende? Então, tirei umas fotos. Mostrei para a família toda. Um escândalo. Exigiram dele o desquite. Ele implorou perdão à mãe, ajoelhado e tudo.

– E depois?

– Endireitou. Chega em casa cedo, só sai com mamãe e comunga todo domingo.

Rimos os dois. Sua bolsa acabou caindo embaixo da cadeira. Agachei rápido. O fecho abriu e pulara um papel com endereço e horário de uma festa de natal.

– Está vindo de alguma ceia também?

– Uma reunião – respondeu arrastado, aborrecida – Amizades... desde menina. Mas saí logo.

Bobagem insistir: se quisesse se abrir, bem. Fiquei observando seu rosto: além de magro, era amarelo e doentio.

– Sabe quando te tratam – ela disse – com muito cuidado? Você sente no ar, um clima assim para tornar sua presença suportável, entende?

– Mais ou menos.

– É no jeito de conversar ou de olhar. Sei lá. Mas, de repente, acabam te mantendo calada, ouvindo caso de gente desconhecida. Não dá.

Ela olhava o vazio de umas cadeiras desocupadas. Imóvel. Aquilo parecia parte de uma constatação fatal.

– Entendo – eu disse.

– Pois então – repetiu – larguei de mão.

O ônibus cruzou a rua Palmira. Ela levantou assustada. Deu o sinal e me puxou pelo braço.

– Vai comigo até em casa? Por favor, meu pai me mata...

Descemos correndo. Minha casa ficava perto e o vento frio curaria o porre. Ela andava a uma distância cuidadosa. Desconfiada, desviava o olhar atento à rua, para me controlar. Quanto mais subíamos, mais parecia tensa. Mordia as unhas ou cocava com força o braço esquerdo.

Parou de súbito, e encostou numa árvore.

– Você não tem medo? – ouvi.

Nas ruas vazias, a escuridão era densa e sem forma. Nenhum policiamento por causa do feriado. E a favela ali, encostada.

– Não tem perigo. É só irmos pelo meio da rua.

– Não. Estou falando de outro medo.

– Outro?

– Outro. Um medo da gente mesmo.

– Como? Assim...

– Assim de você. Um medo de se afundar demais no seu lado obscuro. Até se acomodar nele. Afogando, sem saber.

Pés de sapato, panos, vidros e pedaços de papelão desciam na enxurrada. Um quadro de miséria, calamidade pública. Mas, quando meninos, minha irmã e eu nos divertíamos, pescando estes trapos.

– Faz um ano hoje que o paizinho morreu – murmurou.

– Seu pai, então...

– Não, nada disto. Paizinho era um velho lá da rua: seu Ari. Vinha sempre jogar dominó comigo, depois da escola.

Bateu um vento frio. Fechei a jaqueta, ela abraçou a bolsa contra o peito.

– Pai nunca brincou conosco. Mal distinguia a voz dele direito, acredita?

– Puxa.

– Sabe o que o paizinho dizia? Olha, menina, gente é um rio correndo numa margem só. Bonito, né?

– Bonito.

– Às vezes, fico com este troço: medo de nunca conseguir viver o outro lado. Não dá em você?

Lembrei do Jonas, em Canoa Quebrada. A nuca pesou além da cerveja pesando. Olhei para o céu. Cinza compacto. Um quase-luto.

– A lua podia aparecer hoje – eu disse.

Agasalhei a mão direita, revirando o bolso. Uma moedinha gelada. Esfreguei-a devagar – até ficar morna.

– Não podia? – repeti.

Olhou o céu, também. Nuvem, um urubu cochilando no poste telefônico. Fez sim com a cabeça. Abriu a bolsa e começou a procurar algo.

– Vem cá – ela disse.

Aproximei. Mostrou uma carteira de identidade. No retrato, uma moça sorridente, rosto redondo com duas covinhas laterais.

– Amiga sua?

– Eu mesma.

– Mas.

– Emagreci muito. Vinte e seis quilos. Desde que fui operada, há dois meses.

Pensei no tio Mário. Custei a reconhecê-lo, quando morreu: mais magro que uma sombra. Três meses de câncer.

– Operação de quê?

– Coração.

Um mês antes do tio Mário morrer, visitei-o em casa. Só falava na filha, no cargo de promotor no fórum, planos e planos para quando saísse dali. De mais a mais, aquela úlcera era o de menos, certo? Claro, claro.

– Problema de coração emagrece tanto? – perguntou.

– Emagrece, às vezes.

– Lá em casa, vivem repetindo – um nome esquisito... convales-

– Convalescença.

– Isto.

– Mas quem fala nisto lá?

– Ninguém assim, quer dizer: meu pai.

– Seu pai.

– É. Meu pai.

Olhei-a nos olhos. Depois abaixei a cabeça. Senti uma falta de assunto definitiva. Ela guardou a carteira, sem pressa. Suspirou. E ficamos ali bom tempo, eu a esperando.

– Vamos? – ouvi.

E virou, como se tivesse levado um susto. Pôs-se a andar tão rápido, que custei a acompanhá-la.

Era uma casa antiga, muro alto, portão colonial. Esperei-a. Fora ver se a porta da sala estava aberta. Do contrário, teria que acordar o pai. Ele era terrível, repetia. Proibira-a de sair. O que iam falar por aí, vendo-a tão abatida. Controlava-a em tudo. Se ainda chegasse sozinha, estaria perdida. Por via das dúvidas, meu nome era Roberto, irmão da Sandra, sua vizinha.

Voltou. Tudo em ordem. Agradeceu. Já trancava o portão. Era agora ou nunca, pensei. Romper a farsa. Cara a cara.

– Espere – eu disse.

Ela largou o cadeado, assustada. Abri a boca. Não saiu nada. Afundei as mãos nos bolsos. Chutei uma pedra.

– O que é?

A enxurrada era menor, mas ainda desciam trapos. Desciam.

– Você – eu disse – ainda não...

Seus olhos: descorados, mais úmidos do que a calçada, o muro da casa. Uma enxurrada, para qualquer um ver. O que mais?

– Ainda não – gaguejei – não sei o seu nome.

Ela pegou de novo o cadeado, apertando-o entre os dedos. Sorriu um sorriso fraco. Como se, por um instante, se sentisse livre. Ou como se expressasse uma inutilidade. Insisti. E também pedi o telefone.

– Elisabete.

– E o telefone?

Guardei. Trancou o portão e subiu a escada, sem ruído.

Andei devagar. Quando dobrei, enfim, a esquina, pude notá-la ainda me observando sobre o muro. Sorri. Pulei numa poça, esparramando água por todos os lados. Moleque. Chutei toco, espantei um gato, lambuzei-me. Olhei com emoção para os prédios, casas em silêncio, janelas apagadas. A cidade. E as pessoas, sem notar, dormindo dentro de um presente.

Amolação

FLÁVIO GONÇALVES MOTA

1989
1961

versos e mais versos cortados
e você teimando em usar
o lado cego das palavras

ANA MARIA DE ALMEIDA

1978
1961

As três Juremas em ritmo de desencanto

Jurema Benvinda está aprendendo a ler e a escrever, às vezes, mais parece que as palavras é que a escolhem, de condão, tumultuadas e magas, descerrando neblinas. Ou que é o livro que lê Jurema. O livro posto à frente, em gesto insólito de ritual, Jurema repete em transe o que ele conta: coisas e coisas, desligadas de mundos e horas, ventanias, auroras, esquecidas paragens. O que, para além dela, nunca a tivesse esquecido – até parece... Jurema não sendo mais do que se escapasse da cordata figura feita para ordens e obediência?

Mostraram a ela o dicionário, ensinaram seu manuseio e uso, as repartidas ideias condensadas, comprimidas como molas, que de repente se avolumam caudalosas, de roldão tão cabíveis ali dentro, resumidas e resumindo? Quase um despropósito!... Jurema, na primeira vez, olhou muito, em meio receio e respeito, o bloco marrom e verde, de tantas páginas. Nem quis pegar – como se, bíblico, vetusto, o livro parecesse coisas de só

segredos, cochichos, altas falas – coitadinha dela! “Deixa de ser boba, Jurema” – riu, de professora improvisada, Nianá patroinha – “até seu nome tem aqui...” E leu:

Jurema branca
marginada
preta

Branca marginada preta. Ela susteve o fôlego, assustada: seu nome quase um remoto apelo, pessoa falando de muito longe. Mas aceitou humilde a glosa, entendeu sem entender muito as três figuras; nem tão preta assim ela era! A trova mesmo dizia: branca marginada. Imaginada? Não importava, gostou demais.

Jurema branca
Jurema marginada
Jurema preta.

Ficou mais alada, cantou muito, quebrou dois pratos no jantar, recebeu xingos complacentes e descrenças de que ela mudasse nunca algum dia e fosse mais atenta. “Cabeça-de-vento”, falou Nianá. “Tem importância não” – Jurema pensou com reticências, solzinho de conforto e orgulho: não é que até ela? O dicionário que contasse. Uma cantiguinha: Jurema, Jurema, Jurema... Chamando. Ela quis ver com seus olhos, decifrou:

Jurema branca (mimosa jurema alba)
Jurema marginada (mimosa burgônia)
Jurema preta (acácia jurema).

O livro sabia, sabe? Alguém pegara seu desfazer-se-de-conta no ar do mundo e gravara em letras miúdas. Confusas. Mas aos poucos gostosas, soando de cor o que só ela sabia. Nem Nianá descobriu! Jurema não mais se separou do livro, levou-o para o quarto, folheia-o de vez em quando muito. Se alguém preci-

sa dele, tem de pedir licença, tem de gritar: “Jurema, Jurema, Jurema...”

Quando larga as serviçamas, Jurema o segura com cuidado, escolhe palavra, liga frases que escreve em letras espalhadas em artísticos borrões: “O lago é emenso, enorme. Deslumbrei o epalto. Eôo, eões, epagogo”.

Fica espantada olhando os garranchos, o que o livro lhe sussurrou, mas depois se acostuma, a boca se ri toda num orgulho amplo. Jurema: além do perfil de bicho manso, da pele quase muito escura, do nariz achatado. “Jurema!” – diz para si mesma, em expectativa diante do espelho. Entrança os cabelos finos, pisca muito os olhos, onde navegam brumas e uma ternura úmida. Tal assim, Jurema! Nianá censurou as distrações, falou ensaiando-se mestra professora: “Ninguém não sabe o que é eôo, eões, epagogo, etc. etc. Você parece burra! E é imenso, i-men-so...” Jurema sorrindo para dentro de uma graça que só ela soubesse – e gosta do “etc. etc. etc.” – repetido. Pois então!? Ela se rebela afoita: “Jurema branca, Jurema marginada, Jurema preta... Está lá! Nem não fala niana – nianá...”.

Nianá ri, quase entendendo por um fio a fresta: “São nomes de árvores, Jurema, as acácias... só coincidência, entendeu? Você não pode pegar as palavras como se fosse dona. Você tem de ligá-las com alguma coisa que a gente pega, ou vê – com as coisas, sua tonta!”.

Ela sai para o quintal, entristecida. Então era isso, alguém ou algo para lembrar? Dolorido, doendo. As acácias eram apenas as árvores? As brandas árvores ao amanhecer tocadas pelo vento. Um pouco de vento, um pouco de perfume, pétalas amarelas de alcatifa e alfombra. A menina surgiu de repente lembrada, depois ficou devagar no vento nos cabelos, nas pétalas caindo,

no lusco-fusco dos olhos pestanejando uma lembrança funda. A menina corria pela estradinha, alguém chamou dentre as árvores. Ela pensou que fosse o primo, parou rindo, e o coração quase também: o homenzão, homenzarrão, cara de preto assassino, belzebu. Quis fugir, gritar, morrer. O homem a apertava muito, e as copas tão altas das árvores, ninguém não vendo. Ai, meu-Jesus... Tudo tão distante... Fechou os olhos e pensou apenas no barulhinho das folhas, desanimada. Depois ela limpou a saia, enxugou os olhos e esqueceu. Nunca ninguém soube, nem ela...

Acácia jurema – como se ela não tivesse desencoberto nada de nada; coisas tontas! Ela sacode a cabeça com desprezo, depois com pena. Uma brisinha brinca que brinca nos emaranhos de sua cabeça: Nianá perdoasse – era mais uma vez, durável, a alba burgônia nos seus mistérios. “Etc. etc. etc”. – ela pensa hieroglífica. Um bailado delicado levanta folhas amarelas do chão, movimenta árvores floridas, ondula as águas do rio. “Etc. etc. etc.” Jurema segura o gato que ia passando silencioso, acaricia seu pelo macio. Murmura, contando: “Bom-moço, quer passear? Que será que não será? Vamos ao rio, à fonte. Bondoseiro, bondoso. Vem a corcel, progredindo-se. Fica quieto, bicho rabioso, pândego. Vem a corcel, cavalo grande, leva nós, a gente conosco canta, promete... etecétera, etecétera.”

Aos saltos, Jurema sai cantando alto para Nianá ouvir: “branca marginada preta”. Só ela sabe, o livro contou nas letras miúdas, entrelidas. Ninguém nunca não soube. Só que dentro dos tracinhos o resto, maior segredo: “mimosa... alba... burgônia”. Coisas dela que nem ela sabe? “Burgônia, begônia” – ela rememora enfim, feliz. Coisas de plantinha caprichada, meio-flor, meio-folha, dada em vasos, fina. Mimosa... alba. Jurema interroga o dicionário: “delicado, brando, suave, deleitável”. Algo de muito dengue, ela sabe. Dá uns passos de dança diante do espelho: mimosa...

alba... à espera do Bom-moço... A espera, entre o antes-nunca-vindo e o estando-sempre-por-vir. Fica tristezinha de novo repente: aquela tristura que dá até preguiça de viver?

Dolorido, doendo. Bom-moço fora ao pagode com ela mais Nianá. Jurema tem um pequeno assomo de raiva – Nianá, o moço da cidade, se rindo dela? Os dois, nenhum, ela tinha podido imaginar! Bonito, bondoso, ele falara: “Jurema - você - é - uma - alminha - suave”. Suavinha. Mas ele se foi. Ela sonhou muito ele chegando a cavalo, levando ele e ela para um passeio na fazenda. O rio, a fonte. Tudo mentido, sem prazo. Ele veio, mas se esqueceu de tudo: a festa, a fala bonita. Só ficou de conversa miúda e agarrada com Nianá na varanda. Nianá o chama de Julho, Jú-li-o – mas era o Bom-moço. Quando Jurema foi levar café, na varanda, a mão dele estava nos cabelos de Nianá, a boca muito próxima do riso dela. Bom-moço não viu Jurema, nem o raminho de catinga-de-mulata, que ela espetou atrás da orelha, catita, dengosa. Nunca mais ele não viu Jurema. Nem ela quis mais: embrenhou-se. Só uma lágrima, depois esqueceu...

Jurema ri alto: “alba burgônia, etc. etc.” Não achou ainda o que seja alba, ou fosse, mas não importa. Por entre os ramos, a nesga infinita de azul. A mimosa jurema. Que só ela percebeu, etc. etc. Quando alguém ralha com ela, ela fecha os olhos, e o bailado volta suave de perfume e flores. Ninguém entende: pensam que é má-criação dela.

De noite Jurema Benvinda reza diante do oratoriozinho. Branca marginada preta. Que coisas pede? Um príncipe trabalhador com corcel e pratas, eões e epalto. Cavalgando nuvens, drástico, turgimão.

Acácia Jurema, inatingível. A Santa escuta com atenção e uma pontazinha de malícia no olhar bondoso de gesso.

Cenas de um VOO

Dois estudantes, um de filosofia, outro de letras, caminham no centro de Belo Horizonte. Nas mãos carregam uma leva de contos e poemas que haviam editado em papel-jornal, para distribuir entre os colegas. Estão indo ao encontro de um terceiro jovem, que trabalha como assessor de imprensa na UFMG. É maio de 1966. Do encontro desses três com o reitor da Universidade nascerá uma revista literária. Proposta por Luiz Vilela, Luis Gonzaga Vieira e Plínio Carneiro, a ideia é recebida com entusiasmo por Aluísio Pimenta, que prontamente sugere que os rapazes também organizem um concurso literário aberto a todos os universitários. No mesmo ano, o número 1 já circula, dando início à longa e rica história da RL.

□

Os números que definem essa história são impressionantes: 27 edições, totalizando 4.513 páginas, foram publicadas de forma quase ininterrupta ao longo de 30 anos – de 1966 a 1996, e um último número em 2002. Cerca de 3.600 universitários participaram dos concursos, com o envio de aproximadamente 14.200 textos, entre os quais 11.800 poemas e 2.300 contos. Em suas páginas publicaram cerca de 300 autores e 110 ilustradores. Estiveram diretamente vinculados ao trabalho de organização 17 editores e 40 membros das comissões avaliadoras dos originais enviados.

Mas esses montantes não chamariam tanta atenção se os nomes que a eles se associam não fossem, também, notavelmente relevantes. Uma rápida folheada no índice onomástico criado para esta edição comemorativa demonstra que figuras essenciais do meio artístico e intelectual brasileiro, de mais de uma geração, estão presentes em algum ou em muitos momentos da trajetória da revista. Constatase, nitidamente, que a RL atuou como estímulo inicial a carreiras literárias que viriam a se consagrar com grande força. É o caso de Sérgio Sant’Anna, Luiz Vilela, Humberto Werneck, Duílio Gomes, Maria Esther Maciel, Jaime Prado Gouvêa, Guiomar de Grammont, Antônio Barreto, Lucia Castello Branco, Marcílio França Castro, Fabrício Marques, Francisco de Moraes Mendes e muitos outros. Além disso, para o trabalho de ex-alunos ou convidados, havia a “Segunda seção”, que publicava textos tanto de nomes já consolidados quanto de escritores e intelectuais em início de carreira.

Em sua primeira edição, o concurso da RL recebeu 164 inscrições: 146 poemas e 18 contos. No ano seguinte, foram quase 100 textos a mais, totalizando 255 inscrições: 198 poemas e 57 contos. Mesmo com alguma oscilação, o montante recebido seguiu crescendo. Na quarta edição, a comissão do concurso registrou a marca de 341 inscrições: 265 poemas e 76 contos. Na nona, chegou-se a 650 textos: 478 poemas e 172 contos. O recorde de inscrições ocorreu justamente na edição que marcou o fim da revista. Em 1996, a RL 26 recebeu mais de 1.100 textos: 153 contos e 995 poemas.

Cinco anos depois, no segundo semestre de 2001, alunos da UFMG relançaram a revista, com algumas modificações: novo projeto gráfico, uma seção para entrevistas e a inclusão de mais categorias nos concursos, recebendo um bom volume de inscrições. A RL 27, então com novo nome – Ipsis – anteposto ao título original, é publicada no final de 2002. O relançamento contou com a participação de escritores, artistas plásticos e professores nas comissões julgadoras, mas não teve continuidade.

Uma tabela com os números completos das inscrições recebidas em todos os concursos da RL pode ser consultada nas últimas páginas da presente edição.

□

Bianca Rubro, Só (Crates), Poseidônimo, Cachos Mil, Um Homem Só, Anacroniquinha, Tanto Faz, Joaquim Paramigabar, D'arc, Em Trânsito, Penélope Chamosa, Homem de Neanderthal, Doriangray, Purple Haze, Luiz Comzê, Antônio D'Óculos, Zéfiro, Excelso Lucífero, Nicarágua, K-louro. A identificação dos textos nos concursos da RL era feita por pseudônimos como esses.

□

Em meio à grande quantidade de números, nomes e pseudônimos, sobressaem os editores da Revista Literária, sobretudo aqueles que a assumiram como um projeto continuado, de longo prazo. Além de fundador da revista, Plínio Carneiro atuou como seu coordenador durante os 17 números iniciais, de 1966 até 1983. Ana Maria de Almeida, professora de literatura brasileira, já tendo trabalhado com Plínio desde o número 13, foi a principal responsável por aprofundar o vínculo entre a revista e a Faculdade de Letras (Fale), desempenhando o papel de editora até o número 24. Poeta e professor do Colégio Técnico da UFMG, Ronald Claver colaborou como editor da RL 8 e dos volumes publicados a partir do número 13. Carlos Alberto Marques dos Reis, funcionário da Universidade e programador cultural, atuou em toda a fase final da revista, a partir do número 20.

Além das várias contribuições pontuais de nomes que se dedicaram à organização de apenas um número, a RL contou com o relevante trabalho dos que permaneceram por um tempo um pouco maior. Nos anos 1960 e começo dos anos 1970, Luiz Vilela atuou como coeditor em dois números; Duílio Gomes, Luis Gonzaga Vieira e Walden Camilo de Carvalho atuaram em três. Na segunda metade dos anos 1970, os professores Orlando Bianchini e Maria Antonieta Antunes Cunha desempenharam a função de coeditor em, respectivamente, cinco e quatro números.

□

Madame Que Ri, Pueta, Evandro Vácuo, Mequetrefe, Akela Luz, Nadolive, Chuva Júnior, De Tal, Fedro Lobo, ASDFG, Del Fuego, Asteroide, Ínfimo Modesto, Thor-Nado, Bulhufas, Grua, Comendo o Mundo, Diogo Cão, Hobsbrown, Dadá. Esses são alguns dos cerca de 3.600 pseudônimos que fazem parte da história da RL.

□

Na configuração editorial da Revista Literária, há duas constantes em todos os números. A primeira é a divisão em duas seções: a que publica os textos premiados – vencedores e menções honrosas – no concurso literário, voltado para estudantes dos vários cursos e níveis da UFMG; e a “Segunda seção”, que publica textos diversos, de professores, ex-alunos e escritores, em geral convidados pelas comissões da revista. A segunda constante é a existência, no corpo de ambas as seções, das categorias contos e poemas.

Juntamente a essa estrutura fixa, houve algumas variações ao longo das diferentes fases. A “Segunda seção” também contou, em quase todos os números, à exceção da RL 4, com a categoria ensaio. É notável que a presença desse gênero tenha sofrido uma progressão ao longo da história da revista. Dos números publicados nos anos 1960 até os que saem em meados dos anos 1970, o número de ensaios é bastante discreto: quase sempre um único ensaio (a exceção é a RL 5, com dois). Entre 1975 e 1980, quase todos os números trazem dois ensaios (apenas a RL 11 traz somente um). Nos anos 1980 e 1990, o

número médio é maior: com frequência são três (RL 16, 19 e 22) e mesmo quatro (RL 20, 21 e 24). O número máximo de ensaios ocorre justamente na RL 26, de 1996, publicada com seis textos desse gênero.

Essa progressão provavelmente está vinculada à grande expansão, no período, dos programas de pós-graduação na área de humanidades, e à exigência de que tanto alunos quanto professores se dedicassem a produzir e publicar mais textos acadêmicos do que textos literários. Tal exigência parece também estar refletida no fato de que o próprio concurso voltado para alunos incluiu, na RL 25, a categoria ensaio, concedendo três prêmios e uma menção honrosa.

As duas únicas variações aos tradicionais contos, poemas e ensaios são as crônicas, presentes no primeiro número da RL, e as resenhas de livros, veiculadas na “Terceira seção” do vigésimo segundo número. Duas outras designações especiais – “Montagem”, na RL 7 e “Pesquisa”, na RL 15 – podem ser incluídas no gênero ensaio, pois ambas apresentam textos dissertativos.

No relançamento da revista, realizado em 2002, houve uma ampliação das categorias do concurso: além de contos e poesias, foram avaliados e premiados ensaios, resenhas e narrativas infantojuvenis. Além disso, a edição apresentou uma entrevista e eliminou a “Segunda seção”, presente em todos os números anteriores.

Outra importante característica que define a configuração editorial da Revista Literária é a forte presença de ilustrações. Somente os três primeiros números e a RL 12, de 1977, não apresentam imagens. A partir de 1969, ou seja, com a RL 4, os números são ilustrados por alunos da Escola de Belas Artes da UFMG, sob a coordenação de professores dessa unidade. Em meados dos anos 1970 – mais precisamente, de 1974 a 1976, nas RL 9, 10 e 11 –, essa prática é estimulada por um concurso de ilustrações voltado aos alunos. De 1978 a 1983, ou seja, da RL 13 à RL 18, o concurso não ocorre, mas os volumes são ilustrados por alunos e professores de algumas faculdades da UFMG. A partir da RL 19, em 1985, o concurso volta a ocorrer, mantendo sua continuidade até o último número, o que garantiu uma expressiva presença de alunos da Escola de Belas Artes nas páginas da revista, bem como a constante participação de seus professores nas comissões julgadoras.

□

Você sobe a pé a rua da Bahia, atravessa a avenida do Contorno, anda mais um quarteirão e lá está ele: o famoso e polêmico prédio da Fafich. Essa palavra, se pronunciada com entonação displicente, traduz a familiaridade com as rampas, o murinho, o bar do Diretório Acadêmico, os elevadores, os janelões abertos para a cidade, a biblioteca, os enormes corredores, os oito andares da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Você é bastante jovem, entrou há pouco na Universidade, não é da área de humanas, mas seu assombro consigo mesmo (e com o mundo) e seu desejo de se expressar foram ativados quando você leu, no restaurante universitário, o cartaz divulgando mais um concurso de contos e poemas da RL. E agora você está ali, um pouco sobressaltado, entre as paredes desse edifício-esfinge.

A RL teve alguns endereços: no campus Pampulha, tanto o prédio da Reitoria quanto, posteriormente, já na última fase da revista, o da Faculdade de Letras. No bairro Santo Antônio, o prédio que abrigava a Fafich. Rua Carangola, número 288: durante cerca de três décadas, esse foi um endereço quase mítico no mapa de Belo Horizonte e no calendário dos anos da ditadura brasileira, pois abrigava parcela significativa do debate político universitário. Era a parcela com nítida propensão esquerdista, embora com as mais distintas orientações. Ali era forte a inclinação à contracultura, um lugar de encontro para manifestações de várias naturezas: contra o regime militar, contra as muitas formas de repressão presentes no cotidiano, contra os atentados às liberdades individuais e coletivas.

Você já havia ouvido dizer que as paredes da Fafich não têm ouvidos, e sim bocas que tagarelam sem parar, gritam palavras de ordem (revolucionárias, existencialistas, psicanalíticas, estéticas e antiestéticas, feministas, lisérgicas, niilistas e muitas outras), mas também sussurram odes ao desejo, cânticos ao amor livre, mantras alternativos. E agora você, meio atordoado, está ouvindo essas vozes todas, diante da porta da sala 807, onde você entregará os originais de seus textos. Essa porta emoldura o momento em que você talvez comece a fazer parte da comunidade literária que atende pelo nome de RL.

□

A RL sempre foi subsidiada por recursos financeiros da própria Universidade. Desde a sua primeira edição, pagou prêmios em dinheiro aos vencedores dos concursos. Arquivos da publicação dão conta de que, em 1977, a RL 12 ofereceu prêmios de Cr\$ 5.000,00, Cr\$ 3.000,00 e Cr\$ 2.000,00 para os três primeiros lugares. Já em 1985, o cartaz que divulgava o décimo nono concurso informava as quantias de Cr\$ 600.000,00, Cr\$ 300.000,00 e Cr\$ 150.000,00. Para a inscrição, era exigido que cada autor apresentasse o número de três contos e/ou cinco poemas. Nos anos 1990, os prêmios foram ainda mais significativos. O cartaz do vigésimo quarto concurso, ocorrido em 1991, divulgava as quantias de 10 salários mínimos para o vencedor de cada categoria, sete salários e meio para os segundos lugares, e cinco para os terceiros.

Um relevante indicador da receptividade obtida pela RL é o grande volume de correspondência recebida de vários lugares do Brasil e do mundo. Trechos dessa correspondência foram transcritos na seção “Cartas”, publicada praticamente em todos os números. Há significativos depoimentos de nomes de destaque no meio intelectual e editorial brasileiro e mundial. É o caso do bibliófilo Plínio Doyle, que, em trecho reproduzido na RL 10, elogia a “magnífica Revista Literária, que faltava em minha coleção”. O tradutor e crítico Paulo Rónai, referindo-se ao número 16, ressalta o “valioso material contido nesse fascículo”. O escritor Oswaldo França Júnior, sobre os números 18 e 19, declara: “o nível dos trabalhos publicados está muito bom”. Da Universidade Harvard, nos Estados Unidos, chega o depoimento do professor Noel Guilherme Ortega: “a magnífica qualidade da sua revista, que orgulhosamente cito nas minhas aulas de literatura brasileira, tem motivado grande interesse pelas letras brasileiras”. De Lisboa, Jacinto do Prado Coelho, diretor da Revista Colóquio/Letras, assinala: “aguardamos, com o mais vivo interesse, a vossa prestigiosa Revista Literária”. Na RL 3, de 1968, o diretor das revistas Civilização Brasileira e Paz e Terra, Moacyr Félix, é efusivo: “a qualidade dos ensaios, o arrojo na parte da criação, servem para nos dar a fecunda impressão de que a cultura brasileira encontra em Minas Gerais um dos seus mais característicos esforços de solução ou desenvolvimento”.

Há também depoimentos mais informais, que revelam vínculos de afeto com a revista: “a RL está um barato incrível”, diz Mônica Noronha, de Belo Horizonte. “A revista de vocês tem um vigor literário que

me sensibiliza paca. Gosto da Revista e curto-a da primeira à última página, seguindo os seus altos e baixos inevitáveis/necessários”, declara Amador Leite, de São Paulo. “Vocês têm alunos geniais”, entusiasma-se Maria Etelvina Fernandes, de Ribeirão Vermelho, interior de Minas. Também de São Paulo, Gisleyne Campestrin elogia: “a cada volume que recebo, noto com prazer e deslumbramento que mais e mais estudantes se preocupam em deixar à nossa literatura marcas de sua passagem”. De Brasília, o elogio rasgado feito por Fernando Campos vai para o primeiro editor da revista: “Plínio, você é um herói. Fazer uma revista como a RL durante 16 anos merece uma medalha”. Da cidade gaúcha de Caxias do Sul, Marcos Luft avalia: “chega aos 25 anos mais jovem do que nunca, bem feita, limpa, gostosa de se ler”. E, de Ribeirão Preto, Osvaldo Brito sentencia: “verdadeira delícia intelectual a RL, e mostra o que poderia ser a cultura, no Brasil, se tão precioso exemplo tivesse muitos seguidores”.

Nem todas as reações, contudo, foram favoráveis. Na seção de cartas da RL 13, publicada em 1978, de Belo Horizonte chega a crítica de René Zeferino: “parece-me que vossa revista piorou bastante em qualidade de textos”. Alguns anos antes, em 1972, a RL 7 havia divulgado a carta de J. T. Wilson O’Neil, de São Paulo, cujo teor indignado talvez seja a confirmação de certa fama vanguardista conquistada pela RL em sua primeira fase, ou seja, nos números publicados nos anos 1960 e princípio dos anos 1970: “devolvo a Revista, iniciativa de um mineiro envergonhado por verificar que sua terra é hoje vítima da imbecilidade de meia dúzia da jovem guarda, monstregos literários, deveriam respeitar a velha tradição conservadora de Minas”.

Conforme destaca Carlos Alberto Marques dos Reis, “havia uma penetração muito grande e uma significativa cobrança pela revista – e acho que você só cobra por aquilo que te interessa”. Carlos diz isso lembrando que a Biblioteca do Congresso Americano mandava cartas cobrando os exemplares, e que a Casa de Las Américas, importante instituição cultural cubana, possuía a coleção completa da revista. De fato, a RL chegou a várias partes do mundo, em geral com calorosa acolhida. Há, por exemplo, cartas vindas de Estocolmo, Suécia (“A Revista Literária foi disputada tanto pelos brasileiros como pelos estudiosos de português que aqui se encontram”), Moçambique (“Estupenda revista, com ótimo nível literário”), Praga, República Tcheca (“O nosso Instituto de Línguas e de Literaturas, que faz parte

da Academia Tchecoslovaca de Ciências, tem o máximo interesse em receber regularmente a sua Revista Literária”, Honolulu, Haváí (“RL, lida com atenção devida e inteira. Felicitações pelo empenho ativo de manter a palavra em liberdade. Absoluta”), Clermont-Ferrand, França (“Muito boa, bem escrita, bem distribuída – uma joia, enfim”), Bruxelas, Bélgica (“nous vous remercions pour ce don précieux”), Buenos Aires, Argentina (“Saluda a Ud. con la consideración más distinguida”), Lincoln, Nebraska, EUA (“this publication which shall be of great value to our faculty and students”), Xangai, China (“peço a V. Exma. para estudar a possibilidade de apoiar-nos mandando material de divulgação da língua e literatura portuguesas no estrangeiro, pois não temos nenhuma relação com o Brasil nesse âmbito”).

□

Qualquer Eu, K. Raio, Marco Ponto, Lander Lon, O Próprio, Dostoyevris, Miguimim, Andar Corrido, Zé-Quiel, Cinderela Realista, Faca Amolada, Aladinho, Euxistência, Lumière, Bloom, Preto no Branco, Arabesco, Desdemônio, Herzog, Vou Lançar um Míssil. Se você fosse participar dos concursos da Revista Literária, escolheria algum desses pseudônimos?

□

A RL contou com expressiva repercussão na imprensa nacional. Em praticamente todos os veículos de divulgação mineiros de várias épocas – como os jornais Estado de Minas, Diário de Minas, Diário da Tarde, Minas Gerais, Correio da Manhã, Hoje em Dia, Jornal de Minas, Diário do Comércio – há matérias e notas sobre as edições da revista, bem como sobre eventos a ela relacionados.

Também a imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo lhe concedeu significativo espaço, sobretudo durante a primeira fase, nos anos 1960 e 1970. Em outubro de 1973, O Jornal do Brasil destacava: “A importância maior da revista reside em formar escritores em nível superior, capazes de competir com os autores nacionais e estrangeiros, livrando a literatura brasileira de obras de qualidade inferior, do tipo que vende muito e faz chorar, mas nada vale, esteticamente”. Já o Suplemento Literário da Tribuna da Imprensa elogiava, em setembro

de 1978, a “excelente Revista Literária, uma das poucas que ainda mantém assiduidade”. Em fevereiro de 1972, a Coluna Literária de O Globo afirmava que “a maioria dos concursos fica na divulgação do resultado. Na Revista Literária de Minas não é assim: os vencedores são publicados e podem ter seus trabalhos conhecidos de todos. Deve ser a única revista, no gênero, do Brasil, e de alto nível gráfico e editorial”. O Diário de Notícias, na coluna Lançamentos, em maio de 1971, não poupava entusiasmo: “a RL institui concursos de contos e de poesias, publicando, ainda, matéria da melhor qualidade, escrita por jovens que poderão vir a ser os grandes nomes das letras no Brasil, já que Minas Gerais sempre foi um fecundo berço de grandes escritores”. Em novembro de 1969, o Jornal do Escriitor já havia destacado: “A Revista Literária é um dos aspectos mais importantes da vanguarda em Minas”.

Entre os jornais paulistas, a Folha de S.Paulo, na Coluna Livros Novos, de Wladyr Nader, publica, em junho de 1975: “em Minas tudo pode acontecer: por exemplo, a Revista Literária da UFMG chega ao número 9, enfrentando todas as tormentas. Outra coisa boa para os ficcionistas e poetas: em mais de três dezenas de matérias, um só ensaio”. No mesmo mês e ano, Osvaldo Lopes de Brito, do Diário da Manhã, elogia: “contistas, poetas, ensaístas promissores, vocação talvez nascida em escola arejada e evoluída cujos altos propósitos se confirmam através de periódico do porte da RL, de elogiável aspecto gráfico, ilustrada. Vale a pena conhecê-la. Utilíssima e, mais ainda, exemplar, digna de apoio”. Em setembro de 1978, é a vez de a Última Hora publicar: “todos os trabalhos são de ótimo nível”. No Diário da Noite, Álvaro Alves de Faria, alguns anos antes, em abril de 1972, também fizera o elogio: “é de se louvar esse trabalho, pela sua seriedade, pelo que poderá significar. Parece que a Universidade de Minas Gerais sentiu a importância de contar com alunos que poderão ser grandes escritores”.

Outro indicador da difusão tanto nacional quanto internacional da Revista Literária se encontra na seção “Publicações recebidas”, na qual vai sendo composta, ao longo dos cerca de 30 anos de existência da revista, uma enorme relação de livros, periódicos, separatas, boletins enviados de diversas partes do Brasil e do mundo. Essa relação demonstra que sempre fez parte da história editorial da RL uma intensa política de intercâmbio cultural por meio da circulação

e do compartilhamento de publicações. Quando um exemplar da revista era enviado, junto seguia, invariavelmente, um cartão para que o destinatário acusasse o recebimento, atualizasse o endereço, pudesse manter contato com a UFMG e, em especial – com os dizeres “SOLICITAMOS PERMUTA – EXCHANGE DESIRED” –, se sentisse estimulado a também compartilhar publicações culturais.

Conforme matéria publicada no jornal Estado de Minas, em 1980 a tiragem da RL era de 2.500 exemplares, sempre impressos no parque gráfico da Imprensa Universitária. No mesmo jornal, em março de 1989, Ana Maria de Almeida informa: “Contamos hoje com um catálogo de aproximadamente 400 endereços de instituições e pessoas no exterior e 1.300 no Brasil”. Em homenagem a essa política de difusão – é bom lembrar que a revista sempre foi distribuída gratuitamente –, esta edição comemorativa inclui um cartão inspirado no original que transitou pelos mais diferentes lugares do planeta, em inúmeras idas e vindas.

□

Lux de Luxo, Em Silêncio, Karx, Nau de Oliveira, Catetoposto, Pedro de Tao, Fanho, Simplesmente Maria, Zé Ninguém, Arraia Miúda, Marionetto, Tuiuiú, Alba Longa, João Outrem, Curuz, Zoroastro, Batráquia Santos, Freud Flintstone, Piu, Longo Trecho em Declive. E então, já escolheu seu pseudônimo?

□

A trajetória da RL não é feita apenas de sucessos. Na verdade, eles são proporcionais às dificuldades que a revista enfrentou. Algumas foram decorrentes de problemas vividos pela Universidade e pelo país. Durante o período do acentuado descontrole econômico – aproximadamente, de meados dos anos 1980 até meados dos anos 1990 –, houve o grave fenômeno da hiperinflação corroendo os valores dos prêmios. O problema se dava porque os concursos eram lançados no início de cada ano, mas a premiação só era paga no final, quando já se conheciam os vencedores e o novo número estava em vias de ser publicado. Com isso, no decorrer dos meses, a verba conseguida

junto à Reitoria ia perdendo o valor, o que obrigava os organizadores a negociações para tentar atualizá-lo.

Os valores dos prêmios chegaram a ser divulgados não na moeda corrente, mas em unidades de referência, que eram atualizadas mensal ou diariamente. Para o vigésimo segundo concurso da RL, lançado no início de 1989, os prêmios para os três primeiros lugares foram, respectivamente, 45,00, 22,50 e 11,25 OTNs (Obrigações do Tesouro Nacional). No concurso seguinte, pago no final de 1990, os primeiros colocados nas categorias conto e poesia receberam o valor correspondente a 2.000 BTNs (Bônus do Tesouro Nacional).

Já o período da ditadura militar, que abarca a segunda metade dos anos 1960 e toda a década de 1970, “era uma época em que a Revista era censurada”, segundo destaca Carlos Alberto. “Determinados tipos de texto não podiam sair. Havia professores dentro da própria Universidade, nas unidades e na Reitoria, que fiscalizavam esse tipo de coisa”, afirma. Ao mesmo tempo, o contexto de opressão fomentava a oferta de uma literatura mais política, engajada, aos concursos da revista. Ronald Claver comenta: “Tem muito texto metafórico, contra a repressão. Se for olhar bem, você vê lá muito texto contra a ditadura. Resistência por meio da metáfora, que era a coisa possível de ser feita”.

□

Tarde quente do ano de 1974. Você se prepara para uma importante reunião do Conselho de Pesquisa da UFMG. O clima nas universidades brasileiras não é nada tranquilo. O governo militar impôs uma reforma cujo objetivo é uniformizar o sistema de ensino superior do país. Na UFMG, a situação é especialmente tensa. Dois reitores – Aluísio Pimenta e Gerson de Melo Boson – já haviam sido afastados. A atuação dos órgãos de segurança e as intervenções do governo são frequentes: professores cassados, estudantes presos, unidades invadidas. Todas as atividades culturais desenvolvidas na Universidade estão sob vigilância e ameaça. Não é diferente com a Revista Literária, pois o teor de muitos textos nela publicados é considerado subversivo. Há uma forte pressão para que ela deixe de existir.

Na reunião que começa daqui a pouco, talvez ainda exista uma chance para a sobrevivência da publicação. O reitor Eduardo Cisalpino encomendou ao Conselho de Pesquisa um estudo sobre todas as revistas publicadas na UFMG. Nesta reunião, os resultados serão conhecidos. Você aguarda ansioso. Os membros já chegaram e tomaram assento. O diretor do Conselho, professor Hélio Martins de Araújo Costa, dá início à reunião. Explica a metodologia e os parâmetros do estudo, que se baseou em uma consulta feita aos vários segmentos da comunidade universitária. Os parâmetros totalizam 18 pontos. O professor Hélio começa a ler a relação das revistas e as respectivas pontuações. Em primeiro lugar, com 16 pontos, a Revista Brasileira de Estudos Políticos. Você sorri, satisfeito, pensando que tal desempenho não deixa de ser uma bonita resposta ao estado de exceção em que vive o país. Em segundo lugar, a Revista Literária, que obteve 15 pontos. Você respira aliviado. Com essa avaliação fortemente positiva, torna-se viável defender que a RL continue a existir, a estimular e a acolher a criação e o pensamento livres, justamente na contramão do obscurantismo do regime militar. Secretamente, você, amante da RL, comemora essa vitória.

□

As maiores crises da Revista Literária ocorreram nas fases em que sua publicação sofreu descontinuidades. São dois períodos: meados dos anos 1980 – mais precisamente, de 1983 a 1987; e meados dos anos 1990 – ou melhor, de 1993 a 1996. O primeiro período coincide com a saída, após 17 números ininterruptos, de Plínio Carneiro e com a transferência da RL para a Faculdade de Letras, especificamente, o seu Centro de Extensão. Coincide, também, com movimentos grevistas de longa duração nas universidades públicas. Na nota editorial que abre o número 18, a professora Ana Maria de Almeida, coordenadora do Centro de Extensão da Fale, é bastante enfática: “A séria crise que atinge a nossa Universidade, no mesmo triste compasso que dificulta qualquer atividade de ensino, pesquisa e extensão no país, fez com que fosse organizada, com certo atraso, a publicação deste número. Muitos foram os obstáculos: falta de verbas, número insuficiente de funcionários; e, finalmente, a paralisação de todas as atividades docentes e administrativas nas universidades brasileiras, como única

forma encontrada para se denunciar a ameaça de destruição de nossas mais sagradas instituições culturais e científicas”.

Outro problema enfrentado pela revista no mesmo período ocorria dentro da própria Universidade: a queixa, por parte de alguns grupos de estudantes, de que a RL não se renovava e não era por eles gerenciada, embora tivesse como um dos objetivos principais o estímulo à criação literária discente. Para dar resposta a tais críticas, a comissão organizadora lançou, em 1988, um concurso de projetos de uma nova revista literária, dirigido justamente aos alunos da UFMG. Mas os resultados não foram suficientes para gerar mudanças. “De acordo com o concurso, os alunos deveriam apresentar um projeto global, de uma revista pronta. Dois grupos se candidataram, com projetos de bom nível, mas a comissão julgou que as inovações propostas não justificavam uma mudança radical. E a revista continuou com a edição tradicional”, explica Ana Maria de Almeida em matéria publicada no jornal Estado de Minas, em março de 1989.

Talvez a dificuldade maior tenha sido a falta de institucionalização efetiva e permanente da estrutura editorial da revista, que sempre dependeu do esforço pessoal de seus organizadores e das colaborações de órgãos e setores da Universidade. Essas colaborações eram de caráter eventual e sujeitas a negociação, já que não previstas por nenhum documento ou compromisso formal de longo prazo. Na última fase da revista, os esforços empreendidos para viabilizar sua institucionalização não foram suficientes. Mesmo a vinculação com o Centro de Extensão se mostrou tênue. Após o número 26, ela é transferida para outro órgão da Faculdade de Letras: o Núcleo de Assessoramento à Pesquisa. Segundo Carlos Alberto Marques dos Reis, essa mudança se deu “apenas por motivos políticos”, o que inclusive o levou a solicitar sua demissão do cargo de coordenador da revista.

Muito provavelmente, todos esses problemas e desafios se somam a algo mais abrangente, destacado por Plínio Carneiro na entrevista concedida em 1983, quando deixa de coordenar a publicação: “Fazer literatura no Brasil é um exercício de abnegação, porque a gente encontra a cada passo pessoas sem a menor sensibilidade artística e cultural”.

□

Hoje é dia 29 de novembro de 1990. São cerca de 10 horas da manhã e você está entrando no auditório principal da Faculdade de Letras da UFMG, no campus Pampulha, onde acontecerá a solenidade comemorativa dos 25 anos da RL. O auditório está cheio. O programa se inicia com a apresentação do coral da Faculdade, formado por 13 vozes e o regente. Você acompanha os números musicais, aplaudidos calorosamente. Em seguida, é a vez do grupo de teatro: uma atriz e três atores recitam textos literários. Logo depois, sobe ao palco um jovem que executa um número de voz e violão. Ao final, todo o grupo volta ao palco e é aplaudido.

São 10h40 quando o diretor da Fale, Jacyntho Lins Brandão, e uma das editoras da RL, Ana Maria de Almeida, são chamados ao palco. O professor Jacyntho faz diversos agradecimentos e anuncia algo que você acha marcante: “Eu queria dizer que, nessa solenidade de comemoração dos 25 anos da Revista Literária, a Faculdade de Letras se sente honrada de estar encarregada de levar para frente esse projeto”. Você aplaude com entusiasmo, desejando que aquelas palavras sejam um bom augúrio para a RL. A professora Ana Maria, então, passa a chamar, um a um, os premiados no vigésimo terceiro concurso de contos e poesias, entregando-lhes um certificado e, no caso dos três primeiros colocados, um cheque com o valor do prêmio. Você observa o rosto desses rapazes e moças que recebem, meio timidamente, os cumprimentos, e fica pensando que talvez algum deles possa seguir carreira literária, talvez mesmo se tornar um nome importante da literatura brasileira.

Você agora sobe as escadas que levam ao segundo andar. Nesse andar fica a sala da Revista Literária. É ampla a sala 2000, com muitas estantes em que você vê, perfiladas, várias edições da revista, especialmente a de número 22, que está sendo lançada naquela solenidade. Há também várias estantes com um impressionante número de publicações vindas de diversas partes do mundo, recebidas no sistema de permuta com a RL. A sala está cheia de convidados. Carlos Alberto e Ronald Claver estão bem a seu lado. Ana Maria de Almeida convida Aluísio Pimenta, reitor que viabilizou o início da revista, e Beth Teixeira Carneiro, viúva de Plínio Carneiro, falecido em janeiro de 1986, para que descerem a placa que passará a designar

aquele espaço: SALA JORNALISTA PLÍNIO CARNEIRO. Você pensa em como seria bom se o homenageado pudesse estar presente. Mas também pensa em como é bom que a UFMG esteja reconhecendo, por meio de uma sala própria e daquela bonita homenagem, a importância da RL e do homem que ajudou a fundá-la e trabalhou por ela durante 17 anos.

Você percebe que o professor Aluísio Pimenta está emocionado. Um repórter e um cinegrafista se aproximam. O repórter pergunta: “Tendo participado do momento de criação da Revista Literária, o senhor se sente satisfeito com o desenvolvimento que o projeto teve?”. O professor Aluísio abre um sorriso e responde: “Não só satisfeito, mas orgulhoso, porque vejo que as sementes foram lançadas em boa terra, e estão frutificando nestes 25 anos que estamos comemorando agora”. O repórter, então, faz uma segunda pergunta, que você interpreta como uma inteligente provocação: “E o senhor se diria também satisfeito com a atuação do governo na área de cultura?”. Você ouve com todo interesse a resposta: “Ora, eu fui ministro da Cultura, como você sabe, e aqueles que lidam no setor cultural não podem estar nunca satisfeitos, sobretudo num país como o nosso, que necessita de um grande amparo; e acho que nós passamos por um momento muito crítico, sinto que os setores culturais estão um pouco desamparados”.

Todos são convidados a descer até o saguão, onde já está acontecendo um movimentado coquetel, com o lançamento da RL 22. Mas você não os acompanha. Você permanece parado no corredor do segundo andar, diante da sala 2000, e deixa que o tempo passe, que os anos avancem. Ali, naquele canto de corredor, você fica sabendo que a Revista Literária entrará em um período de forte crise, que ela sofrerá novas discontinuidades, que terá apenas mais quatro números. Você testemunha o momento em que a placa de acrílico azul, que você viu ser descerrada alguns anos antes, é retirada da sala. Você testemunha o momento em que a RL deixa de ter espaço próprio e, não muito depois, o momento em que essa longa história se encerra.

□

Como pode uma revista literária, vigorosa o bastante para atravessar três décadas, simplesmente deixar de existir? O que fez com que a RL deixasse de ser publicada? A falta de institucionalização da revista? Para Carlos Alberto Marques dos Reis, a RL nunca chegou a existir formalmente na estrutura da Universidade e “a Faculdade de Letras nunca teve muito interesse pela Revista”. Ronald Claver opina que, na Fale, “entrou aquele negócio de departamento: um departamento jogava para o outro. Não se sabia quem ia assumir, as pessoas não conheciam exatamente a história da Revista”. Falta de verba? Enquanto foi vinculada ao Centro de Extensão da Fale, embora tivesse de disputar recursos com outros projetos, a RL ainda se manteve. Mas Carlos Alberto se lembra que o conselho do Cenex acabou decidindo pela exclusão da revista, com base na alegação, feita por um dos membros, de que a Faculdade de Letras “não precisava” de uma revista literária. Terá sido relevante o fato de que, como se tratava de uma época em que a cobrança por produção intelectual se intensificava, acreditava-se que a atenção deveria se voltar, de forma exclusiva, para revistas estritamente acadêmicas? Será que a literatura e as artes, naquele contexto histórico, passavam por uma fase de descrédito, ou eram consideradas menos relevantes em uma instituição dedicada à pesquisa científica? Terá sido porque a RL era excessivamente devedora do empenho pessoal de seus editores, e eles, por diversas razões, acabaram se afastando?

Possibilidades de respostas são muitas, você constata. Entretanto, nenhuma delas lhe parece satisfatória. Nenhuma delas parece responder a pergunta que você insiste em repetir: como pode uma revista literária, vigorosa o suficiente para atravessar três décadas, simplesmente deixar de existir?

□

Se você, leitor, olhar com atenção as margens das páginas 57 a 141 desta edição comemorativa, encontrará o pequeno desenho de uma coruja. Ao mover rapidamente as páginas, à maneira de um flip book, ou seja, de um cineminha de papel, você verá que a coruja voa e pousa. O movimento dessa coruja, símbolo da RL desde a sua criação, pode ser entendido como uma representação das muitas fases por que passou a revista ao longo de sua trajetória: momentos de plenitude e de dificuldades, expansões e retrações, fôlego e cansaço, continuidade e pausa. Mas é importante lembrar que a coruja também simboliza a filosofia e as disciplinas do campo das humanidades, e, em nível mais geral, a vida universitária. Em escalas ainda mais abrangentes, a coruja representa o próprio conhecimento, o impulso para o saber, a postura indagativa, o compromisso com a criação. A história da RL traduz, em larga medida, tais significados e ideais.

Em 1983, no momento em que deixa a revista, Plínio Carneiro dá o seguinte depoimento: “A Revista Literária, para mim, pode não ser para os outros, mas, para mim, tem uma importância transcendental. Ela transcende a si própria; já é mais do que ela. Ela tem vida própria”. Quando você, leitor, move as páginas da presente edição, folheia algum número impresso ou passeia pelos arquivos do acervo digital da revista, disponível no portal de periódicos da Fale, essa vida é reativada. Quando você se indaga sobre a importância de que uma universidade como a UFMG não abra mão de ter uma revista dedicada à literatura e às artes, essa transcendência volta a se manifestar. É você, leitor, quem pode colocar em movimento essa coruja.

LUIS ALBERTO BRANDÃO
colaboração e entrevistas:
EWERTON MARTINS RIBEIRO





Índice onomástico

Editor | **Nº da edição**
Comissão julgadora | **Nº da edição**
Autor | **Nº da edição** (página)
Ilustrador | **Nº da edição**

A

- Acir Pimenta MADEIRA
23
- Adair CARVALHAIS JÚNIOR
20 (53, 55, 57, 58)
- Adalgisa Botelho de MENDONÇA
23 (33)
- Adão VENTURA
(Adão Ventura Ferreira Reis)
2 (45), **3** (51), **4** (43, 63),
5 (40, 50), **6** (49, 67), **15** (57),
18 (99)
- Adriana LEÃO
19, 21
- Adriana SILVEIRA
19
- Adriano ESTEVES
(Adriano José de Souza Esteves)
19, 20, 21
- Aerton de Paulo SILVA
22 (22)
- Aginaldo PINHO
19
- Ailton SANTOS
3 (49), **4** (57)
- Alan Castellano VALENTE
26 (83)
- Alan de Freitas PASSOS
15 (38), **16** (20), **17** (16), **18** (52),
20 (21)
- Alan de Freitas PASSOS
16
- Alexandre Magno ALVES
26 (22)
- Alexandre Rodrigues da COSTA
26 (75, 76, 77, 78, 80, 81)
- Alexandre VIVACQUA
4 (60)
- Aline de CÁSSIA
27
- Aloisio ANDRADE
27 (45)
- Aloyzo de Souza ROCHA FILHO
12 (11), **13** (24), **14** (14)

- Álvaro APOCALYPSE
5, 6, 9
- Álvaro FRAGA
(Álvaro Eustáquio Rocha Fraga)
11 (75), **12** (66), **14** (45),
15 (58), **16** (69)
- Alvina MACIEL
9
- Amador Ribeiro LEITE
17 (65)
- Amador RIBEIRO NETO
14 (62), **15** (60)
- Ana América Antunes REZENDE
22, 23
- Ana Cecília CARVALHO
6 (61), **7** (57), **8** (11), **9** (90)
- Ana Cristina F. Morais CAVALCANTI
21 (11, 15)
- Ana Lúcia GOULART
5
- Ana Lúcia Neto MARTINS
8
- Ana Maria Clark PERES
27
- Ana Maria de ALMEIDA
13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20,
21, 22, 23, 24
- Ana Maria de ALMEIDA
22, 23, 24
- Ana Maria de ALMEIDA
9 (125), **10** (125), **12** (92),
13 (103), **14** (80), **15** (114),
16 (105), **18** (9, 113), **20** (73)
- Ana Maria Donagema PROENÇA
8 (76)
- Ana Maria VIEGAS
12 (112), **13** (51)
- Ana RAQUEL
27
- Ana Raquel Máximo PEREIRA
6
- Anderson de A. da CONCEIÇÃO
27 (56, 57, 58, 59, 60)
- André Felipe Pinto DUARTE
25 (46)
- Andréa Soares SANTOS
25 (92)
- Andreia Rocha SANTOS
7
- Ângela CANÇADO
(Ângela Cançado Lara Rezende)
11 (60), **14** (69, 97), **15** (63, 96),
17 (66)
- Angelo MACHADO
26 (89)
- Anísio Viana da SILVA
26 (39, 41, 43, 45, 47)
- Antenor Pimenta MADEIRA
16 (9), **17** (27), **18** (17),
19 (11, 23, 28)
- Antônia Lúcia do Couto e LIMA
8
- Antônio BARRETO
(Antônio de P. Barreto Carvalho)
26, 27
- Antônio BARRETO
9 (57, 69, 77, 80), **10** (22, 79),
11 (99), **14** (66, 67), **15** (65),
16 (76)
- Antônio Carlos de Souza PEREIRA
15 (52)
- Antônio Carlos Gomes da COSTA
7 (49), **9** (71), **10** (85)
- Antônio Eduardo de CASTRO
14 (61)
- Antônio Eustáquio Costa DIAS
25
- Antônio Rodrigues ALVES JÚNIOR
23 (70)
- Antônio Rodrigues de SOUZA
25 (62, 63, 64, 65)
- Antônio Sérgio BUENO
7 (143)
- Arthur LOPES FILHO
13 (91, 92), **18** (127)
- Athos Batista FRANCO
4 (16)
- Avanilton Murilo de Aguiar CRUZ
15 (49), **16** (48)
- B**
- Bartolomeu Campos de QUEIRÓS
27
- Beatriz CHAVES
4 (80)
- Beatriz MENEZES
19
- Beatriz MOURÃO
22, 23, 25
- Beatriz R. Vasconcellos COELHO
9
- Bernardo Rigueira Rennó LIMA
26 (11)
- Branca Maria de PAULA
(Branca Maria de Paula Xavier)
13 (32), **17** (85)
- Bruno CORRÊA
26
- C**
- Carla da Costa TEIXEIRA
26
- Carlos Alberto Marques dos REIS
21, 22, 23, 24, 25, 26
- Carlos Alberto Marques dos REIS
22, 23
- Carlos Alberto Marques dos REIS
19 (100), **20** (78, 79, 80),
22 (81, 82), **25** (129), **26** (93)
- Carlos Antônio Leite BRANDÃO
14 (47)
- Carlos Augusto NOVAIS
25 (56, 58, 60)
- Carlos Eduardo CHEREM
23 (55)
- Carlos FELIPE
7 (87)
- Carlos Henrique BENTO
27 (133)
- Carlos Herculano LOPES
25, 26
- Carlos Herculano LOPES
15 (98), **16** (98), **19** (105),
25 (133, 134)
- Carlos M. de ANDRADE JÚNIOR
9 (19)
- Carlos Magno COELHO
19
- Carlos Magno Oliveira RODRIGUES
25
- Carlos Murilo Trindade MORENO
16, 17
- Caroline CRAVEIRO
27 (71, 73, 74, 75, 76)
- Cássio Barbosa CRUZ
19 (86), **20** (47, 49, 50, 51, 52)
- Celi Márcio SANTOS
(Celi Márcio Silva Santos)
25 (80), **26** (34)

César G.
27 (61, 63, 64, 65, 66)

César GUIMARÃES
(César Geraldo Guimarães)
21 (41, 73, 75, 79, 80, 81),
22 (150)

César Nardelli CAMBRAIA
23 (121), **25** (149)

Charles Magno MEDEIROS
7 (65), **9** (91)

Clarissa Cançado Lara RESENDE
15 (46)

Cláudia Diniz SILVEIRA
19

Cláudia Lília VERSIANI
3 (46)

Cláudia PAOLIELLO
19, 21

Cláudio da Cunha PIMENTA
12 (45)

Cleonice Paes Barreto MOURÃO
10 (149)

Constante PIERCE
25 (139)

D

Daniel Galupo de Paula PENNA
24 (28)

Danilo dos Santos PEREIRA
9 (98), **10** (106), **11** (84)

Danilo GOMES
4 (19), **7** (36), **8** (32, 119),
9 (45), **10** (135), **11** (95),
12 (107), **13** (63, 64), **14** (86),
15 (105), **16** (101, 144), **17** (92)

Delane Rosa TEIXEIRA
6

Delzi Alves LARANJEIRA
27 (125)

Denise Costa de ALMEIDA
22 (50, 53, 55, 58, 60, 73),
23 (21, 73), **24** (32, 57)

Denise RACHAEL
20

Denise R. RODRIGUES
19

Denis Leandro FRANCISCO
27 (137)

Domenique Lapouble CORREA
19

Duílio GOMES
4, 5, 6

Duílio GOMES
1 (11), **2** (24), **3** (14, 27), **4** (90),
5 (77), **6** (91), **7** (95), **8** (107),
9 (133), **10** (117), **12** (96),
13 (93), **14** (106), **15** (93),
16 (113, 144), **17** (105),
18 (123), **19** (117)

E

Edgar Pereira dos REIS
5 (72), **6** (9, 31)

Edmundo de Novaes GOMES
18 (43)

Edson Rodrigues de MORAIS FILHO
26 (17)

Eduardo Coutinho Lourenço de LIMA
27 (22)

Eduardo José TOLLENDAL
17 (52)

Eduardo LOPES
9 (99), **11** (87)

Edwardo Zampier SALLES
13 (20), **14** (34)

Eimir Fonseca MAGALHÃES
20

Élcio NAVES
3 (57, 58)

Eleonora Fernandes RENNÓ
1 (97)

Eliana NEHMY
6 (82, 84)

Éliane MOURÃO
21

Eliane MOURÃO
21 (105)

Elias JOSÉ
5 (71)

Elisa Maria PEREIRA
1 (61), **2** (23)

Elizabeth Lana da ROCHA
5

Elizabeth Netto Calil ZARUR
10, 11

Elvina Maria Caetano PEREIRA
25 (11, 14, 21)

Elza Beatriz de ARAÚJO
14 (64)

Eneida Maria de SOUZA
25

Erenice PICININ
6

Erlí de Oliveira Fantini CHACHAN
5, 6

Ernesto PENAFORT
7 (91)

Eugênio GOMEZ
7 (29, 51), **8** (70, 81), **9** (83),
11 (107)

Eugênio PACCELLI
(Eugênio Paccelli Horta)
19, 26

Eunice Dutra GALERY
13 (99), **14** (93), **15** (110), **17** (99),
18 (106, 107, 108, 109)

Eurípedes ALCÂNTARA
13 (66)

Evaldo Balbino da SILVA
27

Evaldo Balbino da SILVA
27

F

Fábio Alves da SILVA JÚNIOR
26 (103)

Fabrizio César da Cruz e FRANCO
22 (62, 65, 66, 67, 68),
26 (49, 51, 53, 55, 57)

Fabrizio MARQUES
(Fabrício Marques de Oliveira)
25 (30, 36, 39), **26** (29, 71)

Fausto Albuquerque MENDES
14 (27)

Fernando AUGUSTO
19

Fernando Baião VIOTTI
27 (39)

Fernando Coimbra PERDIGÃO
22, 23

Fernando CRUZ
(Fernando Gomes da Cruz)
19, 21

Fernando RIOS
1 (41), **2** (33)

Fernando Sant'Anna RUBINGER
6 (80)

Flávio Gonçalves MOTA
21 (55, 56, 57, 61, 62)
Francisco de Moraes MENDES
25
Francisco de Moraes MENDES
14 (9), **15** (9), **17** (12), **24** (11)
Francisco I
17 (62)
Frederico Ozanan DRUMMOND
4 (71)
Fritz Teixeira de SALLES
14 (57)

Giovani BERTU
12 (25)
Gisele de Moura SIQUEIRA
26
Glaura Mary PEREIRA
7
Glória Maria de MELLO
5 (111)
Gracia Regina GONÇALVES
19 (40, 47)
Guiomar de GRAMMONT
22 (29)

G H

Gabriela ARCINIEGAS
10 (122)
Gabriela G. GAZZINELLI
27 (25, 85)
Geraldo Breno Rodrigues AMARAL
26
Geraldo Félix LIMA
8 (52)
Geraldo Magela de Miranda LIMA
25
Geraldo ROBERTO
(Geraldo Roberto da Silva)
7, 9
Gérson Flávio Lopes BOSON
10
Gerson Murilo Ávila da CUNHA
16 (35)
Gerson Murilo Ávila de PAULA
13 (44), **15** (31)
Getúlio MOREIRA
20
Gina S. NOGUEIRA
19, 20

Heloisa Maria Murgel STARLING
27
Helton Gonçalves de SOUZA
27
Hélvia BARROS
4 (69)
Hélvio RODRIGUES
(Hélvio Rodrigues da Silva)
14, 15, 16, 17
Henriette Mourão do AMARAL
19 (77)
Henrique Milen Vizeu CARVALHO
27 (77, 78, 79, 80, 81)
Henry Corrêa de ARAÚJO
1 (23), **2** (31), **3** (37), **8** (102)
Hiran FIRMINO
9 (114)
Hugo de Almeida SOUZA
9 (122), **10** (52), **11** (9), **12** (85)
Humberto G. de OLIVEIRA NETO
15, 16
Humberto WERNECK
2 (16)

I

Iara de Oliveira e SILVA
5
Idalmo Geraldo DUARTE JÚNIOR
25 (50)
Idelber V. AGUIAR
22 (118)
Ilka Valle de CARVALHO
22 (95)
Ilza Matias de SOUSA
19 (155)
Ingeborg SCHEIBLE-TURCHETTI
19 (143)
Iriam Gomes STARLING
25
Íris Ribeiro de LACERDA
8
Irmgard SCHANNER
19
Isabel Cristina de Azevedo PASSOS
21, 22, 23, 24, 25, 26
Isabel Cristina de Azevedo PASSOS
8, 9, 10
Isabel RODRIGUES
26 (137)
Ivan CUPERTINO
25 (128)
Ivete Lara Camargos WALTY
14 (121), **18** (146)
Ivone Luzia VIEIRA
6
Jacira Meneghello DELVIVO
24 (23)
Jackson Drummond ZUIM
8 (55)

J

Jacques de Oliveira BERNARDES
25 (44)
Jader MARTINS
5 (56)
Jaime Prado GOUVÊA
3 (9, 23), **5** (9), **6** (17), **8** (27)
Jair Tadeu da FONSECA
25
Jan DECKERS
6
Jarbas Juarez ANTUNES
21, 23
Jaroslava DOPITOVA
8
Jean Cláudio FARIA
27 (33)
Jimmy LEROY
19
J. N. BEDRAN
18 (91, 92, 93)
Joanyr de OLIVEIRA
15 (66)
João Batista CRUZ
4 (38)
João Batista Viana DIAS
8 (93)
João Bosco Araújo MOREIRA
1 (75), **2** (59), **3** (67), **8** (113)
João Valdênio SILVA
20, 21, 22
Joaquim MARTINS
4 (70)
José Adércio LEITE
22 (17)
José Alexandre MARINO
(José Alexandre Gomes Marino)
12 (29), **13** (29, 45), **15** (67)

José Amâncio de CARVALHO
19 (95, 96), **21** (87, 88),
22 (84), **26** (92)
José Américo MIRANDA
25
José Américo MIRANDA
25 (145)
José Angel Silva DELGADO
12 (42)
José A. R. FROTA
26 (94)
José Cândido de SIQUEIRA
15 (50)
José F. G. GABRICH
1 (57)
José Gomes da COSTA
9 (84)
José Liberato Costa PÓVOA
10 (39), **11** (39), **13** (9),
14 (18), **15** (19)
José Luiz Deroma e SILVA
17 (46)
José Márcio PENIDO
2 (18)
José Maria BRAGA
15 (14)
José Mariano da CUNHA FILHO
19 (87)
José M. Fernandes MACHADO
20
José Narciso BEDRAN
18 (91, 92, 93), **19** (108)
José Ricardo OZÓLIO
15
José Wilson Barbosa de SALES
17 (23)

Joviano Gonçalves dos SANTOS
16 (25), **17** (32)
Jovino MACHADO
(Jovino Rabêlo Machado)
24 (81, 82, 83, 84, 85)
Joyce Maria Silveira BRANDÃO
7, 8
Júlio Espindola de CASTRO NETO
9, 10
Júlio PINTO
24 (129)
Julizar DANTAS
17 (61)
Jussara SANTOS
25 (23, 26, 28)
Jymmy LEROY
18, 19

K

Kássia Gonçalves ROCHA
25
Kenneth ALBERNAZ
(Kenneth Albernaz Barbosa)
9 (39), **11** (111), **16** (92)

L

Lauro Augusto Machado COELHO
2 (51, 52, 75), **3** (107), **8** (125)
Lauro Belchior MENDES
9 (151), **19** (129), **20** (95),
21 (117)
Leandro G. de Abreu TEIXEIRA
8
Léa Nilce MESQUITA
4 (56), **5** (65), **6** (69)
Léa Selma AMARAL
14 (130), **15** (129), **20** (117)

Leda Maria MARTINS
14 (59), **17** (68), **18** (89)
Leila Pontes de ALBUQUERQUE
6
Leopoldo COMITTI
24
Leopoldo COMITTI
20 (106), **24** (147)
Letícia MALARD
26
Letícia MALARD
26 (107)
Liana VALE
10 (88)
Libério NEVES
7 (76), **8** (91)
Lígia MUNIZ
(Lígia Augusta Muniz)
11 (69), **12** (68)
Liliana Helita T. Mendes OLIVEIRA
7 (67)
Liliane Izapovitz ROMANELLI
8, 9
Livia Haele ARNAUT
26
Lucas Tadeu SALGADO
11
Lúcia AFONSO
15 (69)
Lucia CASTELLO BRANCO
25
Lucia CASTELLO BRANCO
10 (72), **11** (29, 70), **12** (21, 40),
13 (41), **15** (70), **16** (67), **17** (69)
Lúcia Gouvêa PIMENTEL
20 (76)

Lúcia MOTA
21

Luci Clea SOALHEIRO
18 (79, 80), **20** (63)

Lúcio César de OLIVEIRA
19

Lúcio Emílio do ESPÍRITO SANTO
18 (30)

Lúcio Flávio Ribeiro BAÍÁ
7

Luis Alberto BRANDÃO
(Luis Alberto F. Brandão Santos)
27

Luis Alberto BRANDÃO
21 (105), **22** (11, 14, 15, 35, 44,
45, 48, 49), **23** (26, 46), **24** (20,
43, 45, 47, 50, 55, 87), **25** (67, 71,
72, 74, 76, 83), **27** (155, 157)

Luis Carlos ALVES
7 (73), **8** (87, 88), **9** (92, 93, 95),
10 (102, 103), **11** (81, 83), **13** (61)

Luis Fernando de A. FIGUEIREDO
4 (24), **5** (32)

Luis Gonzaga VIEIRA
1, 2, 3

Luis Gonzaga VIEIRA
1 (78), **2** (61), **3** (84), **7** (113),
23 (101)

Luis Claudio Vieira de OLIVEIRA
20

Luiz Claudio Vieira de OLIVEIRA
21 (108), **24** (137), **26** (144)

Luiz Dias BAHIA
23 (11), **24** (71, 72, 73, 75, 76)

Luiz Fernando EMEDIATO
(Luiz Fernando de Souza Emediato)
7 (62), **8** (45, 65),
9 (11), **10** (11, 82)

Luiz Márcio Ribeiro VIANA
4 (11), 5 (37)

Luiz Otávio Linhares RENAULT
6 (56), 9 (81)

Luiz Otávio Savassi ROCHA
16 (135)

Luiz VILELA
1, 2

Luiz VILELA
1 (71), 23 (87)

M

Mabel de Britto LOMMEZ
1 (65)

Madge Harry O'BRIEN
5

Magda Famil GARCIA
27

Magda Famil GARCIA
27

Magda FREDIANI
(Magda Frediani Martins)
7

Magda FREDIANI
5 (51, 67), 7 (82, 85)

Magda Rezende de OLIVEIRA
19

Magda Velloso F. de TOLENTINO
20 (85), 21 (97), 23 (115)

Magda VELOSO
24 (107)

Manoel Marcos R. das NEVES
25 (79)

Marcelo DRUMMOND
(Marcelo Drummond Lage)
25

Marcelo KRAISER
24, 26

Marcelo Ribeiro Leite de OLIVEIRA
20 (36)

Márcia Meyer Ferreira GUIMARÃES
7, 8

Márcia RAMALHO
7 (108)

Marcília Luciano AZEVEDO
6, 7

Marcílio França CASTRO
19 (60), 20 (13)

Márcio de Oliveira BAHIA
27 (142)

Márcio José da Cunha JARDIM
7 (14)

Márcio SAMPAIO
11, 21, 22, 23

Márcio Venício BARBOSA
23 (125)

Marco Aurélio Duarte GONÇALVES
1 (37), 2 (40)

Marcos Áureo LUIZ
26 (31)

Marcos Diniz MUNDIN
5 (29)

Marcus BACAMARTE
19 (101, 102)

Marcus Micheletti DIAS
5

Marcus Vinícius Araújo NASCIMENTO
15 (72), 16 (73)

Margarida Geralda Santos CENDON
7

Maria Alice Martins Alves COSTA
6 (62)

Maria Antonieta Antunes CUNHA
9, 10, 11, 12

Maria Auxiliadora Cunha GROSSI
16 (59)

Maria Auxiliadora ROCHA
6 (51)

Maria BARBOSA
8

Maria Beatriz A. S. BRETAS
15

Maria Beatriz Chaves ARAÚJO
6 (121)

Maria Beatriz de Mattos ALMEIDA
(Maria Beatriz M. A. Satler Bretas)
13, 14

Maria Beatriz Mac Dowell da COSTA
18 (36)

Maria CALDEIRA
7

Maria Cármem Batista BAHIA
5

Maria Cecília de OLIVEIRA
4 (35)

Maria Clara Arreguy MAIA
14 (68)

Maria Consuelo Neiva PORTO
6 (70), 7 (52)

Maria Consuelo Porto GONTIJO
12 (59, 61), 13 (73, 74, 77),
14 (63), 15 (73), 16 (74), 17 (70)

Maria Cristina Ferreira de MELO
6

Maria da Graça Britto de AZEVEDO
8 (79)

Maria das Graças R. PAULINO
15 (147)

Maria das Graças SILVA
6 (40)

Maria de Fátima ROCHA
10 (92)

Maria do Carmo ALMEIDA
19

Maria do Carmo BRANDÃO
(Maria do Carmo da F. Brandão)
4 (73), 14 (91), 15 (104), 17 (72,
96), 18 (104, 105), 20 (91, 92)

Maria do Carmo de CARVALHO
16 (40)

Maria do Carmo Lanna FIGUEIREDO
17 (115)

Maria do Carmo O. da FONSECA
23

Maria do Espírito Santo GONTIJO
19 (34, 35, 37)

Maria Esther MACIEL
(Maria Esther Maciel de Oliveira)
25

Maria Esther MACIEL
18 (47, 74, 75, 76), 23 (39, 40, 42,
44, 45, 72), 25 (127)

Maria José Boaventura LEITE
10

Maria José Somerlate BARBOSA
15 (34)

Maria Lídice FARIA
7, 8

Maria Lúcia Silva COUTO
11 (57)

Maria Magdalena Lana GASTELOIS
17 (73)

Maria Mercês de SÁ
5

Maria Nazareth Soares FONSECA
22 (83)

Mariângela de Andrade PARAIZO

27

Maria Souza MUNIZ

2 (46)

Maria Valéria Fleury A. HENRIQUES

6

Maria Zilda Ferreira CURY

18 (131)

Marilda CASTANHA

27

Mário ZAVAGLI

22

Marisa Santos de Castro FERRARI

6

Marisa Vasconcelos DUTRA

19

Marlúcio José de GODOY

7 (60)

Marta Vieira SILVA

16

Maurício Fernandes de CASTRO

20 (19)

Maurício Lara CAMARGOS

19 (53)

Mauro Lúcio STARLING

5

Max MARTINS

7 (90)

Melânia Silva de AGUIAR

16 (87)

Michèle LALONDE

18 (95)

Miguel Ângelo Freitas RIBEIRO

13 (55)

Miriam L. Moreira LEITE

3 (70)

Mirian Lourdes S. Osório VIEIRA

26

Moacyr LATERZA

8 (90), **10** (101), **17** (63)

Mônica de Catella NORONHA

7 (46), **8** (77), **9** (89)

N

Napoleão Laureano de ANDRADE

13 (52)

Nelson Ricardo Guedes dos REIS

27 (91)

Nilza Rocha FERES

15 (80)

Nirley A. OLIVEIRA

22 (131)

Nuno Tomaz Pires de CARVALHO

12 (37), **18** (68, 70, 71, 72, 73)

O

Octávio R. MENDONÇA NETO

9 (111)

Odilon MACHADO JÚNIOR

3 (21), **4** (31), **5** (15)

Olímpio José PIMENTA NETO

20 (27, 65)

Orlando BIANCHINI

8, 9, 10, 11, 12

Orlando BIANCHINI

8 (92), **9** (96), **21** (89), **22** (156)

Osias Ribeiro NEVES

8 (63), **9** (61), **10** (56, 86), **11** (65),

12 (16, 47), **13** (68, 70, 71)

Oswaldo Antônio F. da CUNHA

5 (27), **6** (44)

Oswaldo Augusto P. TEIXEIRA

26 (59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67)

Oswaldo Eustáquio de MELO

5 (42, 58)

P

Paula Regis JUNQUEIRA

8, 9

Paulinho ASSUNÇÃO

15 (85), **16** (70), **17** (77), **18** (100)

Paulo Bernardo VAZ

27

Paulo de ANDRADE

27 (19, 51, 52, 53, 54, 55)

Paulo de Tarso CORRÊA

13, 14

Paulo Roberto BARBOSA

23

Paschoal MOTTA

15 (83), **17** (76)

Pedro IPIRANGA JÚNIOR

27 (105)

Plínio CARNEIRO

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12,

13, 14, 15, 16, 17

Plínio CARNEIRO

4 (94), **5** (80), **6** (95), **7** (99), **8** (109),

9 (138), **10** (142), **11** (117),

13, (107), **14** (112), **15** (122),

16 (116), **17** (94), **18** (9), **23** (79)

Pompea Peret Britto da ROCHA

21

P. PONTES

1 (49, 50, 51, 52, 53, 54, 63),

2 (54), **3** (60, 62), **8** (95), **12** (81)

R

Raimundo Nonato B. de CARVALHO

15 (43)

Raisa Maria dos Santos LAJE

16 (37)

Regina Horta DUARTE

24 (113)

Regina Lúcia Ferreira NEVES

7 (33), **8** (15)

Regina NEVES

11 (102)

Regina SOUZA

5 (66)

Régis Antônio Duarte GONÇALVES

3 (40), **4** (46, 61), **12** (67)

Reinaldo Martiniano MARQUES

22

Reinaldo REIS

12 (69)

Renato de PINHO

12 (71), **15** (75), **16** (65)

Ricardo ALEIXO

(Rique Aleixo)

22 (147)

Ricardo Márcio CAMARGOS

14 (49)

Rita ESPESCHIT

(Rita de Cássia Espeschit Braga)

25, 26

Rita ESPESCHIT

14 (42), **17** (51), **19** (79, 80, 81,

82), **20** (32), **21** (45, 49, 51, 52,

54), **25** (130)

Roberto Barros de CARVALHO

16 (55), **17** (45), **18** (82, 83, 84)

Roberto de Oliveira MELO

26

Rodrigo Podiacki B. de MENEZES

27 (114)

Ronald CLAVER

(Ronald Claver Camargo)

7, 8, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20,

21, 22, 23, 24, 25, 26

Ronald CLAVER

20, 22, 23, 24, 25, 26, 27

Ronald CLAVER
4 (50, 64), **5** (49, 68), **6** (77, 79),
7 (79, 143), **8** (99, 101), **9** (101),
10 (107), **11** (89), **12** (75), **13** (79),
14 (70), **15** (87), **16** (78, 82),
17 (81), **18** (94), **19** (97),
20 (74, 75), **23** (82, 83), **24** (99)

Rosa Helena RAZUCK
11

Rosa Maria Alves PEREIRA
17

Rosa Maria Neves da SILVA
21

Rosa NEVES
15 (89)

Rosângela CARVALHO
11

Rosângela de Carvalho FERREIRA
5

Rosângela Teixeira LISBOA
8

Rúbia ROBERTA
(Rúbia Roberta R. S. Furtado)
13, 14, 15, 16, 17, 18

Rui ROTHE-NEVES
25 (119), **26** (132)

Ruth Silviano BRANDÃO
(Ruth Silviano Brandão Lopes)
13 (118), **22** (153), **26** (123)

S

Salomão SOUZA
16 (75), **17** (78)

Sâmia AKL
8 (75)

Sandra Cristina de Oliveira CASTRO
10

Sandra Duarte PENNA
14 (40), **17** (9)

Sandra LYON
6 (25, 37), **7** (9, 40), **8** (20),
9 (33, 52), **10** (17), **11** (35),
13 (96), **14** (77), **15** (101),
16 (111), **17** (110), **18** (121)

Sandra Mansur FROES
10 (91)

Sandra Maria BIANCHI
10

Sandra Maria BIANCHI
7

Sérgio Aurélio de SOUZA
18 (102, 103),
21 (63, 64, 65, 69, 70), **22** (87)

Sérgio Bittencourt ALMEIDA
10 (131)

Sérgio Coelho de MEDEIROS
16 (57), **17** (43), **18** (59), **19** (67),
20 (41)

Sérgio FANTINI
(Sérgio Francisco Cruz Fantini)
19 (58, 85)

Sérgio MORAIS
(Sérgio Nunes de Moraes)
9, 10, 11

Sergio PEIXOTO
(Sergio Alves Peixoto)
21, 27

Sergio PEIXOTO
25 (139)

Sérgio SANT'ANNA
(Sérgio Andrade Sant'Anna e Silva)
3

Sérgio SANT'ANNA
1 (27), **3** (76), **27** (157)

Sérgio TROSS
(Sérgio Roberto Duarte Tross)
5 (21)

Sidney MARTINS
15 (61)

Silvia Campos AROEIRA
25

Sílvia RUBIÃO
(Sílvia Rubião Resende)
10 (48), **13** (35)

Simone Cerqueira BATITUCCI
20 (123)

Simone Maria de SOUZA
19 (88)

Sócrates Zenóbio PINHEIRO NETO
12 (53)

Sólon de ARAÚJO
14 (30)

Sônia QUEIROZ
(Sônia Maria de Melo Queiroz)
20

Sônia QUEIROZ
9 (72), **10** (80), **14** (37), **15** (44),
16 (47), **17** (102), **24** (100)

Soraya Fernandes LAGES
20

Stela Cardoso de CARVALHO
7 (19)

Suzana Cardoso T. de SALLES
16 (127)

T

Tânia DINIZ
21 (90, 96), **22** (101), **23** (81)

Telma Mourão BLANCK
25 (109)

Terezinha Moraes de REZENDE
8

Terezinha Taborda MOREIRA
21 (29, 33, 34)

Thaís GUIMARÃES
19 (90)

Tila Amarante COHEN
26 (95)

Túlio Márcio de OLIVEIRA
25

V

Valdimir DINIZ
3 (59)

Valéria Furtado AZEVEDO
9 (100), **10** (104), **11** (85),
12 (63, 65)

Valéria Martins de SOUZA
21 (130)

Valmiki Vilela GUIMARÃES
1 (56), **17** (79)

Vânia de Campos MENEZES
6

Vanice Ayres LEITE
5

Venus Brasileira COUY
21 (18, 23, 25), **22** (74)

Vera CASA NOVA
(Vera Lúcia de Carvalho Casa Nova)
25

Vera Lúcia ANDRADE
10 (160), **11** (123)

Vera Lúcia Felício PEREIRA
22 (105)

Vera MENEZES
(Vera Lúcia M. de Oliveira e Paiva)
20 (81), **21** (93), **22** (89),
23 (111), **24** (103), **25** (135),
26 (99, 103)

Em vinte e sete concursos,
a estatística da RL está assim:

REVISTA	ANO	ESTUDANTES	TRABALHOS INSCRITOS						Total
			Contos	Poemas	Narrativas infantojuvenis	Ensaio	Resenhas	Ilustrações	
RL 1	—1966	— 61	— 18	— 146					— 164
RL 2	—1967	— 102	— 57	— 198					— 255
RL 3	—1968	— 46	— 38	— 131					— 169
RL 4	—1969	— 121	— 76	— 265					— 341
RL 5	—1970	— 105	— 131	— 221					— 352
RL 6	—1971	— 161	— 68	— 257					— 325
RL 7	—1972	— 123	— 118	— 231					— 349
RL 8	—1973	— 199	— 144	— 338					— 482
RL 9	—1974	— 269	— 172	— 478				— 19	— 669
RL 10	—1975	— 92	— 96	— 230				— 12	— 338
RL 11	—1976	— 76	— 57	— 275				— 11	— 343
RL 12	—1977	— 140	— 108	— 515					— 623
RL 13	—1978	— 77	— 54	— 295					— 349
RL 14	—1979	— 123	— 90	— 560					— 650
RL 15	—1980	— 185	— 159	— 720					— 879
RL 16	—1981	— 126	— 84	— 530					— 614
RL 17	—1982	— 123	— 54	— 545					— 599
RL 18	—1983	— 107	— 80	— 403					— 483
RL 19	—1984 -1985	— 96	— 30	— 429				*	— 459
RL 20	—1987 -1988	— 66	— 52	— 240					— 292
RL 21	—1988 -1989	— 139	— 75	— 585				*	— 660
RL 22	—1989 -1990	— 159	— 95	— 643				*	— 738
RL 23	—1990 -1991	— 168	— 97	— 648				*	— 745
RL 24	—1991 -1992	— 202	— 109	— 849				*	— 958
RL 25	—1993 -1994	— 205	— 113	— 799		— 7		*	— 919
RL 26	—1995 -1996	— 246	— 153	— 995				*	— 1.148
RL 27	—2001 - 2002	— 129	— 51	— 308	— 20	— 12	— 4	— 26	— 421
TOTAL		— 3.646	— 2.379	— 11.834	— 20	— 19	— 4	— 68	— 14.324

* Houve concurso de ilustrações, mas não consta o número de inscritos.

R454

RL- Revista Literária da UFMG-50 anos / Fernanda Goulart, Luis Alberto Brandão (Organizadores). – Belo Horizonte : Faculdade de Letras da UFMG, 2016. 252 p. : il. (color)

Vários autores.

Inclui índice.

ISBN: 978-85-7758-300-3 (impresso)
978-85-7758-299-0 (digital)

1. Revista Literária do Corpo Discente da UFMG (Revista). 2. Periódicos brasileiros – História. 3. Literatura brasileira – Periódicos – Minas Gerais. I. Goulart, Fernanda. II. Brandão, Luis Alberto. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV. Revista Literária da UFMG.

CDD : B869.05

Faculdade de Letras da UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627
Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil
CEP: 31270-901
Telefone: (31) 3409-5101
<http://www.letras.ufmg.br>

ACERVO DIGITAL DA RL:
http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/literaria_corpo_discente

PÁGINA DA RL NA INTERNET:
<https://www.facebook.com/rlufmg>



Este livro foi impresso

em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil,
na Imprensa Universitária da UFMG,
com papel pólen bold 90g,
nas fontes Berthold Akzidenz Grotesk e
New Caledonia,
na primavera de 2016.

ISBN 978-85-7758-300-3



9 788577 583003 >

**50 ANOS DA CRIAÇÃO
DA REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA UFMG**

30 ANOS DE ATIVIDADE
27 EDIÇÕES
4.513 PÁGINAS
300 AUTORES
110 ILUSTRADORES
17 EDITORES

PAIXÃO PELA ARTE

INQUIETAÇÃO EXISTENCIAL

DOS CONCURSOS
PROMOVIDOS PELA RL
PARTICIPARAM

DENSIDADE HISTÓRICA

3.600 UNIVERSITÁRIOS
14.200 TEXTOS
ENTRE OS QUAIS
11.800 POEMAS
2.300 CONTOS

VITALIDADE CONCENTRADA

